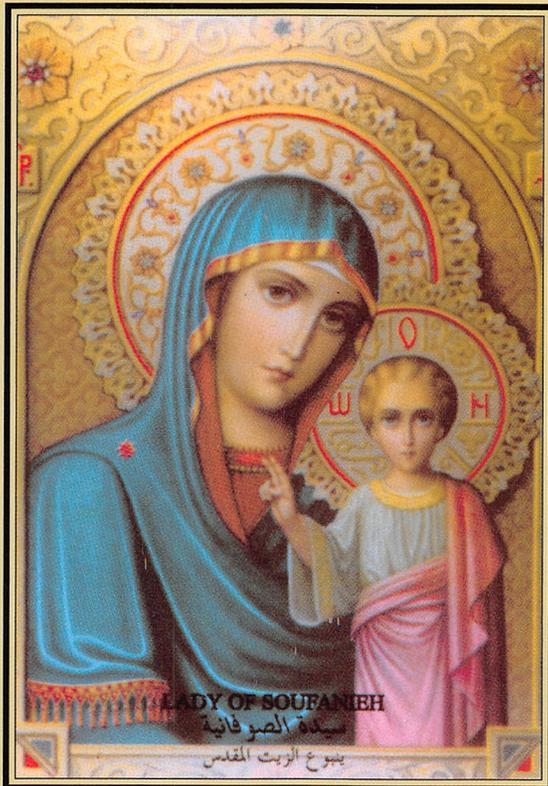


Padre Elias ZAHLAOUI
Em colaboração com Bernardette Dubois

LEMBRAI-VOS DE DEUS

Mensagens de Jesus e Maria em Soufanieh - Damasco



Padre Elias ZAHLAOUI
Em colaboração com Bernardette Dubois

LEMBRAI-VOS
DE DEUS

Mensagens de Jesus e Maria em Soufanieh - Damasco

Título do original francês:

Souvenez-vous de Dieu
Messages de Jésus et Marie à Soufanieh

Ed. O.E.I.L.
27, rue de l'abbé Grégoire
Paris 6°

Tradução portuguesa por :
Maria A. Lima

THE JOURNAL OF THE AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION
PUBLISHED WEEKLY
535 N. Dearborn Street, Chicago, Ill., U.S.A.
Subscription price, \$5.00 per annum in advance

Volume 61
Number 1
January 1938



Published by the American Medical Association
535 N. Dearborn Street, Chicago, Ill., U.S.A.

«Vai e anuncia ao mundo inteiro e diz-lhe sem medo que trabalhem pela unidade»

Respondendo ao apelo de Jesus Cristo, Myrna fez-se peregrina e, realizando o percurso inverso ao de Saulo que, a caminho de Damasco, sentiu a Presença de Cristo obstando a sua perseguição aos cristãos, esta mulher, frágil e simples, sai da mesma cidade, após ter recebido também ela, a extrema Graça da Presença de Cristo e do Seu incitamento.

Visitou-nos no ano de 1999 e trouxe-nos, nessa “Semana de Oração pela unidade dos Cristãos”, a mensagem viva de Jesus: **«Diz aos Meus filhos que é a eles que Eu peço a unidade».**

Myrna veio até nós. Myrna esteve entre nós testemunhando o amor com que o Pai acolhe todos os Seus filhos.

Foi em Novembro de 1982, quando Myrna rezava junto de um familiar doente, que as suas mãos se cobriram de óleo. Alguns dias mais tarde, também uma estampa reproduzindo o ícone de Nossa Senhora de Kazan, começou a exsudar o mesmo óleo.

Para esta jovem recém casada de 18 anos, humilde, de educação cristã, residente em Soufanieh (um antigo bairro da cidade de Damasco – Síria), era demasiado surpreendente e inexplicável o que lhe estava a acontecer. Assim, juntamente com os pais (pai católico, mãe ortodoxa) e o marido Nicola, ortodoxo e bastante mais velho do que ela, decidiu guardar segredo do que dificilmente conseguiria explicar.

Porém, desceu até ela uma Voz Feminina que lhe disse: «Não temas. Eu estou contigo. Abri as portas e deixai que todos vejam». A partir desse instante as portas de sua casa mantiveram-se abertas e foram muitas as pessoas que começaram a orar junto do ícone.

Cinco espécies de fenómenos se observaram, desde então, em Soufanieh: -exsudações de óleo a partir de reproduções do ícone (contam-se mais de mil reproduções) e do corpo de Myrna (nas mãos e no rosto, em diversas ocasiões, sobretudo no período das festas cristãs mais significativas)

- aparições da Virgem, êxtases, estigmas e mensagens.

Após terem sido realizadas análises em laboratórios de vários países, os resultados são unânimes e irrefutáveis: trata-se de azeite 100% puro que, em circunstância nenhuma poderia ser produzido pelo corpo humano ou pelo papel.

As aparições da Virgem foram em número de cinco, nos primeiros quatro meses, sempre no terraço da casa. A partir de 28 de Outubro de 1983, Myrna teve trinta e três êxtases, tendo-lhe aparecido Jesus e a Virgem. Recebeu os estigmas pela primeira vez no dia 25 de Novembro de 1983, uma Sexta-feira e ainda mais três vezes nos anos de 1984, 1987, e 1990, coincidindo sempre com a simultaneidade da Semana Santa das Igrejas Católica e Ortodoxa.

A mensagem de Soufanieh releva a necessidade da Unidade da Igreja e a importância da Família (será pertinente relembrar que estas manifestações se revelam no seio de uma família cristã “mista”).

O fenómeno é, desde o início, acompanhado pelos padres católicos Elias Zahlaoui e José Malouli (Lazarista), este último conhecido pelo seu cepticismo em relação a manifestações deste tipo.

O próprio Núncio local encara os acontecimentos de forma muito positiva e, sempre que Myrna se desloca em missão, fá-lo com o seu conhecimento, fazendo-se acompanhar do Padre Elias Zahlaoui ou do Padre Paul Fadel. Em Dezembro de 1992, a Igreja Ortodoxa Grega considerou o ícone miraculoso e, no Congresso Teológico de Munster, em 1991, foi realizado um estudo das mensagens tendo-se concluído que estas se revelavam consonantes com os ensinamentos da Igreja e dos Santos Evangelhos, adaptadas ao nosso tempo e circunstâncias.

«Não escolhas o caminho porque Eu já to tracei» diz Jesus a 10 de Outubro de 1988.

O caminho trilhado por Myrna, desde então, é Aquele que é traçado pela Mão do Pai e, foi esse Caminho que a trouxe até nós, numa atitude simultânea de caminhante e de mensageira da UNIDADE, do AMOR, e da FÉ, instrumento de Cristo Vivo entre os Seus filhos e que permanecerá em nós para sempre.

«Meus filhos, vós ensinareis às gerações as palavras de Unidade, de Amor e de Fé. Eu estou convosco».

Irene Figueiredo

Prefácio da edição francesa

Quando o encontrei pela primeira vez, o Padre Elias Zahlaoui trazia para França a tradução, que acabara de fazer, do seu livro sobre os acontecimentos de Soufanieh editado na Síria. O Padre Zahlaoui é, com o Padre Malouli, um dos sacerdotes que seguiram de perto, desde o início, o desenrolar dos factos e que asseguraram a necessária assistência espiritual a Myrna e seu marido Nicolas.

Desde logo me tocaram a qualidade e a força espirituais que emanavam do Padre Zahlaoui e a clareza da sua palavra de padre, impregnada de profunda humildade e coragem, que punham imediatamente o seu interlocutor perante Deus.

Depois, no decurso da conversa, enquanto ele analisava frase a frase a primeira mensagem da Virgem em Soufanieh, para evidenciar todo o seu alcance, tornou-se-me clara uma outra evidência.

O Padre Elias Zahlaoui é perfeitamente bilingue. Padre árabe sírio, muito ligado ao seu país, à sua língua, à sua cultura, possui também um conhecimento e uma capacidade de utilização do francês que muitos de nós poderíamos invejar e que ultrapassa a simples prática da língua: ele domina-lhe todas as cambiantes.

Ora, as mensagens dirigidas por Jesus e Maria a Myrna, jovem árabe de Damasco, na Síria, são é claro, dadas em árabe. E a tradução directa, quase literal, que realizaram em conjunto os Padres Malouli e Zahlaoui, são muitas vezes desconcertantes para os nossos espíritos de Ocidentais. Corremos o risco de não apreender logo à primeira vista todo o alcance.

Aí, o duplo domínio linguístico do Padre Elias Zahlaoui, revela-se precioso. Tão à vontade no francês como no árabe, permite-nos, a nós ocidentais, aceder um pouco à excepcional riqueza que encerram estas mensagens transmitidas através de uma língua e uma cultura semíticas. Descobre-se também a impressionante semelhança deste mundo árabe cristão com o mundo evangélico. Quando se ouve o Padre Zahlaoui traduzir e comentar as mensagens de Soufanieh, reencontra-se a atmosfera dos primeiros tempos do cristianismo, quando o anúncio do Evangelho saía da boca dos Apóstolos e discípulos, sob a acção do Espírito Santo. Não esqueçamos que a Síria, com Damasco e Antioquia principalmente, foi uma das primeiras terras de cristianização.

Uma outra vantagem da explicação das mensagens por um padre sírio é o facto de no-las apresentar na realidade concreta do país em que são dadas. É claro que, quando Cristo e Maria falam, dirigem-Se a todos, de uma maneira universal: a prova é que Eles convidam Myrna a difundir a mensagem por todo o mundo. Mas fazem-no numa lógica de Encarnação, dirigindo-Se a determinada pessoa, numa situação precisa e num país concreto. Portanto, o conhecimento do contexto esclarece de maneira luminosa o sentido das mensagens e permite entrar em comunhão mais íntima com aqueles que as recebem.

Assim, enquanto escutava o Padre Zahlaoui, fui adquirindo a certeza da necessidade de partilhar e difundir o mais possível uma tal riqueza.

Deste modo nasceu este livro, fruto de uma colaboração confiante, mas em que a profunda substância e a originalidade de expressão devem tudo ao Padre Zahlaoui: ao serviço da sua radiosa espiritualidade, o seu estilo pessoal, em ritmo de grande beleza, resulta em textos resplandecentes.

Havia apenas uma pequena dificuldade para a sua realização: como distinguir, no texto impresso, as mensagens propriamente ditas das palavras por vezes postas directamente na boca de Cristo ou de Sua Mãe pelo Padre Zahlaoui? Transcrevemos as primeiras em itálico, enquanto que as segundas estão em caracteres romanos. Na primeira parte publicamos, ao lado de cada comentário, o texto integral da respectiva mensagem, com enquadramento. Esperamos ter assim facilitado o acesso à riqueza espiritual da mensagem e dos acontecimentos de Soufanieh. Quanto aos aspectos históricos, estão bem desenvolvidos numa outra obra, dada à estampa simultaneamente pelo mesmo editor e de que esta é complementar, obra de grande interesse para quem quiser debruçar-se seriamente sobre os acontecimentos de Soufanieh.¹

Bernardette Dubois

¹ Crónica das aparições e dos acontecimentos de Soufanieh – 1982-1991, pelo Padre Elias Zahlaoui O.E.I.L., 1991

Primeira Parte

**AS MENSAGENS
DA VIRGEM MARIA
E DE CRISTO
EM SOUFANIEH**

Introdução

Os acontecimentos de Soufanieh começaram no sábado 27 de Novembro de 1982, véspera do primeiro domingo do Advento, por uma exsudação de óleo de uma pequena imagem da Virgem, em casa de um casal de recém-casados, Nicolas e Myrna Nazzour. Esta exsudação de óleo produziu-se depois também nas mãos e em várias partes do corpo da jovem esposa. Enfim, a partir de 15 de Dezembro de 1982, a Virgem manifestou-se a Myrna, em aparições, e depois a Virgem e Cristo, em êxtases, durante a maior parte dos quais lhe comunicaram mensagens.

É através das mensagens dadas em Soufanieh que se pode realmente compreender o porquê destes múltiplos sinais que o Senhor constantemente nos dá. É necessário lê-los integralmente a todos, meditá-los, para discernir, tanto quanto o permite o nosso entendimento, o sentido total destes acontecimentos.

Eu diria que não nos compete agora, a nós, tentar determinar esse sentido. O sentido dos acontecimentos de Soufanieh encontra-se no coração d'Aquele que os provocou, isto é, no coração do próprio Deus.

Perante o óleo que fluía, a reacção imediata das pessoas foi a oração.

Houve também quem criticasse, recusasse, quisesse fazer-se inteligente.

E continua a haver. Em número reduzido, cada vez mais reduzido.

Mas o sentido profundo, não somos nós que o descobrimos, é Deus que no-lo descobre.

No início, víamos o óleo a escorrer e rezávamos.

Depois, lentamente, revelaram-se-nos os novos aspectos deste fenómeno, com as aparições de Maria a Myrna e os êxtases; aparições e êxtases geralmente acompanhados de mensagens.

É pelas mensagens, que tivemos a dita de ouvir, que podemos receber a palavra do Senhor e compreender o verdadeiro alcance deste fenómeno que se chama Soufanieh.

MENSAGENS

Segunda aparição

Primeira mensagem. Sábado 18 de Dezembro de 1982 – 23h37

«Meus filhos,

Lembrai-vos de Deus: Deus está connosco.

Conheceis tudo e não conheceis nada.

O vosso conhecimento é imperfeito.

Mas virá o dia em que conhecereis todas as coisas como Deus Me conhece.

Fazei o bem a quem faz o mal. E não prejudiqueis ninguém.

Dei-vos mais óleo do que pedistes, e vou dar-vos algo bem mais forte que o óleo.

Arrependei-vos e acreditai, e lembrai-vos de Mim na vossa alegria.

Anunciai o Meu Filho, o Emanuel.

Quem O anuncia está salvo, e quem não O anuncia é vã a sua fé.

Amai-vos uns aos outros.

Não peço dinheiro para as igrejas nem para distribuir pelos pobres.

Peço o Amor.

Os que dão dinheiro aos pobres e às igrejas sem ter amor, nada são.

Visitarei mais os lares, porque os que vão à igreja nem sempre vão para rezar.

Não peço que Me construam uma igreja, peço um lugar de oração.

Dai.

Não deixeis de ajudar nenhum dos que vos pedem auxílio».

Segunda aparição
Primeira mensagem
Sábado, 18 de Dezembro de 1982

O verdadeiro alcance do fenómeno de Soufanieh aparece logo desde a primeira mensagem, dada pela Virgem durante a segunda aparição.

Digo primeira mensagem e segunda aparição porque, na primeira aparição Myrna estava tão perturbada que fugiu. Helena, a cunhada, pensando que ela enlouquecera começou a dar-lhe bofetadas. E, é claro que a Virgem nada disse.

Apareceu de novo a Myrna três dias depois, na noite de 18 de Dezembro de 1982. Esta tinha-se já preparado, na oração, para A acolher. E foi então que Maria lhe deu uma mensagem, cujo conteúdo eu diria que constitui o programa, ou um dos múltiplos aspectos desse programa, que pode ser considerado como o sentido dos acontecimentos de Soufanieh. Basta-me lê-lo integralmente pondo em relevo os pontos principais, para que vos deis conta de que esta mensagem é, verdadeiramente, todo um programa.

Meus filhos, lembrai-vos de Deus, porque Deus está convosco. Vós conheceis todas as coisas e não conheceis nada.

O vosso conhecimento é incompleto.

Mas virá o dia em que conhecereis todas as coisas como Deus Me conhece. Fazei o bem a quem faz o mal e não prejudiqueis ninguém.

Dei-vos mais óleo do que pedistes e vou dar-vos algo bem mais forte que o óleo.

Arrependei-vos e acreditai, e lembrai-vos de Mim na vossa alegria.

Anunciai o Meu Filho, o Emanuel.

Quem O anuncia está salvo. Quem não O anuncia, é vã a sua fé.

Amai-vos uns aos outros.

Não peço dinheiro para igrejas nem para distribuir pelos pobres. Peço o amor.

Os que dão dinheiro aos pobres e às igrejas e não têm amor nada são.

Visitarei mais os lares, porque os que vão à igreja nem sempre vão para rezar.

*Não peço que Me construam uma igreja, peço um lugar de oração.
Dai.
Não deixeis de ajudar nenhum dos que vos pedem auxílio.*

É um programa completo.

Primeiro:

Deus está connosco.

Voltai para Deus, Ele está connosco.

Queiramos ou não, Ele está connosco.

É o Emanuel.

Segundo:

O que caracteriza o homem é o conhecimento.

E o homem, em nome do conhecimento e da ciência, muitas vezes pensa que pode dispensar Deus.

A Virgem diz-nos que, realmente conhecemos.

Conhecemos tudo, como cremos.

Mas de facto não conhecemos nada.

A nível do mundo material conhecemos muitas coisas e ignoramos ainda muitas outras.

Mas, a nível do outro mundo não conhecemos nada a não ser o que Deus nos revela, como diz S. João.

Por isso a Virgem repetiu uma frase que já foi dita há dois mil anos:

Virá o dia em que conhecereis tudo, como Deus Me conhece.

É exactamente o que diz S. Paulo (cf. 1 Co 13, 12).

Portanto, a plenitude do nosso conhecimento só se realizará no Além.

Terceiro:

O que temos de fazer enquanto estamos na terra?

Fazei o bem aos que fazem o mal.

No mundo o mal está em todo o lado.

Se há algo que distingue o cristão é que, como diz S. Paulo, ele triunfa do mal pelo bem (cf. Rm 12, 21).

E a Virgem disse-nos:

Fazei o bem aos que fazem o mal e não prejudiqueis ninguém.

Podemos encontrar mil pretextos para fazer o mal.

Mas a Virgem diz-nos: “Acabou, não ao mal!”

Dei-vos óleo mas dar-vos-ei algo mais forte que o óleo.

De facto, em seguida demo-nos conta de que o óleo era apenas um incentivo, era como o anzol que se lança ao peixe. E o Senhor apanhou-nos, para nos conduzir lentamente a algo mais belo.

Para lá do óleo estava Ele.

Ele.

O Seu amor.

A Sua presença no meio de nós.

E, em consequência do Seu amor e da Sua presença, o amor que devemos uns aos outros.

E imediatamente, a Virgem sublinha a penitência:

Arrependei-vos e tende fé.

Perante Deus

é necessário que nos arrependamos.

Tende fé e lembrai-vos de Mim na vossa alegria.

É muito significativo.

Habitualmente, o homem só recorre a Deus na necessidade na aflição.

Quando está feliz lembra-se muito pouco d'Ele.

Mas: *Lembrai-vos de Mim na vossa alegria.*

Se realmente nos lembrarmos de Deus na nossa alegria, essa alegria será bem diferente daquela que o mundo nos permite viver. Será muito mais pura, mais sã, mais libertadora, mais capaz de amar.

A Virgem não quer uma simples lembrança.

Em árabe, lembrar-se de Deus é, antes de mais, louvá-Lo.

É reconhecer a Sua grandeza e o Seu amor.

É, por conseguinte, viver na Sua presença.

È esse o sentido do termo árabe “dhikroullah”.

Em seguida a Virgem,

após este apelo ao retorno a Deus e à nossa humildade enquanto seres que conhecem,

após este apelo à necessidade de praticar o bem e se abster de fazer o mal,

após este apelo à penitência, à fé, ao pensamento em Deus na nossa alegria,

a Virgem recorda-nos uma coisa essencial, e sobretudo no mundo árabe:

Anunciai.

Anunciai o Meu Filho, o Emanuel.

No Próximo Oriente a Igreja viveu demasiado tempo assente em posições adquiridas, que está a perder lentamente.

Somente a nível dos seus fiéis.

E deixou de pensar na possibilidade de evangelização do grupo exterior aos cristãos.

Se ela já tem dificuldade em cristianizar o pequeno número de cristãos existentes no Próximo Oriente, como poderia preocupar-se em evangelizar outros?

Ora a Virgem diz-nos:

Anunciai o Meu Filho, o Emanuel!

Quem O anuncia é salvo e quem não O anuncia é vã a sua fé.

Isto reporta-nos ao que nos disse Jesus, há dois mil anos:

“Ide”

A razão de ser dos cristãos é anunciar a mensagem.

E logo a seguir a Virgem chama-nos ao amor.

E ao amor recíproco, mútuo:

Amai-vos uns aos outros.

Ela não especificou: “os cristãos”.

Disse simplesmente:

Amai-vos uns aos outros.

Depois debruçou-se sobre uma questão que fez muito mal à Igreja, desde há dois mil anos até aos nossos dias: o dinheiro.

A Virgem diz, logo na primeira mensagem:

Não peço dinheiro. Peço o amor.

Quantas vezes o dinheiro não passa de um exutório, uma justificação de uma espécie de evasão para longe de Deus, graças à qual Lhe damos dinheiro e continuamos a fazer a nossa vida longe d’Ele.

A Virgem diz: “Não. Deixai o dinheiro de lado”.

E foi aí que vimos como Nicolas e Myrna corresponderam antecipadamente ao pedido da Virgem, com o seu senso muito simples da gratuidade, um senso espontâneo no início do fenómeno. Até hoje continuam a recusar, com absoluta intransigência, tudo o que corresponda a dinheiro.

Eu peço o amor.

Deus é amor.

Ele não precisa de mais nada senão amor.

A Virgem é a Mãe de Deus, a Mãe de Jesus.

Ela apenas precisa de amor.

Ela disse-no-lo desde o Seu primeiro programa, desde a Sua primeira mensagem.

Em seguida diz:

Visitarei mais os lares. Quem ama vai ter com o outro. A encarnação é a visita de Deus à humanidade, porque Ele amou o homem.

A Virgem, que continua a amar os homens porque é a Mãe de Jesus, a Mãe de Deus, vem visitar-nos.

Na altura não compreendemos esta frase. Como iria a Virgem visitar-nos? Mas, a partir do dia em que várias imagens do ícone de Soufanieh exsudaram óleo em casas, tanto de cristãos como de muçulmanos, em Damasco e depois um pouco por todo o lado, e as pessoas começaram a rezar diante da imagem que lhes tinha dado esse sinal, a partir desse dia, percebemos que a Virgem começava verdadeiramente a visitar-nos de forma tangível.

O Senhor não usa as Suas palavras em vão.

Depois a Virgem previu o grande risco de querermos construir-Lhe uma igreja enorme, como se passa um pouco por todo o lado, porque então correríamos o risco de embarcar na preocupação de ter dinheiro para a construção e de esquecer o homem, o qual é o Templo de Deus, e o mais importante para o Senhor.

Por isso Ela nos disse:

Não peço que Me construam uma igreja, peço um lugar de oração.

No decurso de um êxtase ulterior, Ela explicou que para esse lugar de oração bastaria tirar uma pedra do arco da porta da entrada exterior da casa, e colocar nesse lugar um ícone da Virgem, com uma palavra de reconhecimento e agradecimento a Jesus. Foi o que se fez. E pôs-se uma pequena lâmpada acesa noite e dia.

Frequentemente, quem passa em frente da casa pára para rezar e muitos ajoelham mesmo no passeio. Tenho visto com frequência pessoas, mesmo jovens, que, quando passam à noite e vêem a porta fechada, ajoelham no passeio para rezar.

É muito simplesmente o lugar de oração.

E a Virgem termina dizendo:

Dai. Não deixeis de ajudar nenhum dos que vos pedem auxílio.

Deus é dom.

Deus é dom, ou Ele não é.

E para sermos verdadeiramente filhos de Deus, temos de dar. Myrna e Nicolas compreenderam isso desde o primeiro minuto. Abriram a porta, e até hoje não recusaram nenhum pedido. Mesmo de noite, se chega alguém, seja a que horas for, eles abrem a porta. Dão o que podem dar, a começar pelo acolhimento.

Com uma paciência e um sorriso desconcertantes. Em seguida um apagamento total, sem nenhuma pretensão, sem nenhuma vaidade. Levam as pessoas para junto do ícone e apagam-se. Se não lhes fazem perguntas deixam-nas com a Virgem. Primeiro que tudo Deus.

Portanto vedes que, logo na primeira mensagem há uma espécie de programa. Para mim é o sentido dos acontecimentos de Soufanieh. É certo que houve, noutras mensagens subsequentes, uma amplificação desse sentido. Jesus reclamando a unidade da Sua Igreja, a Virgem reclamando a unidade do Corpo do Seu Filho. E foi dito com palavras perturbadoras. Perturbadoras.

O Senhor lembrava que foi crucificado por amor aos homens e quer que quem crê n'Ele carregue voluntariamente, com paciência e amor, a sua cruz. Lembrou que, sem crucifixão não há salvação. Que a Igreja é o Seu Reino na terra. A Igreja, tal como é, com o seu lado positivo e negativo, é o Seu Reino na terra.

O Senhor aceitou o homem tal como é, fez dele o Seu receptáculo e com essa massa humana construiu a Sua Igreja. E disse-lhe: "Levai-Me a todos os homens, através de todos os tempos".

E quando o Senhor disse, primeiro pela boca da Virgem e depois, por duas vezes, Ele próprio:

A Igreja

é o Reino de Deus na terra.

Quem a dividiu pecou e quem se alegra com a sua divisão pecou,
lembrou-nos uma coisa essencial.

A Igreja é o Reino de Deus.

É o próprio Deus presente na terra.

É, entre outros, o sentido de Soufanieh.

Antes de abordar a segunda mensagem gostaria de acrescentar uma coisa, a propósito da segunda frase da mensagem da Virgem:

Vós conheceis tudo e não conheceis nada.

O vosso conhecimento 'é um conhecimento incompleto.

Gostaria de vos dizer isto:

A Virgem reconhece que o homem conhece alguma coisa, Ela aceita que nós conhecemos alguma coisa.

Ela reconhece que o que verdadeiramente honra o homem é o conhecimento que deve conduzi-lo a Deus.

Mas Ela também nos diz muito simplesmente: “Sede humildes no vosso conhecimento. Por muito que conheçais, não conheceis nada”.

Sobretudo em relação à vida futura, o que é que conhecemos?

Por vezes dizem-me directamente ou em livros teológicos que o demónio não existe, que os anjos não existem. Aos jovens que me dizem: “Tal padre disse-nos isto”, eu respondo: “Mas, quem esteve no outro mundo para me dizer o que existe lá? Além de Jesus, quem?”

A nossa referência de conhecimento é Jesus.

Diz-nos o Evangelho, e nós sabemos, que ninguém de lá voltou para nos revelar o que se passa, excepto Jesus.

Ele diz-nos certas coisas.

Não será a nossa pequena cabeça que tira conclusões.

Aceitemos que Jesus nos desvende uma parte desta verdade que ignoramos completamente e que, um dia, conheceremos na totalidade.

A tal ponto que a Virgem nos promete, como S. Paulo, que teremos um conhecimento semelhante ao de Deus:

Vós conhecereis todas as coisas como Deus Me conhece.

É uma promessa de elevação do homem a um ponto absolutamente inimaginável.

Deus promete-nos que seremos muito grandes porque Ele é muito grande e capaz de nos engrandecer.

Não porque nós tenhamos essa capacidade. Não a temos, de facto.

Então a Virgem convida-nos a procurar a verdade, a conhecer mais, mas a sermos humildes nesta procura e a reconhecermos que a verdade completa reside só em Deus.

E só Ele é capaz de no-la dar.

Ele no-la dará na totalidade quando estivermos “do outro lado”, se me é

permitido empregar este termo.

Mas, enquanto aqui estivermos, Ele diz-nos: “Trabalhai. Acumulai os vossos conhecimentos. Mas sabeis que continuais sempre aquém”.

Estais a ver?

Isto é particularmente verdadeiro para nós, Orientais, sobretudo para nós, Árabes. Nós sofremos um tal passado e estamos agora a sofrer uma tal hipoteca a todos os níveis, que chegamos a crer, durante algum tempo, que só a ciência nos salvará. Muitos continuam ainda a acreditar nisso. Portanto pensam: acumulemos ciência, cresçamos no conhecimento, e resolveremos todos os nossos problemas. Mas não será desse modo que lhes poremos fim.

Não.

Não se deve fazer da ciência um novo deus.

Deixemo-la no seu lugar.

Só Deus é Deus.

Por isso gosto tanto da afirmação dos muçulmanos: “La ilaha illallah – Não há outro Deus senão Deus”.

Mas criaram-se tantos, tantos deuses, que se acabou por considerar, infelizmente com muita frequência, que o verdadeiro Deus não existe. Ou que é mais um deus, como os deuses da ciência e da habilidade.

Não!

Por isso a Virgem disse, em primeiro lugar:

Lembraí-vos de Deus.

Lembrar-se de Deus não é apenas guardar na memória que Deus existe. È glorificá-Lo, agradecer-Lhe, e arrepende-se humildemente diante d’Ele, implorar a Sua graça, viver na Sua presença.

Terceira aparição

Segunda mensagem. Sábado, 8 de Janeiro de 1983 – 23h37

A Virgem chorava.

Ela disse a Myrna:

«Não há-de ser nada».

Myrna também chorava e clamava:

«A Virgem chora!»

A Virgem retirou-Se e, antes de desaparecer, sorriu docemente.

Terceira aparição
Segunda mensagem
Sábado, 8 de Janeiro de 1983

A segunda mensagem, dada por Maria durante a terceira aparição, pode parecer bizarra. Traduzo textualmente o que está escrito:

A Virgem chorava. Ela disse a Myrna: “Não há-de ser nada”.

A Virgem disse-o em árabe dialectal: *Isto passa – Maa’lèche.*

“Maa’lèche é uma palavra que todos os dias se ouve centenas de vezes.

Um homem em dificuldade: “Como vai isso? – Maa’lèche.

Quer dizer: isto passa, isto há-de ir!

A Virgem disse a Myrna enquanto chorava: *Maa’lèche.*

O texto continua:

E Myrna começou a chorar, clamando: *“A Virgem Chora!”*

Finalmente a Virgem retirou-Se e, antes de desaparecer, sorriu delicadamente.

Foi o que Myrna nos contou.

Ela não se apercebeu que, olhando a Virgem, gritava em voz alta: “A Virgem está a chorar!” e também ela chorava.

Esta mensagem pode parecer estranha.

Porque disse a Virgem: *Isto passa*, exactamente na véspera da transferência do ícone para a igreja²?

A mudança tinha sido ordenada pelo Patriarca Hazim e aceite pela família. Nicolas teria preferido que a imagem não fosse levada unicamente para a igreja ortodoxa vizinha, mas que circulasse pelas diferentes igrejas. Fui eu que o convenci a obedecer ao desejo do Patriarca, com os seguintes argumentos: “Nicolas, é a Igreja que nos dá a conhecer Jesus e Maria. Para ti, agora, a Igreja é a Igreja ortodoxa, na pessoa do próprio Patriarca. Portanto, o que o patriarca te diz é o próprio Senhor que to diz. Fora da

² Por desejo da autoridade patriarcal ortodoxa, o ícone foi solenemente transferido para a igreja ortodoxa de Santa Cruz, no dia a seguir a esta terceira aparição. Seria devolvido, muito discretamente, à casa de Myrna e Nicolas, pouco tempo depois.

Igreja ignoramos tudo. A Igreja é depositária do Evangelho, dos Sacramentos, do próprio Jesus, e é ela que nos conduz. Não podemos ser nós a decidir em nome de Jesus. Por conseguinte, o que o Patriarca te diz, debes acatá-lo como mensagem vinda directamente do Senhor. E, se o Patriarca quer que o ícone fique nesta igreja tu dirás: Está bem”.

Apresentei-lhe ainda outros argumentos: “O facto de o ícone ser solenemente transportado para a igreja, e aí exposto, constitui já um efectivo reconhecimento. E isso é uma grande conquista, diante da opinião pública, qualquer que ela seja. Em terceiro lugar, a vós isso vai aliviar-vos um pouco. Permitir-vos-á respirar. Depois de quarenta e cinco dias passados em pé, noite e dia, vós tendes o direito de respirar. E, quarto, quem sabe se, através do ícone da Virgem, se não desencadeará uma oração ecuménica, como aconteceu na vossa casa?”

Perante estes quatro argumentos, Nicolas respondeu-me: “Está bem, Padre! Estou plenamente de acordo”.

E a imagem foi transportada.

Mas, na véspera da transferência da imagem, a Virgem chorou.

Myrna e Nicolas só me contaram isso alguns dias depois.

Quando mo contaram pensei: “O Senhor e a Virgem sabem coisas que nós ignoramos. Que nos reserva o futuro? Confiemo-lo ao Senhor e a Maria, e esperemos pacientemente”.

Julgamos que o que se passou mais tarde, o retorno do ícone à casa de Nicolas e Myrna na maior discrição, e a reserva do Patriarca greco-ortodoxo, nos dá uma explicação parcial.

Finalmente, tudo é graça.

Quarta aparição
Terceira mensagem
Segunda-feira, 21 de Fevereiro de 1983 – 21h30

«Meus filhos,

Seja dito entre nós: Eu voltei aqui.

Não insulteis os orgulhosos que são desprovidos de humildade.

O humilde tem sede das críticas dos outros, para se corrigir dos seus defeitos, enquanto que o orgulhoso corrompido as despreza, se revolta, se torna hostil.

O perdão é a melhor coisa.

Aquele que pretende mostrar-se puro e caritativo diante dos homens, é impuro diante de Deus.

Faço-vos um pedido, gravareis na vossa memória um pedido que repetireis sempre:

“Deus salva-me, Jesus ilumina-me, o Espírito Santo é a minha vida, por isso nada temo”, não é assim, Meu filho José?

Suportai e perdoai.

Suportareis bastante menos do que suportou o Pai».

Quarta aparição
Terceira mensagem
Quarta-feira, 21 de Fevereiro de 1983

A terceira mensagem completa a segunda.

Esta terceira mensagem foi dada pouco depois de a imagem ter sido restituída à casa, desta forma enigmática. Nicolas enfrentou os dois padres que a transportavam. Disse-lhes: “Mas que fez a Virgem para ser trazida desta maneira? É indigno.” Houve uma altercação violenta. Depois os dois padres retiraram-se.

Entretanto tinha chegado o Padre Malouli. Ouvindo vozes altas no salão, deteve-se no pátio. Quando saíram os dois padres, Nicolas contou-lhe o sucedido.

Ele então pediu a Nicolas que lhe permitisse rezar com Myrna, diante da imagem. Recitaram uma dezena do terço.

Em seguida o Padre Malouli fez, no seu coração, esta prece que depois revelou: “Virgem Maria, ilumina-nos para não darmos passos em falso que comprometam o Teu programa”.

Pouco depois viu Myrna sair. Terminou a oração e também ele saiu. Disseram-lhe: “Ela está no terraço”. Subiu ao terraço e viu-a de joelhos, com a família à sua volta. E, de repente, ouviu dizer palavras, como alguém que ouve e apenas repete. A mensagem era dada em árabe dialectal, e composta de duas partes bem distintas.

Da primeira guardamos silêncio, durante pelo menos dois anos. O seu conteúdo era manifestamente muito duro.

A mensagem dizia isto:

Meus filhos,

Reparai sempre nestas palavras: *Meus filhos,*

Seja dito entre nós.

È uma mamã que vem falar a Seus filhos.

Eu voltei aqui.

Não insulteis os orgulhosos desprovidos de humildade.

O humilde tem sede das críticas dos outros, para se corrigir dos seus defeitos.

Quanto ao orgulhoso corrompido despreza-as, revolta-se, torna-se hostil. O perdão é a melhor coisa.

Procuramos ser caridosos, tentamos ser verdadeiramente caridosos, compreensivos, mas não podíamos deixar de ver nestas palavras uma amarga censura,

Mas também um convite muito belo da Virgem a que não nos revoltássemos, não atacássemos, não acusássemos e perdoássemos.

Quem pretende ser puro e caritativo aos olhos dos homens, é impuro diante de Deus.

Sobre esta primeira parte da mensagem calamo-nos durante dois anos.

A segunda parte constitui uma regra de vida, transmitida também em árabe dialectal:

Tenho um pedido a fazer-vos.

É dito num árabe que deixa quem lê o texto um pouco confuso perante a Virgem. Porque a Virgem parece implorar a Seus filhos alguma coisa que quereria vê-los fazer:

Tenho um pedido a fazer-vos.

Dir-se-ia um subordinado que pede ao superior.

Uma palavra que gravareis na vossa memória e que repetireis constantemente: Deus salva-me, Jesus ilumina-me, o Espírito Santo é a minha vida, por isso nada temo, não é assim, Meu filho José?

Aqui há duas coisas extraordinárias.

Primeira, a maneira como a Virgem pede a Seus filhos que metam esta ideia na cabeça: Deus.

Não tenhais medo dos homens.

É Deus que é a vida, a luz.

Não tenhais medo de mais nada: Ele é a salvação.

E portanto, não o esqueçais.

E a segunda:

Não é, Meu filho José?

Foi na manhã em que me proibiram de continuar a ir a Soufanieh. Uma autoridade religiosa superior tinha-mo dito pessoalmente. Corriam boatos de que o governo me tinha utilizado para “fazer a montagem de Soufanieh”, a fim de distrair o espírito das pessoas dos problemas do país! Era precisa

uma boa dose de imaginação!

Aceitei esta ordem com o coração simultaneamente apaziguado e ferido. E preveni Myrna, Nicolas e o meu confrade, o Padre José Malouli de que não poderia voltar a Soufanieh.

Ora, nessa noite, quando a Virgem disse ao Padre Malouli:

Não é, Meu filho José?

o padre Malouli sentiu-se atingido de uma maneira que o prendeu para sempre a Soufanieh.

Considero que esta mensagem, dirigida ao Padre Malouli, constituiu uma inflexão em todo o fenómeno. Porque o Padre Malouli vive em Damasco desde 1940 e é absolutamente insuspeito. É homem de uma integridade e de uma lisura como, francamente, nunca vi. É um homem de idade e não podia ser acusado de ter qualquer afeição especial por Myrna, como tentaram insinuar a meu respeito.

Além disso, por temperamento e formação, o Padre Malouli sempre foi alérgico ao maravilhoso.

É conhecido por empenhadamente ter combatido numerosas manifestações de “maravilhoso” surgidas em Damasco desde 1940.

Por outro lado, embora já o conhecesse, apercebi-me com o passar do tempo que, do ponto de vista da formação teológica, o Padre Malouli me ultrapassa largamente. É a realidade.

Enfim, ele beneficia de uma coisa que eu não tenho. Por causa da minha memória muito boa eu não escrevia nada, memorizava tudo, ou acreditava que o fazia. Mas não me dava conta de que, se me contentasse em memorizar, ao fim de algum tempo teria perdido muitas coisas relativas a Soufanieh. Mas o Padre Malouli teve o cuidado de anotar tudo, por escrito, desde o primeiro minuto. Tudo. Quase ao segundo. Desse modo conseguiu organizar um dossier sobre o qual um professor de psicanálise, que trabalha na Bélgica, na Alemanha e nos Estados Unidos, nos disse: “Apresentei o dossier organizado pelo Padre Malouli como sendo o melhor dossier científico que alguma vez tive em mãos”. Graças a essas notas que ele tirava no dia a dia, minuto a minuto, segundo a segundo, o que eu jamais teria pensado fazer. Ou talvez pensasse ao fim de alguns meses, mas teria já perdido muitas coisas.

Portanto o meu afastamento foi benéfico para Soufanieh, porque permitiu

a presença do Padre Malouli, que é verdadeiramente um padre excepcional. E a Virgem, aqui, perguntando-lhe através da mensagem:

Não é, Meu filho José?

deu-lhe a entender algo, que nós não compreendemos no momento mas ele depois nos explicou quando nos revelou a prece que fizera em seu coração, antes da mensagem de Maria.

Portanto, foi a mensagem de 21 de Fevereiro de 1983 que realmente prendeu a Soufanieh o Padre Malouli. E a sua presença foi determinante.

Cito-vos um exemplo. Em 1984, estava eu em Boston, nos Estados Unidos, em casa de um amigo de Damasco, Antoine Horanieh, doutor em farmacologia. Passei dois dias em casa dele. Na primeira noite convidou um grupo de amigos de Damasco, jovens emigrados, que se instalaram nos Estados Unidos. Passaram a noite, até às duas da manhã, a ouvir-me falar de Soufanieh. Escutaram-me como crianças.

A dada altura, no decurso da exposição, um deles, que eu não conhecia de Damasco mas que tinha sido aluno do Padre Malouli, perguntou: “Padre, há lá outros padres além do senhor?” Compreendi. Perante tais factos, por muita confiança que se tenha em quem os conta, por vezes interrogamos-nos: “Não estará a exagerar? A fantasiar? O que é que ele pretende contar-nos?” Compreendi e disse-lhe: “Sim, há o Padre Malouli”. Imediatamente teve uma reacção espontânea: “Bem, se é o Padre Malouli, está bem!” Quer dizer, não há mais nenhuma dúvida.

Suportai e perdoai.

De novo o perdão.

Suportais bastante menos do que suportou o Pai.

A palavra, em árabe, “El Ab” é Deus Pai.

Na altura não compreendemos.

Só mais tarde, através de outras mensagens, compreendemos que a Virgem dizia, como noutras aparições, La Salette, Medjugorje:

“O braço do Pai começa a pesar demasiado, e tenho dificuldade em retê-lo”.

Isto foi dito.

Ora, numa das mensagens, a 18 de Agosto de 1989, a Virgem disse a Myrna: Diz aos Meus filhos que intensifiquem a oração porque precisam dela para apaziguar o Pai.

A 21 de Fevereiro de 1983, Ela disse-nos que o Pai suporta demasiado. E que, seja o que for que nós suportemos, nada é em comparação com o que Ele suporta por nossa causa.

Isto leva-nos directamente à mensagem de La Salette, à mensagem de Lourdes, de Medjugorje e outras: o Senhor convida-nos à oração.

A 26 de Novembro de 1987, mas sem explicitar o que foi dito pela Virgem, Jesus disse a Myrna: Vai à terra, onde a corrupção se generalizou, e fica em paz. Pode perceber-se bem que Deus não está contente com a generalização da corrupção.

Quinta aparição
Quarta mensagem
Quintã-feira, 24 de Março de 1983 – 21h30

«Meus filhos,
a minha missão terminou.
Naquela noite o anjo disse-Me:
“Tu és bendita entre as mulheres”.
E Eu apenas pude responder: “Eis a escrava do Senhor”.
Estou contente.
Eu não tenho o mérito de dizer-vos: os vossos pecados estão
perdoados. Mas o Meu Deus disse-o.
Fundai uma Igreja.
Eu não disse: construí uma igreja.
A Igreja que Jesus adoptou é uma Igreja Una, porque Jesus é Um.
A Igreja é o Reino dos Céus sobre a Terra.
Quem a dividiu pecou, e quem se regozijou com a sua divisão, pecou.
Jesus edificou-a: era pequenina.
E quando cresceu, dividiu-se.
Quem a dividiu não tem em si o Amor.
Reuni.
Digo-vos: rezai, rezai, rezai.
Como são belos os Meus filhos, de joelhos, implorando!
Não tenhais medo: Eu estou convosco.
Não vos dividais como estão divididos os grandes.
Vós ensinareis às gerações a palavra de **unidade, de amor e de fé.**
Rezai pelos habitantes da terra e do Céu».

Quinta aparição
Quarta mensagem
Quinta-feira, 24 de Março de 1983

Vem agora a mensagem de 24 de Março de 1983.

Esta mensagem corresponde a uma intuição popular que as pessoas repetiam espontaneamente. Está centrada na unidade da Igreja, é um apelo à unidade da Igreja.

Muitos diziam, depois de algum tempo: “O que pretende a Virgem com isto? Não está a procurar unificar-nos?”

Partiam da constatação de um facto muito simples. Myrna é greco-católica e Nicolas greco-ortodoxo. E pensavam: “Talvez a Virgem esteja a procurar reunir-nos”.

É muito simples e de uma lógica desconcertante. Mas era uma intuição que correspondia realmente à vontade do Senhor.

Posso dar o exemplo de um amigo de Damasco, Adib Mousleh, um intelectual de grande capacidade, comerciante, antigo seminarista que tem muito amor a Jesus e à Virgem e que publicou vários livros. É ele quem os imprime e os distribui gratuitamente, dizendo: “É preciso que a palavra da verdade chegue às pessoas”. Por vezes viaja, sobretudo pela Europa. Tendo recebido a visita de amigos italianos, que falam bem francês, falou-lhes de Soufanieh e serviu-lhes de guia, e eles pediram-lhe que escrevesse um artigo.

Redigiu então um artigo de nove páginas, em francês, datado de 9 de Fevereiro de 1983. Imaginem: 9 de Fevereiro! Portanto muito antes desta mensagem de 24 de Março. Ora ele termina o artigo dizendo: “Mas, através de tudo o que se passa em Soufanieh, e do que provavelmente vai ainda passar-se, não procurará a Virgem unificar os Seus filhos? Unificar-nos seria certamente o Seu maior milagre!”

Nas mensagens precedentes não se fala ainda de união. Mas havia uma intuição popular, de que dá testemunho este artigo, escrito por um amigo, o qual também intuiu que todos estes sinais poderiam anunciar uma vontade de unificação da Igreja. Uma vontade divina.

Quando foi dada a mensagem de 24 de Março eu estava presente, por uma razão impressionante, que é conveniente relatar.

Decorria o período em que tinha prometido não voltar a Soufanieh. Eu cumpria a minha palavra.

Mas a 18 de Março, à noite, Nicolas telefonou-me: “Padre, por amor de Deus venha!”

Fui e vi o óleo a escorrer do ícone, mas em grande quantidade!

Estava lá muita gente e todos rezavam. Voltei no dia seguinte e preveni o meu Bispo. O óleo continuava a escorrer, a escorrer... Porque seria?

Myrna veio perguntar-me. “Padre, há alguma festa hoje?” “Que eu saiba, não”, respondi. Mas ela voltou a insistir: “Não é possível”.

Com efeito, nos dois primeiros anos o óleo fluía regularmente em certas festas. Primeiro nas festas de Jesus e de Maria. Depois nas festas de certos santos, como S. Lucas, S. José, etc. Nesse 19 de Março esqueci que era a festa de S. José. E que na Igreja Bizantina era a festa da Virgem do Acatista, uma festa muito bela. Tinha-me esquecido completamente e por isso disse a Myrna: “Não me parece que haja hoje alguma festa”.

Ela afastou-se, mas voltou com uma página arrancada do calendário para me dizer: “Repare, Padre, é a festa de S. José, e hoje é também festa da Virgem, a festa do Acatista”. Respondi: “Oh! Mas é a festa do Padre Malouli!”

Ele estava presente e eu aproximei-me: “Parabéns! A Virgem encontrou uma boa maneira de lhe dar os parabéns!”

Depois eclipsei-me para cumprir a palavra dada ao Patriarca e ao meu Bispo.

Na noite de 24 de Março assistia a uma peça de teatro no salão paroquial e tinha prometido ao encenador que a veria toda, por ser a última representação.

Tenho alguma prática de música e dramaturgia. Compus peças de teatro que o Ministério da Cultura de Damasco imprimiu e foram representadas na Síria e noutros países. Como amo o teatro estava lá. Durante um entreacto, quando falava com o encenador e algumas pessoas presentes, fui abordado por um amigo: “Padre, os Nazzour precisam de si”. Os Nazzour quer dizer Nicolas e a sua família. Poderia ter respondido: “Irei no fim”. Tanto mais que tinha prometido ao encenador assistir à peça toda. O que me fez levantar? Voltei-me imediatamente para o encenador e disse-lhe: “Ausento-me por um quarto de hora e depois volto”. E parti de carro

com o amigo que me trouxera o recado.

O irmão mais velho de Nicolas abriu-me a porta e informou: “Eles estão no terraço”. Subi imediatamente. Na sombra, distingi algumas pessoas ajoelhadas e ajoelhei também num espaço livre. Fiquei exactamente atrás de Myrna. Fiz o sinal da cruz e pouco tempo depois comecei a ouvir Myrna repetir palavras que certamente não vinham dela. Eis o que ela dizia:

“Meus filhos, a Minha missão terminou.

Nessa noite o anjo disse-Me: “Tu és bendita entre as mulheres”.

E Eu apenas pude responder: “Eis a escrava do Senhor”.

Estou contente.

Eu não tenho o mérito de dizer-vos: “Os vossos pecados estão perdoados”.

Mas o Meu Deus disse-o.

Fundai uma Igreja.

Eu não disse “construí uma igreja”.

A Igreja que Jesus adoptou é uma Igreja una, porque Jesus é Um.

A Igreja é o Reino dos Céus sobre a Terra.

Quem a dividiu pecou, e quem se regozijou com a sua divisão, pecou.

Jesus edificou-a: era pequenina.

E quando cresceu dividiu-se.

Quem a dividiu não tem em si o Amor.

Reuni.

Digo-vos: “ rezai, rezai e rezai”.

Como são belos os Meus filhos, de joelhos, implorando!

Não tenhais medo: Eu estou convosco.

Não vos dividais como estão divididos os grandes.

Vós ensinareis às gerações as palavras de unidade, de amor e de fé.

Rezai pelos habitantes da terra e do Céu.

Era a quinta aparição e a quarta mensagem das aparições.

Vede como a Virgem se apresenta como serva.

E sempre dizendo: *Meus filhos.*

Temos muita tendência a esquecer que somos verdadeiramente filhos de Deus e da Virgem.

Meus filhos, a Minha missão terminou.

A Virgem veio cumprir uma missão e depois apagou-Se.

Ela é a criatura dependente do Criador.

Apesar de toda a grandeza que Lhe conferiu o Senhor, Ela conhece os Seus limites.

É extraordinário pensar nisso.

A nós provocou-nos algum medo. Pensamos que talvez o fenómeno de Soufanieh tivesse acabado.

A Minha missão terminou.

Portanto talvez fosse como em Lourdes, onde apareceu a Bernardette e depois desapareceu. Por isso agora...

E para nós era uma grande tristeza, embora também estivéssemos muito felizes por ouvir a mensagem.

Mas custava-nos muito encarar a hipótese de que este ambiente, esta nova vida vivida com Deus e com Maria, através de Maria, acabasse em breve. Custava-nos pensar que isto podia terminar.

Apesar de o Padre Malouli dizer que vivíamos um sonho e não a realidade, era-nos muito penoso pensar que o sonho podia acabar.

Ora a Virgem lembrou-nos bem que estava em missão e que esta ia terminar. Mas o que termina aos olhos de Deus não termina aos nossos da mesma maneira.

Maria cumpriu uma missão, Ela cumprirá outras.

Isso ficou provado depois.

Nessa noite o anjo disse-Me: “Tu és bendita entre as mulheres”.

Em certos textos dos Evangelhos em árabe, esta frase é colocada na boca do anjo. Outras traduções suprimiram-na da boca do anjo e mantêm-na unicamente na boca de Isabel. Tendo ouvido este texto, corri para a igreja nessa mesma noite para ver, no Evangelho que utilizamos na missa, se esta frase se encontrava ou não aí na boca do anjo. Pensava que, se nos Evangelhos que actualmente utilizamos não se encontrasse esta frase, alguns aproveitariam da sua ausência para afirmar: “Bem vedes que não é verdade, não foi o anjo que disse isso à Virgem. Portanto, não é a Virgem que fala.” Reparai como precisávamos de navegar entre várias águas, procurar prevenir todas as avaliações e acusações possíveis.

E Eu apenas pude responder: “Eis aqui a escrava do Senhor”.

Como é humilde a Virgem!

Quanta humildade!

Quanta simplicidade!

Poderia ter dito outra coisa?

Eu apenas pude... Reparaí na construção da frase: *apenas*.

Ela sentia-Se de tal modo cumulada que não conseguia falar.

Só conseguiu dizer:

Eis aqui a escrava do Senhor.

Não gostaria de fazer um comentário muito longo sobre isto, mas quero debruçar-me sobre um ponto:

Quanta necessidade tem a Igreja, actualmente, de se fazer serva, de cessar de ser poder, de imitar Maria!

Que ela cesse de ser poder!

Só será realmente Igreja, esteja onde estiver, no dia em que se tornar servidora.

Serva de todos, a começar pelos mais pequenos, pelos mais desamparados, pelos mais pobres.

Enquanto a Igreja quiser namorar o poder, não pode ser serva!

Haverá sempre servos na Igreja porque ela é o Reino. O Senhor assim o quis.

Mas a instituição, como tal, corre o risco de apodrecer se a Igreja não for serva.

Depois a Virgem disse:

Eu estou contente.

Fica-se satisfeito por ouvir alguém mais importante dizer-nos: “estou contente”.

Recordo as palavras que se atribuem a Napoleão: “Soldados, estou contente convosco!” Será verdade que ele o dizia? O facto é que nos ensinavam, quando estudávamos a história de França, que Napoleão conseguia, com pequenas frases deste género, galvanizar os seus milhares de soldados.

E a Virgem disse:

Eu estou contente!

Não é uma pessoa qualquer,

não é a vizinha,

nem é uma religiosa.

É a Virgem que nos diz:

Eu estou contente!

Era, então, um reconhecimento dos nossos modestos esforços de rezar, de responder ao que o Senhor esperava de nós.

Com efeito, frequentemente não sabíamos que fazer.

Agora, quando recordamos certas iniciativas, certas palavras, pensamos: “Era Ele que nos guiava!”

Era o Senhor que nos ajudava no que tínhamos de dizer ou fazer, porque nós, com a nossa incapacidade e o nosso amor próprio ou nosso orgulho, poderíamos ter dito ou feito exactamente o contrário.

Foi Ele que nos impediu de desviar, de deslizar, ou de nos enchermos de orgulho, e talvez mesmo de fazer abortar a mensagem.

Nós, de facto, não tivemos aqui nenhum papel.

Eu estou contente!

E, depois, Ela diz-nos uma coisa extraordinária:

Eu não tenho o mérito de dizer-vos: “Os vossos pecados estão perdoados”.

Mas o Meu Deus disse-o.

Há aqui duas coisas extraordinárias.

Perante Deus, o homem que tem tão pouca lucidez, reconhece-se sempre culpado.

Podemos esconder-nos, fugir, justificar-nos, procurar a justificação humana, mas no fundo de nós mesmos sabemos que somos culpados.

Sentimo-nos culpados.

E, face a este sentimento de culpabilidade, sentimos necessidade de nos saber perdoados.

Não por qualquer um.

Os homens podem perdoar, mas não conhecem a profundidade da nossa ferida. Podem dar-nos a ilusão de ter perdoado. Mas, embora em estado de ilusão, o homem por pouco que se analise, encontra sempre aberta a ferida do pecado.

Portanto estávamos felizes de nos sabermos perdoados, embora sem ter passado pelo sacramento da penitência.

É o Senhor quem perdoa.

Ele quis perdoar-nos, na Igreja, pelo canal do sacramento da penitência.

Mas se Ele também quiser, como no Evangelho, dizer: “Os vossos pecados estão perdoados”, quem pode impedi-Lo?

Para nós foi uma consolação e uma alegria sabermos perdoados, apesar de todas as nossas misérias, de todas as nossas fraquezas e até talvez mesmo de todos os disparates cometidos por causa de Soufanieh ou em relação a Soufanieh.

E não é Maria que nos perdoa, é o Seu Deus.

Ela, que é a Mãe de Deus, sabe que é criatura, que Deus é sempre Deus e que só Deus é Deus.

É extraordinário ouvir Maria falar assim com tanta simplicidade de verdades tão profundas, tão totais e radicais.

Em seguida vem uma frase que, pessoalmente, me abalou.

Fundai uma Igreja. Eu não disse: construí uma igreja.

Ela conhece-nos, não é?

Ela conhece todas as nossas misérias, fraquezas e tentações.

Fundai uma Igreja

De início reagimos, e pode-se sempre reagir a esta frase, dizendo: “Mas, é Jesus quem funda a Igreja.”

Só Ele é o fundador.

Quem somos nós para fundar uma Igreja?

Por outro lado a Igreja já está fundada.

Jesus fundou-a há dois mil anos.

Porque temos de fundar agora uma Igreja?

Pode-se concluir, como o fizeram outros: “Não é Maria nem Jesus quem fala, é um outro.”

E o outro é o Diabo.

Portanto deve haver aqui um desvio, uma qualquer clivagem diabólica!

Alguns tiraram estas conclusões e foi aí que chegaram.

Mas, olhando de mais perto a verdade, apercebemo-nos de quanto o Senhor vê muito mais longe que nós.

Nós nem vemos sequer a ponta do nosso nariz.

Mas Deus vê tudo.

E quando Maria disse:

Fundai uma Igreja,

Ela não renegou a Igreja, visto que, dez minutos depois, afirmou:

A Igreja é o Reino dos Céus sobre a terra.

E foi Jesus quem a construiu.

Mas a Igreja dividiu-se.

E, porque se dividiu,

É incapaz de testemunhar, como devia.

Por isso “recomendo-vos a todos que refaçam uma Igreja una e que seja a Igreja de Jesus.

A Igreja de Jesus existe, mas actualmente vós estais tão disseminados, dispersos, separados, que não constituís uma Igreja”.

Com efeito, por mais que se pretenda, mesmo aqui no Ocidente, que a Igreja é una e que é a Igreja de Jesus,

sejamos francos e honestos connosco mesmos,

antes de o sermos com Jesus e Maria,

a Igreja não é o que devia ser.

Só uma Igreja una pode testemunhar Jesus.

Foi por isso que Jesus disse na oração depois da Ceia:

“Que eles sejam um só, para que o mundo creia” (Jo 17,21).

Em que deve o mundo crer?

Nas várias Igrejas Católicas?

Nas várias Igrejas Ortodoxas?

Nas várias Igrejas protestantes?

Nos milhares de seitas que começam a falar em nome de Jesus?

Em que deve o mundo crer?

E quando a Virgem disse:

Fundai uma Igreja. Eu não disse: construí uma igreja,

Ela deixou bem claro que não quer uma igreja.

Já o tinha dito antes: “Não, não quero uma igreja. Quero um lugar de oração”.

Fundai uma Igreja,

quer dizer uni-vos, procurai reagrupar-vos para serdes Igreja.

E, em seguida, precisou:

A Igreja que Jesus adoptou é uma Igreja una.

Poderia ter adoptado uma outra.

Chegamos mesmo a interrogar-nos acerca das palavras que adoptou: “Foram mesmo estas as palavras que a Virgem usou?” Ouvimos de novo a cassette, porque o Padre Malouli, a partir de 21 de Fevereiro se munuiu de

um gravador a pilhas. Ele tinha pensado: “Se houver mais aparições e mensagens, poderemos registar tudo”.

Com efeito, tudo foi registado e, por isso, pudemos ouvir de novo a mensagem. Na realidade, dizia:

A Igreja que Jesus adoptou é uma Igreja Una, porque Jesus é Um.

Ele poderia ter adoptado uma outra.

É Ele o A e o Z.

E a Igreja é uma porque Jesus é um.

Quando se fala de fundar uma Igreja, é preciso que nos entendamos quanto às palavras.

Encarar a fundação de uma Igreja, é encarar a revisão de tudo o que actualmente tem o nome de Igreja.

Não é pôr em questão as Igrejas existentes: elas são o Corpo de Jesus Cristo.

Mas não são o que deveriam ser.

É preciso que elas encontrem a unidade para testemunharem a unicidade de Jesus.

E foi o que, seis anos e meio depois, no Domingo 26 de Novembro de 1989, a Virgem disse a Myrna:

Meus filhos, Jesus disse a Pedro: tu és a pedra e sobre ela edificarei a Minha Igreja.

E Eu, digo agora: vós sois o coração, no qual Jesus edificará a Sua unicidade.

Portanto a Igreja, não é a pedra.

Não são as diferentes Igrejas, mais ou menos próximas, uma ao lado da outra, Igreja católica, ortodoxa, greco-católica, greco-ortodoxa, siríaco-católica, siríaco-ortodoxa...

Tudo isso são células da Igreja que deveria ser una.

Mas a verdadeira Igreja é o coração dos crentes.

São os crentes que devem, pela unidade dos seus corações, constituir a unicidade de Jesus.

Por isso a Virgem disse, na mensagem de 26 de Novembro de 1989:

Jesus disse a Pedro: tu és a pedra e sobre ela edificarei a Minha Igreja.

E Eu digo-vos agora: vós sois o coração no qual Jesus edificará a Sua

unicidade.

A Virgem quer conduzir-nos para além do que é a instituição exterior.

Mas sem negarmos a instituição.

Reclamando uma instituição una, que exprima a unidade dos corações, essa unidade que deve ser a verdadeira Igreja que Jesus quer, e que quer presente no mundo para que, através dela, os homens vejam Jesus, venham a Jesus e creiam em Jesus.

Vede como as coisas se encaixam.

Jesus edificou-a.

Esta frase é tão simples e, ao mesmo tempo, tão grande!

A Igreja é o Reino dos Céus sobre a Terra.

Quem a dividiu pecou,

e quem se regozijou com a sua divisão pecou.

Isto recorda-me uma anedota que me aconteceu em Paris. Um dia, já lá vão quatro anos, o Padre Jean Maksud, actual director da Obra do Oriente, convidou-me para um encontro com a equipe de “Povo do Mundo”, de que então era director, para lhes falar de Soufanieh. Creio que eram treze ou catorze pessoas. Havia, com certeza, padres entre eles mas eu não os reconhecia por vestirem como os leigos. Havia também uma ou duas senhoras e uma jovem.

Falei-lhes do fenómeno durante três quartos de hora, depois de uma pequena introdução na qual lhes tinha proposto: “Peço-vos que ponham de parte todos os vossos critérios cartesianos e que tentem escutar-me como a testemunha de alguma coisa que vi, como agora estou a ver-vos. Depois sois livres de acreditar ou recusar”.

Expus-lhes então um pouco o fenómeno e citei-lhes algumas mensagens. Entre outras, esta: *A Igreja é o Reino dos Céus sobre a Terra. Quem a dividiu pecou.* Quando terminei um dos padres disse: “Esta mensagem é contrária à teologia do Vaticano II, porque a Igreja não pode ser o Reino dos Céus sobre a Terra. Ela será, no Céu, o Reino de Deus cumprido. Mas, na Terra nunca poderá sê-lo”.

Houve ainda outras oposições, outras objecções. Entre outras, alguém objectou que a frase de Jesus a Myrna: *Quero que intensifiques a oração e que te humilhes, porque quem se humilha recebe de Deus grandeza e dignidade,* é inaceitável porque Deus não pode pedir que nos desprezemos.

Respondi-lhe: “Mas, toda a espiritualidade da Igreja, sobretudo a espiritualidade oriental e a dos Padres, nos convida a um apagamento total perante a grandeza de Deus”.

Ao que julgava que a mensagem citada era contrária à teologia do Vaticano II respondi: “Ouça, Padre, não sou teólogo e não vim para discutir. Mas um dia lhe darei uma resposta”. No próprio dia do meu regresso a Damasco estive com o Padre Malouli. Relatei-lhe a minha viagem e, entre outras, citei-lhe esta objecção. Retorquiu-me: “Encontra-se essa frase, tal e qual, em Santo Agostinho e São Basílio!”. Pedi-lhe a referência e ele disse-me: “Encontra-a no livro do Padre Lubac, ‘Catolicismo’. Não sei em que página. Procure-a!” Como tinha o livro do Padre Lubac, folheei-o página a página nessa mesma noite e encontrei as passagens de Santo Agostinho e de São Basílio em que se diz *ipsis verbis*: “A Igreja é o Reino dos Céus sobre a Terra”. Tal qual. Fiz a fotocópia da página e escrevi uma carta ao Padre Maksud, pedindo: “Por favor entregue este texto à pessoa que levantou objecções a esta frase”.

Vede como nos chegam assim, com tanta simplicidade, frases que foram ditas por Padres tão grandes como Santo Agostinho e São Basílio. E há quem diga que não é possível!

Mas foi a Virgem quem o disse...

A Igreja, apesar de todas as suas misérias,
e só Deus sabe se as houve,
porque nós temos conhecimento de algumas,
mas o Senhor conhece tudo,
a Igreja, apesar de todas as suas misérias, que são bem tristes,
é, por vontade de Jesus, a Sua presença na terra.
E a presença de Deus na terra, é o *Reino dos Céus na terra*.
Através dessa presença, a Igreja, mesmo tendo deficiências, realiza a
santificação dos homens.
Santificação visível num grau extraordinário em muitas figuras de santos.

Portanto, *a Igreja é o Reino dos Céus sobre a terra. Quem a dividiu pecou. Quem a dividiu.*

Foram muitos os que a dividiram.

E todos nós continuamos a dividi-la, até agora.

Há tempos veio visitar-me um padre francês, um padre ortodoxo, convertido

à ortodoxia.

Passamos duas horas e meia a falar de Soufanieh.

Foi a primeira vez que o vi..

Enquanto lhe transmitia as mensagens, ia vendo que seus lábios se moviam.

A dado momento parei e perguntei-lhe: “Está a rezar, padre?” Respondeu: “Sim. Porque estas mensagens me dizem muito.

É a minha vida.

E agradeço ao Senhor por nos ter recordado, com palavras tão simples, tão grandes verdades”.

À despedida disse-me:

“Agradeço-lhe muito porque, através destas mensagens, me dei conta que também eu pequei por não ter rezado o suficiente...”

e depois acrescentou: “...por não ter rezado nada pela unidade da Igreja. Mas daqui em diante, rezarei pela unidade da Igreja”.

Todos somos responsáveis pela divisão da Igreja.

Quem a dividiu pecou.

Não só no passado,

também os que continuam a dividi-la agora.

E quem se regozijou com a sua divisão pecou.

Assim, eu imagino que a Virgem, que tão bem conhece o coração dos homens, atinge com estas palavras todos os que na divisão, na destruição e na aniquilação da Igreja, encontram lucro e alegria.

E creio que Ela abrange um vasto leque de pessoas, no passado, no presente e no futuro.

Haverá sempre quem se alegre com a divisão da Igreja e até quem trabalhe para aprofundar essa divisão, talvez mesmo pensando que está a proceder bem.

A Virgem recorda aqui, a todos, que todos são responsáveis: Sois responsáveis pela presença de Deus no meio de vós.

A Igreja é a presença do Senhor no meio de vós.

Vós sois responsáveis pela vida de Deus.

Vede até onde a Virgem nos conduz!

Eu, padre, homem, com toda a minha miséria, sou responsável pela vida de Deus na terra!

Como a Virgem nos engrandece!

E, no entanto, bem sabemos como somos pequenos e miseráveis. Mas aqui vejo como o Senhor nos quer grandes, a despeito da nossa obstinação em permanecer pequenos.

Deus quer-nos grandes, acima de toda a grandeza, porque nos fez Seus filhos.

É exactamente o que diz S. João no prólogo do seu Evangelho. Deus faz dos homens Seus filhos.

Penso nas palavras do santo russo, Serafim de Sarov, a seu amigo Motovilov, quando este o viu em estado de irradiação luminosa. Lembraivovs como começou por lhe perguntar se sabia qual é a finalidade da vida do homem? Motovilov não encontrava resposta e S. Serafim acabou por lhe dar: “A verdadeira finalidade da vida do homem é tornar-se receptáculo do Espírito Santo”.

Portanto, tornar-se filho de Deus, templo vivo do Espírito, como disse S. Paulo (cf. Rm 8, 16; 1Co 3, 16).

Queiramos ou não,

quer estejamos mergulhados na lama, quer aspiremos a tornar-nos santos, para Deus, nós somos grandes, muito grandes, maiores do que podemos acreditar.

E se Soufanieh tem algo a dizer-nos, é lembrar-nos a nossa grandeza essencial.

Lembrar-nos a nossa grandeza essencial.

Em seguida, a Virgem diz-nos uma coisa que pode desconcertar-nos:

Reuni!

Mas, Virgem Maria, eu nem sou capaz de fazer isso comigo próprio, como quereis que me congregate com os outros?

Bem vemos quantas divisões há numa família, entre o marido, a mulher, os filhos.

Na sociedade é a desagregação geral, mesmo no Próximo Oriente.

Como podemos congregar-nos?

Como podemos, Virgem Maria, reunir-nos, senão refugiando-nos no Senhor?

Nós sabemos que o Senhor nos dá os meios para cumprirmos as Suas ordens.

É a oração de Santo Agostinho ao Senhor:

“Dá o que Tu ordenas!”

É uma frase extraordinária:

“Senhor, dá o que Tu ordenas!”

O Senhor não ordena o impossível.

É impossível para nós mas, ao dar a ordem, Ele dá-nos também a graça para a cumprir.

É esplêndido.

Mais uma vez Ele nos engrandece.

E, na situação concreta da divisão das Igrejas,
na situação concreta de dilaceração das Igrejas,
este convite da Virgem que nos diz:

congregai!

este esforço de unificação da Igreja,

é também uma missão de grandeza tanto para nós próprios como para os outros.

Mesmo que de imediato não vejamos grande coisa.

Isto recorda-me um amigo de Damasco que, em 1988, muito insistiu para que constituíssemos um grupo de trabalho que aplicasse na prática meios que nos conduzissem ao caminho da unidade da Igreja. Francamente vos asseguro que eu não via grande coisa a fazer para além da oração. E sobretudo por causa da minha experiência pessoal. Dei-me conta, centenas de vezes, de que há obstáculos humanos muito dificilmente ultrapassáveis, para não dizer completamente inultrapassáveis.

Entretanto, quando este grupo de certo modo exigiu um esforço de concretização, de unificação, daquilo que a Virgem nos pede, acabamos por tentar reunir-nos e reflectir em conjunto.

Foi então que nos chegou uma mensagem, pelo sexto aniversário de Soufanieh, a 26 de Novembro de 1988. Jesus disse a Myrna, e a nós através dela:

Meus filhos, tudo o que fazeis, é feito por Meu amor?

Não digais: “Que faço?” Porque isso é obra Minha.

Deveis jejuar e orar, porque na oração encontráis-vos face à Minha Verdade

e suportais todos os golpes.

Asseguro-vos, isto foi para nós uma revelação.

Nós criamos poder descobrir o que é preciso fazer.

E há certamente o que fazer.

Mas, no fundo, para além da oração que nos coloca face ao Senhor, e às nossas misérias

e que fundamentalmente nos prepara para esta conversão que nos permitirá unirmo-nos ao Senhor e ser pedras vivas no corpo unificado de Jesus,

para além desta oração apoiada no jejum,

interrogamo-nos sobre o que podemos fazer na nossa situação concreta no Próximo-Oriente...

Isto foi, para nós, uma revelação.

E levou-nos a rezar mais e a praticar o jejum que alguns fazem como a Virgem pediu em Medjugorje.

As coisas ligam-se entre si.

Jejum a pão e água; às quartas e sextas-feiras.

Portanto, quando a Virgem diz:

Reuni!

Digo-vos: “Rezai, rezai, rezai!”

pelo simples facto de, após a palavra *reuni*, Ela repetir três vezes *rezai*, parece dizer-nos: “Não procureis outra coisa além da oração.

Na oração tendes Deus e com Deus fareis tudo”.

Senão, enganamo-nos.

Senão, procuramos vias de evasão.

Talvez muito honestamente, com as melhores intenções do mundo.

Mas corremos o risco de nos desviar e afinal não fazer o que quer o Senhor.

Por isso, depois de ter dito:

Rezai, rezai, rezai,

A Virgem continuou:

Como são belos os Meus filhos, de joelhos, implorando.

Ela poderia não ter dito esta frase.

Pessoalmente, quantas vezes à noite, quando entro em casa fatigado, literalmente morto de cansaço, apenas tenho vontade de fazer o sinal da cruz e deitar-me dizendo: “Senhor, eu me abandono a Ti”. Mas lembro-me imediatamente da frase da Virgem e penso: “Bem, vou ajoelhar nem que seja só por um segundo, para dar alegria a Maria ao menos durante este

segundo”.

Claro que o segundo se prolonga um pouco porque penso: “Há tanta tristeza no coração da Virgem que devemos, pelo menos, tentar dar-lhe alguma alegria. E se Ela nos confidenciou que estava feliz por nos ver de joelhos, em oração, demos-Lhe esse prazer”.

Isto acontece comigo e tenho a certeza que milhares de outros que leram as mensagens pensam também nesta frase de Maria, e que esta os convida a ajoelhar, de vez em quando, para A consolar.

Quando estamos de joelhos diante de Deus, muitas coisas desaparecem. Porque afinal nós ajoelhamos diante de muitos homens, diante de tudo excepto Deus.

É tempo de nos pormos de joelhos diante de Deus
e nos levantarmos diante de tudo,
até contra tudo se for necessário,
mas com Deus,
que é o único que nos liberta.

Foi por isso que Ele disse:

Não tenhais medo! Eu estou convosco.

Não tenhais medo!

Porque todavia há de que ter medo.

Podeis crer, há de que ter medo!

O fenómeno de Soufanieh começou num momento em que, na Síria, a situação deixava muito a desejar. Os sentimentos de ordem confessional, moderados na Síria e que em determinada altura tinham quase desaparecido, começaram a recrudescer a partir de 1958-1960. Em seguida foram crescendo lentamente. A chegada de Khomeiny ao poder no Irão influenciou muito nesta recrudescência do integrismo. A guerra do Líbano piorou tudo. E ultimamente a guerra do Golfo, ou aquilo a que se chamou a crise e a guerra do Golfo, não contribuiu propriamente para diminuir esta efervescência confessional.

É sabido que, quando há integrismo de um lado, é frequente existir também do outro. Torna-se o jogo do pêndulo que não leva nem à paz, nem à amizade, ou à verdadeira entreajuda dos homens. Pelo contrário comporta o risco de compartimentar as pessoas e, pior ainda, de afastar lentamente uns dos outros até mesmo aqueles que eram muito próximos. Infelizmente

nós constatamos isso.

Ora a Virgem diz-nos:

Não tenhais medo. Eu estou convosco.

Quando pensamos que por vezes os homens, por terem amizade com alguém altamente colocado, se sentem seguros e poderosos, embora a pessoa que lhes dá esse sentimento possa de um momento para o outro cair por terra,
quando pensamos que daqui se pode tirar um sentimento de segurança, porque não pensamos que do Senhor, e só d'Ele, podemos obter a verdadeira paz?

Só junto d'Ele temos a paz,

a verdadeira paz,

apesar de todo o conhecimento que pode ser perigoso, grave, aleatório...

Só Ele pode dar esta paz.

A Virgem disse-no-lo:

Não tenhais medo. Eu estou convosco.

E nós pudemos sentir que, verdadeiramente, Ela esteve connosco.

Ela esteve connosco em Soufanieh.

Creio que cada um de nós,

quando se debruça sobre si próprio e revê um pouco a sua vida,

pensa infalivelmente: "O Senhor estava comigo sem que eu me tivesse dado conta".

Aliás, Jesus disse-o durante a mensagem que deu a Myrna, a 26 de Novembro de 1988:

Rezai pelos que esqueceram a promessa que Me tinham feito, pois eles dirão: "Senhor, porque não senti a Tua presença, apesar de Tu estares comigo?"

Temos uma tal tendência para esquecer o Senhor!...

Mas Ele não nos esquece.

Recordo a palavra do profeta: "Mesmo que a mãe esqueça o filho que amamenta, eu não poderei esquecer-te!" (Is 49, 15).

Portanto a Virgem diz-nos:

Como são belos os Meus filhos, de joelhos, implorando.

Não tenhais medo, Eu estou convosco.

Não é uma pessoa qualquer que nos assegura:

Não tenhais medo, Eu estou convosco.

É a Mãe do Senhor.

E Ela deu-nos u,ma prova tangível, durante já cerca de nove anos.

Porque em Soufanieh só se produziu alegria, fé, felicidade e amor.

Portanto, não tenhais medo!

A Virgem sabia que poderíamos ter medo.

Medo a nível humano, claro.

Mas também Deus nos faz medo.

Não é fácil tratar com Deus.

Sabemo-lo através das figuras extraordinárias do Antigo e do Novo Testamento.

Não se pode ver Deus e viver.

Com Deus, é preciso morrer.

É preciso realmente morrer completamente, para si próprio.

Para renascer com Ele.

E a morte faz medo.

Portanto, há um medo real com Deus.

E, com Deus é necessário mudar,

o que não nos agrada porque nos sentimos bem instalados.

É isso que me leva, por vezes a dizer que quem recusa Soufanieh apesar de tantos sinais, o faz porque tem medo da mudança que Deus lhe exigiria no dia em que reconhecesse a Sua presença no fenómeno de Soufanieh.

Digo-o sem julgamento de intenção de ninguém.

Só Deus conhece as consciências.

Só Deus as julga.

Mas ousa dizer, porque é um facto: o homem gosta de se instalar, e não quer mudar.

E a grande mudança é que, quando Deus o invade, não lhe deixa mais nada.

A Virgem termina com três frases. A primeira:

Não nos dividais como estão divididos os grandes.

Quem é grande diante de Deus?

A Virgem emprega as nossas palavras.

Os grandes, para nós, são os que têm uma certa responsabilidade, são por vezes os ricos, são os poderosos deste mundo.

Mas, perante Deus, somos todos pequenos nada.

Se Ela, a Mãe de Deus, se qualificou de serva, que dizer dos homens, sejam eles quem forem, por mais ricos ou sábios que sejam?

Mas Maria emprega a nossa linguagem.

Portanto, *não vos deixeis dividir, como estão divididos os grandes.*

Divididos por causa de quê?

Por causa de interesses que nada têm a ver com Deus.

Depois, subitamente, a Virgem diz-nos uma coisa que Jesus depois continuou a repetir:

Vós ensinareis às gerações a palavra de unidade, de amor e de fé.

A Virgem não disse “as palavras” mas “a palavra”.

Vós, vós ensinareis:

Quando ouvi e reflecti nisto, imediatamente me reportei à palavra de Jesus: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8, 12) – “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5, 14).

Imagino os apóstolos a dizer uns aos outros:

“Nós, a luz do mundo?”

Mas, quem somos nós para ser a luz do mundo?”

E nós, também, quem somos?

Nós, ensinarmos às gerações?

Mal conseguimos ensinar alguma coisa a nós mesmos.

Ensinar às gerações: a missão parece ultrapassar largamente todas as nossas possibilidades.

Mas basta esta palavra para nos deixar adivinhar que o Senhor está connosco, e que é Ele quem se encarrega de ensinar as Nações através da nossa pequenez, das nossas misérias, e da nossa pobre inteligência.

A palavra: é muito importante reparar que por três vezes Maria e Jesus empregam esta frase:

Vós, vós ensinareis às gerações a palavra, unidade, amor e fé.

Nós, os homens, temos o hábito de dissecar, separar as palavras e as ideias, para compreender as coisas.

Aqui, Maria e Jesus unem tudo.

E, na verdade, pensando um pouco damo-nos conta de que, se ousa dizê-lo,

Eles têm toda a razão.

Podemos encontrar uma unidade que se não baseie no amor?

Só o amor unifica.

E o amor é confiança naquele que nos ama.

Quer dizer é a fé naquele que nos ama.

Quando sei que o Senhor me ama,
se creio realmente que Ele me ama,

nesta certeza do Seu amor,
fico em coesão comigo mesmo.

Fico unido em mim próprio.

É aí que vejo a unidade perfeita entre estas três palavras, unidade, amor e fé.

Na Igreja, a unidade não pode fazer-se senão no amor. E o amor só pode brotar da certeza do amor d'Ele por nós.

Não do nosso miserável amor por Ele.

Nós somos capazes de o vender a qualquer hora.

E de justificar qualquer venda de Deus, de mil e uma maneiras.

Mas o amor d'Ele por nós é sólido a ponto de ser eterno!

S. Paulo disse: “Deus é fiel”.

Basta.

Ele não muda.

Nós é que somos versáteis.

Eu, pessoalmente, sabendo que Deus me ama,

a partir desta certeza do Seu amor,

posso ter, com a Sua graça, a minha coesão comigo mesmo.

E o que se aplica ao indivíduo, aplicar-se-á ao pequeno grupo,

e pode aplicar-se ao imenso grupo que é a Igreja.

Por isso o Senhor insiste tanto na *palavra de unidade, de amor e de fé*.

Depois a Virgem convida-nos de novo a orar:

Rezai pelos habitantes da terra e do céu.

Os habitantes da terra e do céu.

Habitantes da terra, nós compreendemos.

Mas, habitantes do céu?

A construção da frase em árabe pode significar: “Rezai aos habitantes do céu”, no sentido de “implorai a sua oração”.

Mas podemos interpretá-la também no sentido daqueles que estão a caminho, que nos antecederam no caminho para o céu,

os que se encontram naquilo a que chamamos o Purgatório,
essa etapa de preparação para a visão divina,
etapa de purificação indispensável.

Eu compreendo que, nesta perspectiva, a Virgem nos diga também:
Rezai pelos que habitam o céu.

Quer dizer, rezai por aqueles que estão a caminho do céu.

Portanto, por todos os nossos defuntos.

Pelos que vos antecederam e por vós próprios quando lá estiverdes.

A oração da Virgem não pode excluir ninguém.

Os habitantes da terra e do céu.

Ela não exclui ninguém.

Finalmente, na oração, o homem deixa-se dilatar por Deus às dimensões
do próprio Deus!

Êxtases
Primeiro período

Sexta-feira, 28 de Outubro de 1983 - Virgem Maria

«Não temas, tudo isto acontece para que o nome de Deus seja glorificado.

Não temas, em ti educarei a Minha geração».

Sexta-feira, 4 de Novembro de 1983 - Virgem Maria

«Desce e vai dizer-lhes que, antes de seres filha deles já eras Minha filha...

O Meu Coração consumiu-Se com o Meu Filho Único.

Não vai consumir-Se com todos os Meus filhos».

Sexta-feira, 25 de Novembro de 1983 - Virgem Maria

«É tudo quanto quero.

Não vim separar.

A tua vida conjugal continuará como é».

**Mensagem de Cristo a Myrna em Quinta-feira de Ascensão,
31 de Maio de 1984**

«Minha filha,

Eu sou o Princípio e o Fim.

Eu sou a Verdade, a Liberdade e a Paz.

Dou-vos a Minha Paz.

Que a tua paz não repouse na língua dos homens, quer digam bem quer mal,

e pensa mal de ti própria.

O que não procura a aprovação dos homens e não receia a sua desaprovação,

goza da verdadeira paz.
E isso realiza-se em Mim.
Vive a tua vida, doce e independente.
Que os trabalhos empreendidos por Mim não te cansem.
Melhor, rejubila.
Eu sou capaz de te recompensar.
As tuas fadigas não se prolongarão e as tuas dores não perdurarão.
Ora com adoração, porque a vida eterna merece estes sofrimentos.
Ora para que se realize em ti a vontade de Deus, e diz:
**“Bem-Amado Jesus,
concede-me que repouse em Ti, sobre todas as coisas,
sobre toda a criatura,
sobre todos os Teus anjos,
sobre todo o elogio, sobre toda a alegria e exultação,
sobre toda a dignidade,
sobre todo o exército celeste, porque só Tu és o Altíssimo.
Só Tu és Poderoso e Bom acima de tudo.
Vem a mim e consola-me e quebra as minhas cadeias,
e concede-me a liberdade.
Porque sem Ti a minha alegria é incompleta.
Sem Ti a minha mesa está vazia”**
Então Eu virei dizer-te: “Eis-Me aqui, porque Me convidaste” ».

Sexta-feira, 7 de Setembro de 1984 - Virgem Maria

A Virgem Maria confia um segredo a Myrna:
“Isto fica entre Mim e ti, até à tua morte”. Da mensagem, Myrna apenas lembra estas palavras:
«Vive a tua vida.
Mas que a vida não te impeça de continuar a rezar»

Quarta-feira, 1 de Maio de 1985 - Virgem Maria

«Filhinhos, uni-vos.
O Meu coração está ferido.

Não deixeis que o Meu Coração se divida por causa das vossas divisões.

Minha filha, vou dar-te um presente pelos teus trabalhos».

Domingo, 4 de Agosto de 1985 - Virgem Maria

«A Igreja é o Reino dos Céus sobre a Terra. Quem a dividiu pecou, e quem se alegrou com a sua divisão pecou.

Estou contente: não temas, Eu estou contigo.

Em ti educarei a Minha geração».

Quarta-feira, 14 de Agosto de 1985 - Virgem Maria

«Boa festa!

Esta é a Minha festa: quando vos vejo todos reunidos.

A vossa prece é a Minha festa.

A vossa fé é a Minha festa.

A união dos vossos corações é a Minha festa».

Mensagem de Cristo – Sábado, 7 de Setembro de 1985

«Eu sou o Criador.

Criei-A para que Ela Me criasse.

Rejubilai com a alegria do céu, porque a Filha do Pai e a Mãe de Deus e Esposa do Espírito nasceu.

Exultai com a exultação da terra, porque a vossa salvação se realizou».

Mensagem de Cristo na véspera do 3º aniversário do fenómeno 26 de Novembro de 1985

«Minha filha,

Queres ser crucificada ou glorificada?

Resposta: glorificada.

Cristo sorri e diz: preferes ser glorificada pela criatura ou pelo Criador?

Resposta: pelo Criador.

Cristo: isso realiza-se pela Crucifixão.

Porque todas as vezes que tu olhas as criaturas, o olhar do Criador afasta-se de ti

Quero, minha filha, que intensifiques a oração e que te humilhes.

Aquele que se humilha será exaltado.

Eu fui crucificado por vosso amor, e quero que carregueis e suporteis a vossa cruz por Mim, voluntariamente, com amor e paciência, e que espereis a Minha vinda.

Aquele que participa Comigo no sofrimento fá-lo-ei participar na Minha glória.

Não há salvação para a alma sem a Cruz.

Não temas, Minha filha: dar-te-ei das Minhas Chagas com que pagar as dívidas dos pecadores. É essa a fonte onde toda a alma mata a sede. E se a Minha ausência se prolongar e a luz se eclipsar para ti, não temas, isso será para Minha glória. Vai à terra onde a corrupção se generalizou, e fica na paz de Deus».

Os êxtases
Primeiro período
Sexta-feira 28 de Outubro de 1983 –
Terça-feira 26 de Novembro de 1985

A partir de 28 de Outubro de 1983 começaram os êxtases. Para não me perder nos detalhes, agrupei os êxtases em quatro períodos. Em cada período há algumas ideias centrais que constantemente se repetem, se elucidam e se desenvolvem. Vou agora debruçar-me sobre as mensagens dos êxtases.

Primeiro há o período que vai de 28 de Outubro de 1983 a 26 de Novembro de 1985.

Aqui há, muito nitidamente uma espécie de crescendo. A Virgem parte da pessoa que escolheu e, lentamente, conduz-nos à escolha de Deus sobre toda a Igreja. Partindo desta pessoa concreta que se chama Myrna, Ela quer educar-nos também a nós educando Myrna e dizendo-lhe ainda: tu educarás, tu serás a educadora das Minhas gerações.

Como procede a Virgem?

A primeira palavra da primeira mensagem, durante o primeiro êxtase é:
Não tenhas medo.

Face a Deus, o homem automaticamente tem medo.
Instintivamente.

Isso vê-se até no Evangelho.

O anjo que aparece aos pastores diz-lhes: “Não temais nada! Anuncio-vos uma grande alegria!” (Lc 2, 10).

A Virgem Maria diz a Myrna:

Não temas. Tudo isto é para glorificação de Deus.

Tu, não tenhas medo de nada.

Tu és pequena, limitada,

mas tudo o que está a acontecer

e tudo o que acontecerá,

é para que o nome de Deus seja glorificado.

Devemos sempre encarar estes dois pólos.

O homem que, com toda a sua miséria, é escolhido

e Deus que o escolhe para que lhe dê glória.

Vamos agora ver desenrolar esta espécie de fio condutor e, através dele, tudo

o que o Senhor quis dizer a Myrna e, por intermédio dela, a todos os que viverão de Soufanieh.

Com efeito, no período que decorre entre 28 de Outubro de 1983 e 14 de Agosto de 1985, desenvolve-se esta imensa ideia de Deus, que escolhe uma pessoa para a glorificação do Seu nome.

Ele envia Maria, como Sua serva, para fazer este primeiro contacto de glorificação de Deus.

Não tenhas medo. Tudo isto é para a glorificação de Deus.

E de novo:

Não temas.

Desde a primeira mensagem, no primeiro êxtase, por duas vezes a Virgem diz a Myrna: *Não tenhas medo.*

Não tenhas medo. Tudo isto é para que deus seja glorificado.

Não tenhas medo. Em ti educarei a minha geração.

Portanto, a Virgem diz a Myrna: o Senhor pôs a Sua mão sobre ti para uma obra de educação da geração que será da Virgem e do Senhor.

Quando ouviu isto, Myrna sentiu medo.

Ao despertar do êxtase, disse-nos: “Mas o que significa isto?”

Porque a Virgem empregou um termo que pode significar “educar” ou “dar uma tal punição que, aquele que a recebe não volta a ter vontade de prevaricar e serve de exemplo aos outros”.

Quando, em árabe, se diz “Biddi Rabbik” pode querer dizer-se “vou castigar-te severamente e dar-te uma sova”. Assim, Myrna pensava: “O que irá a Virgem fazer comigo?” Considerava-se exposta a uma estranha punição.

Respondemos-lhe: “Não! Certamente o Senhor prepara algo que nós ignoramos. Talvez Ele queira servir-se de ti para ensinar as pessoas a orar, a entregarem-se-Lhe, a serem pacientes, a viverem a vida de mulheres e homens casados, etc. Mas certamente que o Senhor te destina a uma obra de educação. Abandona-te e não tenhas medo.”

Foi por isso que Jesus e a Virgem lhe disseram:

Não tenhas medo.

Quando do segundo êxtase, na sexta-feira 4 de Novembro de 1983, a

Virgem, vendo que os pais de Myrna choravam, disse-lhe:

Desce e vai dizer-lhes que, antes de seres filha deles, já eras Minha filha.

Portanto Myrna nem é de si própria.

Embora casada, ela é filha de Deus e da Virgem antes de ser a filha dos homens.

E, é claro, tudo o que é dito a Myrna, é dito a cada um de nós.

Por isso a Virgem, após lhe ter dito:

Desce e vai dizer-lhes que tu és Minha filha antes de seres filha deles, continua com uma frase extraordinária, em árabe dialectal:

O Meu Coração consumiu-se pelo Meu Filho único -

Consumiu-se no fogo, é a palavra em árabe -,

não vai deixar-Se consumir por todos os Meus filhos.

Traduzido literalmente parece querer dizer: Eu fui impotente; agora, não vou matar-Me por vós.

Mas tal como é dito neste árabe dialectal, que nós compreendemos bem, a Virgem quer, ao contrário, dizer:

“Pelo Meu Filho nada pude fazer, mas agora estou disposta a tudo para vos salvar.”

Nesse sentido, a Virgem dizendo a Myrna:

“Desce e diz-lhes que tu és Minha filha”

e acrescentando essa outra frase que significa:

“Estou disposta a tudo para salvar os Meus filhos”

declara que todos nós somos Seus filhos.

Portanto, o que diz a Myrna não respeita apenas a ela mas a todos nós.

Myrna é uma mulher casada.

Levantou-se a questão:

Continuaria a viver com o marido? Deixaria a família? Iria para um convento?

Na sexta-feira 25 de Novembro de 1983, a Virgem disse-lhe: “Não”.

Eu não vim separar.

A tua vida conjugal continuará tal como é.

Esta resposta sossegou Myrna e Nicolas e todos os que se interrogavam sobre o facto de ela viver ainda com o marido.

Aliás, este é um dos aspectos fundamentais de Soufanieh: recordar a

santidade do matrimónio, num tempo em que ele passa por uma consentida e sistemática desvalorização e uma desagregação sem limites!

A 31 de Maio de 1984, dia de Ascensão, há uma etapa entre as diferentes mensagens do primeiro período, uma etapa em que Jesus, intervindo pela primeira vez, lembra que é Ele o primeiro e o último.

Dá uma mensagem perturbadora:

Eu sou o Princípio e o Fim. Eu sou a Verdade, a Liberdade e a Paz.

No Evangelho, Jesus disse:

“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6).

Aqui Ele diz:

Eu sou a Verdade, a Liberdade e a Paz.

Como quem lamenta: “Pobres homens! Correis atrás da verdade mas a Verdade sou Eu.

Correis atrás da liberdade, mas que liberdade?

E correis atrás da paz.

Correi para Mim e Eu vos darei a liberdade e a paz.

Está ao vosso alcance e vós nem sabeis que fazer”.

Depois continua:

Dou-vos a Minha paz.

É uma mensagem de paz.

E recomenda a Myrna:

Reza para que a vontade de Deus se cumpra em ti.

O homem é sempre incapaz de fazer algo em relação a Deus.

E quando realmente se encontra perante as suas responsabilidades, elas podem parecer-lhe tão grandes que se sente completamente esmagado.

É aí que o Senhor diz:

“Confia-te a Mim.

Eu sou o Princípio e o Fim.

Porque te inquietas?

Eu escolhi-te.

Quero salvar-te.

Abandona-te!

Mas, na tua oração, pede

que a vontade de Deus se cumpra em ti.

Tens as tuas misérias, os teus pecados, os teus limites, as tuas incapacidades.

Pois bem, pede

que a vontade de Deus se cumpra em ti.

Nada mais do que isto.

Põe-te em atitude de acolhimento, mendiga esta graça”.

E esta graça virá e nos ajudará a fazer o que deve ser feito, para nossa purificação e salvação.

Foi por isso que Jesus, logo depois de dizer a Myrna:

Reza para que a vontade de Deus se cumpra em ti,

acrescenta:

e diz...

E ensina-lhe, então, uma belíssima oração.

Apercebemo-nos mais tarde que esta oração é composta por várias passagens da Imitação de Cristo. Dispersa em numerosas páginas. Diríamos que são pérolas escolhidas aqui e ali, com as quais o Senhor fez uma espécie de bracelete, muito simples e de uma beleza cativante.

O Padre Malouli, que é bastante mais culto que eu, não se tinha dado conta de que o texto estava na Imitação de Cristo. Eu também lia muito pouco a Imitação de Jesus Cristo. Agora leio-a com frequência, mas na altura não me apercebi de que o texto estava lá. Depois, um belo dia, alguém nos disse: “Encontrei este texto...”

Houve logo quem dissesse: “Está visto, é Myrna!”, ou então: “Foram os Padres que fabricaram esta oração e lha ensinaram”. Respondemos-lhes: “De modo nenhum! Ignorávamos totalmente que isso existisse na Imitação de Jesus Cristo!”

E reparai como Jesus escolheu estas pequenas frases diferentes para nos dizer: “Afinal, vós procurais a paz, o repouso, mas eles estão em Mim”:

Concede-me que repouse em Ti sobre todas as coisas,

sobre toda a criatura,

sobre todos os Teus anjos,

sobre todo o elogio,

sobre toda a alegria e exultação,

sobre toda a glória e dignidade,

sobre todo o exército celeste.

Ele examinou tudo:

“Não procureis a paz nem o repouso no que é criatura, mesmo criatura colocada em alta hierarquia no céu.

A paz está em Mim”.

O que me lembra Santo Agostinho: “Senhor, fizeste-nos para Ti e só em Ti o nosso coração pode repousar”.

No fim desta oração Jesus ensina a dizer:

Porque só Tu és o Altíssimo,

só Tu és Bom,

só Tu és Poderoso acima de tudo.

Acima de tudo!

É preciso não esquecer que esta mensagem é escrita em árabe e proclamada numa sociedade árabe, de maioria muçulmana. Maria preparou bem o terreno.

Ela é tão respeitada no Islão...

Na sexta-feira 7 de Setembro de 1984, a Virgem volta a aparecer a Myrna, num êxtase, e convida-a a viver a sua vida:

Vive a tua vida.

Mas que a vida não te impeça de continuar a rezar.

Reza sempre.

Reza por que verdadeiramente sejas instrumento do anúncio novo, nas mãos do Senhor.

Vive a tua vida de casada, de mulher no mundo, mas não deixes nunca de rezar.

Vede bem: mensagens muito pequenas, mas muito precisas, e que preparam Myrna para esta missão que a ultrapassa e que nos ultrapassa a todos nós. Mensagens dadas no dia a dia. A Virgem educou Myrna antes de fazer dela uma educadora do que chamou a *Minha geração*. Através de Myrna a Virgem foi também a nossa própria educadora.

A 1 de Maio de 1985 a Virgem começou a pôr todo o seu empenho no chamamento dos cristãos à unidade. Já o tinha feito nas aparições, mas aqui, pela primeira vez, diz a Myrna:

O Meu Coração está ferido.

Não deixeis que o Meu Coração se divida por causa das vossas divisões.

Ela disse-nos isto.

E iniciou esta mensagem: *Meus filhos*,
empregando a palavra
“awladi” que significa “Meus filhinhos”.

Habitualmente Ela diz “abnai”. A palavra “eben” pode empregar-se até para um homem de cinquenta ou uma mulher de sessenta anos, desde que os pais estejam vivos. Mas a palavra “awladi” usa-se para as crianças. Será temerário concluirmos que, aos olhos da Virgem, as nossas divisões são histórias de garotos de que é preciso, a todo o custo, que nos libertemos para crescermos e acedermos à maturidade da unidade? Pessoalmente inclino-me a acreditar nisso.

Nesse dia a Virgem, segurando as mãos de Myrna e olhando-a com muita tristeza, disse-lhe:

*Meus filhinhos, “awladi”,
uni-vos.*

O Meu Coração está ferido.

Não deixeis que o Meu Coração se divida por causa das vossas divisões. Começa a ver-se que uma das glorificações do Senhor é a unificação da Igreja.

E Jesus frisou bem: “Pai, que eles sejam um para que o mundo saiba que Me enviaste” (Jo 17, 21).

Enquanto a Igreja estiver dividida, o seu testemunho estará aquém do que deve ser, e não será aceite como seria se a Igreja fosse de facto una.

Una na sua fé, na sua estrutura e na sua missão.

A Virgem continua assim a abrir a janela nova que tinha começado a abrir nas aparições.

É preciso crescer, tornarmo-nos filhos, em vez de continuarmos a ser miúdos, presas de divisões indignas.

A Virgem surpreende-nos dizendo, em seguida, a Myrna:

Vou dar-te um presente pelos teus trabalhos.

Viu-se depois que o presente foi a gravidez de Myrna e a pequena Myriam, e mais tarde João Emanuel.

Que fonte de meditação é esta pequena frase!

Toda a criança é um presente do céu.

Não pode ser objecto de prazer ou divertimento.

Não pode ser rejeitada ou morta à vontade do homem.

Não pode ser considerada como um animal que se arranja para preencher

a ameaça ou desilusão da solidão.
Que actualidade!

A perspectiva da Virgem é a glorificação de Deus através deste pequeno instrumento que se chama Myrna, e para isso a educa.

Prepara-a para a maternidade.

E através dela faz-nos chegar mensagens sobre a nossa origem divina, sobre a nossa filiação divina e, por consequência, sobre a nossa dignidade humana.

A 4 de Agosto de 1985, a Virgem recorda o que dissera na aparição de 24 de Março de 1983, em Los Angeles:

A Igreja é o Reino de Deus sobre a terra.

Quem a dividiu pecou, quem se alegrou com a sua divisão pecou.

Neste 4 de Agosto o êxtase deu-se no fim de uma missa solene celebrada na catedral siríaca-ortodoxa de Hassaké, cidade do nordeste da Síria.

A Virgem, nesse dia, manifestou-se numa igreja ortodoxa, como se tinha manifestado noutros lugares.

Não quererá, com isso, lembrar-nos que todas as igrejas são igrejas de Seu Filho?

E que Ela quer reunir numa só todas estas Igrejas?

Porque a Igreja é o Reino de Deus na terra.

Basta de divisões.

Para tranquilizar Myrna, volta a dizer-lhe:

Estou contente

Não tenhas medo.

Eu estou contigo.

Em ti educarei a Minha geração.

Reparai neste leitmotiv:

Não tenhas medo.

Eu estou contente.

Eu estou contigo.

Em ti educarei a Minha geração.

Nota-se que é realmente uma educadora a preparar lentamente aquela que um dia terá a missão, tão pouco vulgar, de convidar todos os cristãos à unidade.

É a grande mensagem em que a Virgem se manifesta como verdadeira Mãe, que quer todos e não exclui ninguém.

É uma Mãezinha que quer reunir todos os Seus filhos.

Como diz o provérbio árabe: “Al-Oum Bitlem – A Mãe reúne”.

A 14 de Agosto de 1985, antes de se afastar por quatro anos dos êxtases de Myrna, a Virgem Maria deixa-nos uma mensagem em árabe dialectal, perturbantemente profunda e simples:

Boa festa!

A Minha festa é ver-vos todos reunidos.

E Ela repete a palavra.

Insiste na tautologia:

A Minha festa é quando vos vejo todos reunidos.

A vossa oração é a Minha festa.

A vossa fé é a Minha festa.

A união dos vossos corações é a Minha festa.

“A Minha festa não é o ruído de vozes nem as cerimónias,

É a unidade dos corações, da oração,

e finalmente da Igreja.

É essa a Minha festa,

portanto dai-Me a alegria de vos ver unidos”.

Ela deu esta mensagem e eclipsou-se durante quatro anos.

A partir desta data, sente-se que há uma espécie de inflexão no fenómeno. Desta vez é Jesus que fala.

Jesus que já tinha aparecido um pouco antes, a 31 de Maio de 1984, e que vai reforçar com toda a Sua autoridade as mensagens ulteriores.

A grande mensagem d’Ele, a 7 de Setembro de 1985, logo após esta da maternidade divina e do apelo à unidade, é uma mensagem espantosa que resume toda a doutrina, toda a teologia cristã.

Eu sou o Criador.

Criei-A para que Ela Me criasse.

Rejubilai com a alegria do céu, porque a Filha do Pai, Mãe de Deus e Esposa do Espírito, nasceu.

Exultai da exultação da terra, porque a vossa salvação se realizou.

Jesus mostrou, de forma condensada, tudo o que Ele é e tudo o que o

homem é para Ele.

E tudo o que Ele fez pelo homem e o que conta fazer pela sua salvação.

É um condensado extraordinário, em algumas linhas.

Mais tarde, vai dissecar o que disse aqui em bloco.

Vai dissecá-lo de uma maneira extraordinária.

Muito bela.

A 26 de Novembro de 1985 Ele estabelece um diálogo com Myrna, coisa que não tinha ainda acontecido e que não aconteceria depois. Pelo menos até agora.

Minha filha, queres ser crucificada ou glorificada?

Ela responde: Glorificada.

Quando o Padre Malouli lhe pergunta: “Que significa para ti ‘glorificada?’”

Ela responde: “É dar glória ao pai e ao Filho e ao Espírito Santo”.

Myrna não ia além deste nível.

Jesus sorriu e disse-lhe: Preferes ser glorificada pela criatura ou pelo Criador?

Ela respondeu: pelo Criador.

Então Jesus retorquiu: isso realiza-se pela crucifixão.

Diria que Ele inicia a aprendizagem de Myrna, a educação de Myrna nas grandes verdades cristãs.

Melhor ainda será dizer nas grandes realidades cristãs.

Quando dizemos “verdades” dá a impressão de falarmos à inteligência, mas a realidade é o real,

é o vivido.

Educação nas grandes realidades cristãs.

Deus que ama,

e a cruz.

Deus carregou a cruz por amor aos homens.

Ele pede-nos que levemos a nossa cruz por amor a Ele e a nós próprios, para nossa salvação.

Então Jesus mostra agora uma nova perspectiva.

Faz Myrna compreender que a cruz significa o olhar para o Criador, que leva ao desprezo de nós mesmos e nos permite saber olhar bem para as criaturas, sem que nos deixemos agarrar por elas.

Em seguida pede-lhe que espere o Seu regresso com paciência e amor.

É então que Ele faz uma promessa de recompensa:

Àquele que participa Comigo no sofrimento fá-lo-ei participar na Minha glória.

É toda uma perspectiva.

Uma perspectiva global, total.

Deus que ama,

que morreu na cruz por amor dos homens,

que pede aos homens que O amem levando as suas cruzes, que Lhe orem, se desprezem por Ele e vivam por amor a Ele.

E tudo isso será recompensado: Porque, tendo sofrido na terra, Ele os recompensará na eternidade.

Por isso Ele lhe diz que encare esta perspectiva que causa medo: sempre a cruz, a cruz!

Diz-lhe:

Não tenhas medo. Dar-te-ei das Minhas chagas para reparar as dívidas dos pecadores.

Imaginaí esta participação na obra da Redenção!

Ele eleva Myrna ao nível de uma pessoa que participa na Redenção.

Só Ele é o Mestre.

Se Ele quer fazê-lo, que o faça. Nós não contamos nada!

E não podemos tirar daí nenhuma glória...

Nenhuma.

É por isso que Jesus diz: *Das Minhas chagas.*

As Suas chagas são a nascente onde se dessedentam todas as almas.

Foi o que aconteceu com S. Paulo, que pôde falar disso com toda a clareza, sem daí tirar glória!

De novo Jesus Se faz educador.

Ele diz a Myrna: *Se a Minha ausência se prolongar, não temas.*

De facto Jesus ausentou-Se durante um ano.

Após esta mensagem dada a 26 de Novembro de 1985, Ele eclipsou-Se totalmente. A Virgem também o tinha feito. O óleo deixou de escorrer, tanto da imagem como de Myrna. Mais nada. Durante um ano foi o deserto...

Mas foi também a oração.

Continuávamos a rezar.

Êxtases

Segundo período

Mensagem de Cristo a Myrna na véspera do 4º aniversário, quarta-feira 26 de Novembro de 1986

«Minha filha,
Como é belo este lugar! Construirei nele o Meu reino e a Minha paz.

Dou-vos a todos o Meu Coração, para possuir os vossos corações. Os vossos pecados são perdoados, porque vos voltais para Mim e, em quem se volta para Mim, Eu imprimirei a Minha imagem. Porque, ai daquele que representa a Minha imagem, tendo vendido o Meu Sangue.

Rezai pelos pecadores.

Porque Eu derramarei, por cada palavra de oração, uma gota do Meu Sangue, sobre um dos pecadores.

Quero renovar a Minha Paixão, e quero que cumpras a tua missão. Porque não poderás entrar no céu se não cumprires bem a tua missão na terra.

Vai em paz e diz aos Meus filhos que venham a Mim a toda a hora, e não apenas quando Eu renovo a festa da Minha Mãe.

Pois Eu estou com eles a todo o momento».

Mensagem de Cristo no Sábado Santo, 18 de Abril de 1987

«Dei-vos um sinal para Minha glorificação.

Prosegui o vosso caminho e Eu estarei convosco.

Senão...»

Mensagem de Cristo em Quinta-feira de Ascensão, 21 de Maio de 1987

«Amai-vos uns aos outros e orai com fé».

Mensagem de Cristo, quarta-feira 22 de Julho de 1987 (em Màad, Líbano)

«Não temas, Minha filha, em ti educarei a Minha geração.

Rezai, rezai, rezai.

E quando rezardes dizei:

Ó Pai, pelo mérito das Chagas do Teu Filho, salva-nos».

Mensagem de Cristo na noite de 14 para 15 de Agosto de 1987

«Minha filha,

é Ela a Minha Mãe, da qual Eu nasci.

Quem A honra, honra-Me.

Quem a renega, renega-Me.

E quem Lhe pede obtém, porque Ela é a Minha Mãe».

Os êxtases
Segundo período
Quarta-feira 26 de Novembro de 1986 -
- Sexta-feira 14 de Agosto de 1987

Exactamente um ano depois, a 26 de Novembro de 1986, Jesus deu a Myrna uma nova mensagem na qual retoma e amplifica a Sua antiga promessa: Como é belo este lugar! Construirei nele o Meu Reino e a Minha paz. Ora este lugar não tem nada de especial. Portanto não é a casa que é bela, é este agrupamento de crentes desejosos de estar com o Senhor, é esta resposta dos fiéis ou dos convertidos ao apelo do Senhor, este amor que eles Lhe dão.

É tudo isso que, para o Senhor, é verdadeiramente belo. E Ele vai utilizar esta base insignificante para construir o Seu Reino e a Sua Paz..

É ele quem constrói, não somos nós!

Com o material que Ele quer. É Ele quem o escolhe, não somos nós.

Jesus diz:

Construirei o Meu Reino e a Minha Paz para possuir o vosso coração.

Dar-vos-ei o Meu coração para possuir o vosso.

“Quero-vos para Mim.

Não podeis pertencer a nada nem a ninguém.”

E Ele começa por:

Os vossos pecados são perdoados porque olhais para Mim.

Então podemos dizer-Lhe: “Senhor, Tu vais construir comigo? Mas, quem sou eu? Não passo de um miserável, um pecador!”

E é verdade.

Mas Ele tranquiliza-nos e anima-nos, parecendo dizer-nos:

“Não vos preocupeis.

Tomo-vos tal como sois.

Aceitai-vos tal como sois.

Aceitai-Me como Eu vos quero.

Começo por vos perdoar

e sou capaz de vos santificar e fazer de vós instrumentos da Minha glorificação.”

É assim que eu vejo a ligação entre as frases de Jesus:
*Como é belo este lugar, construirei nele o Meu reino e a Minha paz.
Dar-vos-ei o Meu coração para possuir o vosso.
Os vossos pecados são-vos perdoados porque olhais para Mim.*
Quando se olha alguém com um olhar de amor e de confiança, a sua imagem imprime-se em nós.

E foi o que Jesus disse:

Em quem Me olha, Eu imprimirei a Minha imagem.

Portanto, vós sereis Meus ícones.

Vós sereis Meus ícones do mesmo modo que se pode, simbolicamente, dizer de Myrna que é o ícone do Senhor.

Assim como o óleo escorre da Virgem e de Jesus, escorre também de Myrna. O óleo exsudou também de outras pessoas que rezavam. Se o Senhor quer recordar-nos que somos Seus ícones, está apenas a lembrar-nos uma verdade inerente ao homem e que a Santa Escritura nos indica desde as primeiras páginas: “Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança” (Gn 1, 27). Nós somos ícones de Deus na terra.

Infelizmente esquecemo-lo.

Desfiguramo-nos, renegamo-nos.

Não procuramos ser o ícone de Deus, mas o ícone deste mundo.

O Senhor disse-nos:

“Queirais ou não, vós sois Meus ícones”.

Aí, Jesus tem uma frase extraordinária.

Depois de ter dito:

Imprimirei a Minha imagem em quem Me olha,

Ele continua:

E ai daquele que representa a Minha imagem tendo vendido o Meu sangue.

Ai daquele que representa a Minha imagem tendo vendido o Meu sangue.

Todos nós representamos a imagem de Deus.

Mas, na verdade, representámo-la ou não?

Como

é que a representamos?

Até que limite?

De que maneira?

O Senhor é muito paciente mas, no Evangelho, disse: “Ai de quem! Ai de

quem! Ai de quem!”

Aqui, por uma vez, Ele disse-nos: “Ai daquele!” “Infeliz aquele!”

E esta infelicidade atinge toda a gente.

Atinge todo o cristão que pretende representar o Senhor: o simples fiel, o padre, o bispo, o Patriarca, o Papa.

Todos nós somos Seus representantes.

Por isso Jesus acrescentou em seguida:

Rezai pelos pecadores.

Em cada palavra de oração, Eu derramarei uma gota do Meu sangue sobre um dos pecadores.

Portanto Ele pensa em cada um.

Recordo a palavra de Pascal: “Verti tal gota do Meu sangue por ti”.

Para o Senhor nós não somos uma massa anónima, somos pessoas amadas individualmente.

Somos pessoas visadas individualmente...

Ele imprime em cada um de nós a Sua imagem.

Ele quer-nos à Sua imagem.

Se, por desgraça, estamos mergulhados no pecado, é Ele o único que pode ajudar-nos a sair dele.

Ele diz-nos isto com muita clareza.

É por isso que sossega Myrna, que poderia ter-se perturbado com tudo isto;

Não te deixes perturbar pelas coisas da terra. Pelas Minhas chagas, tu ganharás a eternidade.

Aqui, há uma coisa que eu gostaria de assinalar. Myrna estava muito inquieta porque o pai dela tinha sido preso. Ficou na prisão três meses. Uma denúncia. Foi preso e na prisão passou o tempo a contar aos companheiros toda a história de Soufanieh. Rasgou a camisa para fazer um terço, atando os bocados de tecido. Fez um terço que nunca, durante os três meses de estadia, deixou de rezar.

Ora, justamente antes do êxtase desse dia, Myrna chorava. Fui ter com ela, que estava no salão, para lhe dizer: “Myrna, pára de chorar. Lembra-te que um dia a Virgem te disse: ‘Desce e diz-lhes que tu és Minha filha antes de seres filha deles’. E agora permito-me dizer-te: o teu pai é filho de deus antes de ser teu pai. Não tens o direito de estar assim inquieta. Agora é o

momento da oração. Põe-te em pé, no meio das pessoas, e deixa o teu pai com o bom Deus. É Ele que sabe tudo, que resolve tudo.”

Na mensagem chegou esta frase:

Minha filha, não te deixes perturbar pelas coisas da terra.

E Myrna compreendeu.

Quem não conhecer o fundo das coisas, pode ver nestas palavras uma generalidade: há tantas coisas na terra que nos inquietam.

Mas Myrna percebeu bem porque é que Jesus dizia aquilo.

E Ele continuou:

Pelas Minhas chagas, tu ganharás a eternidade. Quero renovar a Minha Paixão.

E ameaçou:

Quero que cumpras a tua missão, senão não entrarás no céu.

O Senhor é tão bom como exigente!

Portanto quando alguém nos vem com a cantiga de que a misericórdia do Senhor não pode admitir que haja um inferno eterno, basta responder: Mas não é invenção dos homens!

A nossa razão não pode admitir isso.

Mas é Deus quem conhece melhor que ninguém.

Foi Ele que nos disse a Sua verdade acerca d’Ele mesmo e a verdade sobre nós em relação à nossa eternidade.

Então, se Ele diz que há um céu eterno e um inferno eterno, no nosso comportamento devemos tomar atenção a isso e não contar com a misericórdia infinita e ilimitada de Deus.

Não temos esse direito.

Jesus disse em seguida a Myrna:

Vai em paz e diz aos Meus filhos que venham a Mim a toda a hora, e não quando renovo a festa de minha Mãe.

Pois Eu estou com eles em todo o tempo.

Portanto aí está Jesus a lembrar a Myrna a grande verdade da cruz.

É Ele que vai realizar a salvação,

que vai refazer o Seu Reino através destes pequenos instrumentos como Myrna.

Que ela não se deixe desviar pelo seu pecado. Ele é capaz de imprimir a Sua imagem nela ou em qualquer outro pecador.

O Senhor convida-a de novo a rezar e a esperar que, através das Suas Chagas,

Ele se manifeste nela.

Porque quer renovar a Sua Paixão, quer voltar a dizer ao homem que deseja a salvação do homem.

E a salvação do homem passa pelo sofrimento de Deus e daqueles que participam na redenção do Senhor.

O Senhor está connosco.

Assim é preciso estar perante Ele,

continuamente presente,

numa presença efectiva,

e não fortuita, nem passageira!

Depois houve uma advertência que nos deixou na expectativa.

No Sábado Santo 18 de Abril de 1987, Jesus durante o êxtase disse a Myrna:

Dei-vos um sinal para Minha glorificação.

Sempre o fim último, a glorificação de Deus.

Prosegui o vosso caminho, Eu estou convosco.

Senão...

E Ele parou.

Portanto tudo é para sua glorificação.

Continuemos este caminho e Ele está contente, senão...

E Ele está connosco.

Estando Ele connosco temos a certeza de chegar.

Senão...

Este *senão* levantou-nos muitas questões.

Interrogamo-nos: “A quem Se dirige?”

A tal pessoa ou a todos? Só a Myrna ou a todos nós?

E creio que não lhe demos a atenção suficiente.

Porque nas duas mensagens seguintes, muito breves, Jesus diz-nos, primeiro a 21 de Maio de 1987:

Amái-vos uns aos outros e rezai com fé.

Quando o Senhor nos diz:

Amái-vos uns aos outros,

é porque não nos amamos o suficiente.

E quando nos diz:

Rezai com fé,

é porque não rezamos com fé suficiente.
Talvez a nossa oração se tenha tornado rotineira.

Pouco depois, a 22 de Julho, Ele convida Myrna de novo à oração, dizendo-lhe, mas no plural:

Rezai, rezai, rezai,

dirigindo-se portanto a todos.

E quando rezardes dizei: “Ó Pai, pelos méritos das chagas do Teu Filho, salva-nos”.

Entretanto nesta mensagem Jesus começa por dizer novamente:

Não temas, minha filha, em ti educarei a Minha geração.

Portanto Jesus volta a convidar Myrna a não ter medo. Ele tem o cuidado de a educar.

Mas, por ela, convida-nos à oração.

A uma oração dirigida ao Pai mas que passa pelas chagas do Filho.

Quer dizer pela Sua Redenção.

Fora de Jesus não há salvação.

Fora das chagas de Jesus não há salvação.

Ele já tinha dito a 26 de Novembro de 1985 que,

sem a cruz a alma não tem salvação:

Não há salvação para a alma sem a cruz.

Aqui a realidade é a mesma:

Ó Pai, pelos méritos das chagas do Teu bem-amado Filho, salva-nos.

É preciso passar pelas chagas e portanto pela Redenção.

As chagas de Jesus são as portas da salvação.

E eis que Jesus, no decurso da mensagem seguinte, na noite de 14 de Agosto de 1987, proclama o que verdadeiramente podemos chamar a maternidade divina. Uma mensagem impressionante de simplicidade e beleza.

Minha filha,

é Ela a minha Mãe, da qual Eu nasci.

Quem a honra, honra-Me.

Quem a renega, renega-Me.

E quem Lhe pede obtém, porque Ela é a Minha Mãe.

Comparem o que Ele diz no Evangelho: “Quem conhece o Filho, conhece o Pai” (Jo 7, 19 – cf. Jo 5, 23 e 14, 9).

Ficamos com a impressão de que o Senhor, aqui, eleva a Virgem a um nível que os teólogos têm dificuldade em imaginar:

Quem a honra, honra-Me.

Quando pensamos nos protestantes, que dizem que a honra dada à Virgem é roubada a Jesus, temos dificuldade em compreender e em aceitar.

Não é possível.

Humanamente falando é inadmissível.

Porque a honra prestada à mãe de um homem, quem quer que seja, é, humanamente falando, um acréscimo de honra para o filho.

Isso é pura lógica. Apliquemo-la a Jesus e Sua Mãe!

Pretender o contrário é negar toda a lógica.

Quem A renega, renega-Me.

Quem Lhe pede, obtém porque Ela é a Minha Mãe.

Recordo que, quando estudava teologia, nos diziam:

“Só Deus dá. Pedimos por intercessão dos santos, mas é só Deus que dá.”

Aqui Jesus parece brincar com a nossa teologia humana:

“Vá, pedi à Minha Mãe, não tenhais medo.

Ela é Minha Mãe,

não posso recusar-Lhe nada.

Quem Lhe pede obtém.

Mesmo que não Me peçam a mim, pedi-Lhe a Ela e receberéis.”

É tão belo!

Eu diria que a teologia de Jesus é tão humana!

E é tanto mais belo que, no Oriente, mesmo os que não crêem, ou que nunca rezam nas igrejas, ou não praticam absolutamente nada, mesmo esses, quando estão em dificuldade têm instintivamente nos lábios este grito: “Ya’ Adra – Ó Virgem!”

É verdade.

Tanto os pequenos como os grandes ou os velhos: “Ya’ Adra!”

Lembro-me de um jovem que levava uma vida de prazeres. Esteve prestes a sofrer um grave acidente de carro. Numa montanha com neve, chuva e uma circulação terrível, viu o carro derrapar e mergulhar para o vale. Instintivamente gritou: “Ya’ Adra!” Contou-me ele: “Não imagino como é

que o carro parou de repente, à borda do precipício”. O que o fez estacar? “Ya’ Adra! – Ó Virgem!” E acrescentou: “No entanto a minha vida estava bem longe de Jesus e Maria!” Depois, este homem deu uma volta completa e retomou o caminho do Senhor.

“Pedi à Minha Mãe.

Pedi. Não tenhais medo, pedi!”

Será que Lhe pedimos o suficiente?

Quando vejo como, no Ocidente, tantas vezes se afastou a Virgem.

Muitas igrejas não têm a Sua imagem, o Seu ícone. Mesmo o terço foi abandonado por alguns. Um padre francês que veio a Damasco, quando viu quanto nós rezamos o terço – tenho dificuldade em dizer “recitar o terço” porque não se pode recitar uma oração – disse: “Vós rezais o terço?”

Respondi: “Claro! É claro que rezamos o terço! Porque não havíamos de rezá-lo?” Ele insistiu: “Entre nós isso desapareceu”. Ao que retorqui: “Pois espero que recomece”.

Qual é o inconveniente de rezar o terço?

Na primeira parte são as próprias palavras do anjo e de Isabel. As palavras do Evangelho!

E na segunda, que dizemos à Virgem? “Mãe de Deus, rogai por nós pobres pecadores, agora e na hora da nossa morte”. Este agora pode ser justamente a hora da nossa morte. Porque não temos garantia do minuto seguinte. Portanto, a Ela que é a Mãe de Deus, dizemos: “Olha por mim pobre pecador”.

Qual é o inconveniente ou a incongruência de rezar o terço?

Tantas vezes fazemos pedidos aos homens por quem até temos desprezo.

Pedimos-lhes para conseguir alguma coisa.

Porque não pedimos à Mãe de Deus que é nossa Mãe?

A menos que tenhamos deixado de nos considerar pecadores. Talvez um dos grandes pecados do Ocidente seja essa exploração da eliminação do sentido do pecado!

Portanto, durante o segundo período vimos uma espécie de crescendo nas mensagens. O Senhor de repente desvenda o Seu plano de salvação e, em seguida explica-o:

Por vosso amor levei a cruz, levei também vós a cruz.

Rezai.

Minha filha, dar-te-ei das Minhas chagas.

E:

Não tenhais medo, Eu estou convosco.

Depois:

Respeitai a Minha Mãe, honrai-A e rezai-Lhe. Ela é para vós a Minha Mãe e vossa Mãe.

Assim foram as duas primeiras etapas deste período dos êxtases. A primeira decorreu entre 28 de Outubro de 1983 e 26 de Novembro de 1985; a segunda entre 26 de Novembro de 1986 e 14 de Agosto de 1987.

Êxtases **Uma inflexão**

Mensagem de Cristo a Myrna na noite de 7 de Setembro de 1987

«Maria,

Não foi a ti, a rapariguinha calma, de coração cheio de amor e de simpatia, que Eu escolhi?

Constatei que tu não podes suportar nada por Mim. Vou dar-te oportunidade de escolher. Acredita que, se Me perdes, perderás as preces de todos os que te rodeiam e asseguro-te que carregar a cruz é inevitável».

Mensagem de Cristo confiada a Myrna na tarde de 26 de Novembro de 1987, 5º aniversário do fenómeno de Soufanieh

«Minha filha,

Aprecio que tenhas optado por Mim, mas não apenas em palavras. Quero que juntes o Meu Coração ao teu delicado coração, para que os nossos corações se unam. Fazendo isso, salvas almas que sofrem. Não detestes ninguém para que o teu coração não se feche ao amor por Mim.

Ama a todos como Me amaste, principalmente os que te odeiam e dizem mal de ti. Por esta via obterás a glória.

Persevera na tua vida de esposa, de mãe e de irmã.

Não te inquietes com as dificuldades e dores que vais ter.

Quero que tu sejas mais forte do que elas – pois Eu estou contigo – senão perderás o Meu Coração.

Vai e anuncia ao mundo inteiro e diz-lhes, sem medo, que trabalhem pela unidade.

Não se censura o homem pelo fruto das suas mãos, mas pelo fruto do seu coração.

A Minha paz no teu coração será uma bênção para ti e para todos os que colaborarem contigo».

Os êxtases
Uma inflexão
Segunda-feira 7 de Setembro de 1987-
Quinta-feira 26 de Novembro de 1987

Agora há uma inflexão, a 7 de Setembro de 1987.

Esta inflexão tinha sido precedida de uma advertência misteriosa no Sábado Santo, 18 de Abril de 1987.

A 7 de Setembro de 1987 a mensagem tomou a dimensão de uma advertência; eu diria mesmo de um ultimato.

Myrna, na noite deste êxtase chorava de tal maneira que, aos padres que lhe perguntavam: “O que tens, Myrna?”, respondeu: “Saíam, não quero ninguém aqui. Se Ele queria abandonar-me, porque me escolheu? É preferível o suicídio.”

Imaginai!

Estas palavras mostram até que ponto ela estava aterrada, quase desesperada.

Eu não a ouvi porque não estava no interior, foi o Padre Boulos Fadel que me fez este relato.

Eis o teor da mensagem. É Jesus que fala:

Maria – é este o nome de baptismo de Myrna – não foi a ti, a rapariguinha calma, de coração cheio de amor e simpatia que Eu escolhi? Constatei que és incapaz de suportar alguma coisa por Mim.

É uma condenação à morte.

E o Senhor continuou:

Vou dar-te uma oportunidade de escolher...

Mas acredita que, se Me perdes, perderás a oração de todos os que te rodeiam. E asseguro-te que é indispensável carregar a cruz.

Teremos nós, e Myrna também, durante este período, tentado esquivar-nos a levar a cruz?

Porque não se trata só de Myrna.

Eu diria que Myrna é a representante de toda a comunidade.

Teremos nós tentado fugir à cruz, esquivar-nos, e criar a ilusão de que a carregávamos?

É esta a nossa tentação de todos os dias.

Talvez Myrna tenha passado por uma fase mais grave desta tentação, e o Senhor puxou-lhe as orelhas.

Só houve uma pessoa que, antes de ter ouvido uma única palavra da mensagem, adivinhou o que poderia ter-se passado. Foi Nabil, o cameraman, que estava lá permanentemente a filmar. Quando viu Myrna a chorar desta maneira voltou-se para o marido e disse: “Nicolas, creio que Jesus deu um puxão de orelhas à tua mulher”. De facto, quando ela nos deu a mensagem pensamos: “Nabil viu claro.” Daí em diante Myrna intensificou a oração. E nós também batemos no peito dizendo: “É tempo de intensificar a nossa vida de oração e a nossa vida de amor e de serviço.” Felizmente o Senhor teve piedade de nós, senão teria sido um desabar estrondoso. Imaginem, ao fim de quatro anos: teríamos sido motivo de chacota, de uma incrível chacota, para todo o mundo. Imaginem a nossa situação, a situação de Myrna, se tudo tivesse terminado após todos estes acontecimentos. Certamente as pessoas teriam dito que tudo era completamente falso. Ou então: “Vede, é o próprio Deus que os abandona. Que resta a estes pobres?”

A resposta a este ultimato era esperada com uma inquietude imensa, na noite de 26 de Novembro de 1987.

Nessa ocasião estava presente o Padre Laurentin. O Senhor deu uma mensagem a Myrna. Felicitou-a por O ter escolhido mas convidou-a a viver, na realidade, uma vida de mais fé e amor. Convidou-a a rezar pelos que a perseguem porque, por eles, lhe prometia a glória. Convidou-a novamente a ser forte face às dificuldades, a ser fiel como esposa, mãe e irmã dos que vêm ter com ela. E de novo lhe enunciou a grande mensagem, mas desta vez para que a leve ao mundo inteiro:

Vai e anuncia ao mundo inteiro e diz-lhes, sem medo, que trabalhem pela unidade.

Esta foi a grande inflexão. E como foi grande!

Um ultimato que o Senhor retirou, por amizade por nós e por amor por Ele mesmo.

E agora incumbe Myrna de uma missão:

Vai e anuncia!

Este *vai e anuncia* foi captado por um médico que tinha telefonado

nessa noite dos Estados Unidos, o doutor Antoine Mansour. Ditamos-lhe a mensagem, a seu pedido. Pouco depois voltou a telefonar para dizer: “Pois bem, vamos pôr em prática a ordem do Senhor. Convido-vos e vamos começar pelos Estados Unidos.”

Êxtases
Terceiro período

Mensagem de Cristo a 14 de Agosto de 1988 (Los Angeles, U.S.A.)

«Meus filhos,
dei-vos a Minha paz, mas vós que Me destes?
Vós sois a Minha Igreja e o vosso coração pertence-Me, a não ser
que esse coração possua um outro deus além de Mim.
Em verdade Eu disse: **a Igreja é o Reino dos Céus sobre a Terra,
quem a dividiu pecou e quem se alegrou com a sua divisão
verdadeiramente pecou.**
É-Me mais fácil que um descrente creia em Mim do que aqueles
que pretendem ter fé e caridade e que juram pelo Meu nome.
Só em Deus deveis pôr a vossa confiança.
Rezai pelos pecadores que perdoam em Meu nome e pelos que
renegam a Minha Mãe.
Meus filhos, dei-vos todo o Meu tempo, dai-Me uma parte do vosso».

Mensagem de Cristo a 7 de Setembro de 1988 (Damasco)

«Minha filha,
em verdade, disse-te que ultrapassasses todas as dificuldades e
acredita que experimentaste pouco.
**Diz aos Meus filhos que é a eles que Eu peço a unidade e não a
quero daqueles que os enganam simulando trabalhar pela
unidade.**
Vai e anuncia, e onde tu estiveres Eu estarei contigo».

Mensagem de Cristo a 10 de Outubro de 1988 (Màad, Líbano)

«Minha filha Maria,
porque temes se Eu estou contigo?
Deves dizer em voz alta a palavra de verdade sobre O que te criou,
para que a Minha força se manifeste em ti.
E Eu te darei das Minhas Chagas para que esqueças os sofrimentos
que as pessoas te causam.
Não escolhas o caminho porque Eu já to tracei».

Os êxtases
Terceiro período
Domingo 14 de Agosto de 1988-
Segunda-feira 10 de Outubro de 1988

Aqui começa aquilo a que chamo a terceira parte das mensagens. Myrna e Nicolas foram para os Estados Unidos durante seis meses. E, em Los Angeles, o Senhor renovou a missão de Soufanieh através do óleo que escorreu e através de uma mensagem que deu na véspera da festa da Assunção, a 14 de Agosto de 1988, durante um êxtase no fim da missa celebrada em casa do doutor Mansour.

Aí, Jesus disse:

*Meus filhos, dei-vos a minha paz,
mas vós que Me destes?*

Diria que Jesus veio pedir contas. Ao fim de sete ou oito anos, tem o direito de perguntar: “*Que fizestes?*”

*A Minha paz, Eu dei-vo-la,
mas que Me destes vós?*

*Vós sois a Minha Igreja,
o vosso coração pertence-me, a não ser que esse coração possua um outro
deus além de Mim!*

Reparai neste jogo de báscula que Jesus faz:

*Vós sois a Minha Igreja e o vosso coração pertence-Me, a não ser que...
Eu dei-vos a Minha paz, mas vós que Me destes?*

Depois prossegue:

*Já vos disse: “A Igreja é o Reino dos céus na terra. Quem a dividiu pecou,
e quem se alegrou com a sua divisão pecou verdadeiramente”.*

E retoma:

*Assim, é mais fácil que um descrente creia em Mim do que aqueles que
pretendem ter fé e amor e que juram pelo Meu nome.*

É uma constatação profundamente triste e uma dura repreensão!

Uma dura reprimenda porque corresponde a uma constatação daquilo que vivemos em Soufanieh.

Quantas pessoas, que estavam nos antípodas de Deus, foram de um dia para o outro reconquistadas por Ele e reencontraram a sua alegria, a sua

razão de existir, a sua paz e a sua liberdade no Senhor! E muitos dos que pretendem representar o Senhor, ou crer n'Ele, continuam a recusar Soufanieh e a opor-se-lhe com quanto desdém, quanta altivez! Sim, na realidade vimos pessoas, mesmo altamente colocadas na Igreja, que continuavam obstinadamente a recusar todos estes sinais que o Senhor nos dava.

É uma censura feita por Jesus, que parece pesar muito no Seu coração. A continuação da mensagem parece explicar melhor, porque Jesus continua assim:

Deveis pôr a vossa confiança só em Deus.

Em Deus, só!

Depois parece-me que ainda reforça esta explicação na frase seguinte:

*Rezai pelos pecadores que perdoam em meu nome
e por aqueles que renegam a Minha Mãe.*

Mas, quem perdoa em nome de Jesus?

Os que têm o poder do perdão.

Na Igreja católica como na Igreja ortodoxa, é o clero do mais alto ao mais baixo.

É o clero, os padres, os bispos, os patriarcas e o Papa. Só eles perdoam em nome de Jesus.

Jesus lembra-nos a nossa condição de pecadores, mesmo e sobretudo quando perdoamos em Seu nome!

No fim Jesus tem esta frase verdadeiramente desconcertante. Dá a impressão que Deus Se faz mendigo diante de nós:

Meus filhos, dei-vos todo o Meu tempo.

Dai-Me uma parte do vosso.

Mas Deus não precisa de nada!

O universo, em toda a sua totalidade, não Lhe acrescenta nada!

E apesar disso, Ele pede-nos uma parte do nosso tempo.

Se não é para nós, para quem é?

Para que quer Ele o nosso tempo?

Ele tem toda a eternidade, antes e depois!

Apesar disso pede-nos um pouco do nosso tempo.

Para que, graças a esse tempo que Lhe damos,
nos examinemos,

O reencontremos e nos reencontremos a nós próprios.
E que sejamos verdadeiramente filhos de Deus.
Não filhos deste mundo,
mergulhados no mundo,
e que não vêm senão este mundo.

Esta mensagem foi dada em Los Angeles e pareceu-nos que o Senhor, para além de Soufanieh, visava em primeiro lugar os americanos. Porque se há uma forma de vida que verdadeiramente concretiza este modo de apego ao mundo, é a forma de vida que reina nos Estados Unidos. Mas é claro que o Senhor se dirige a todos, porque todos estamos ameaçados por esta civilização, esta dita civilização ocidental. Ela culmina nos Estados Unidos, mas ameaça-nos a todos. Vemos entre nós as consequências disso. E Deus tem cada vez menos lugar na vida actual. Cada vez menos. Quando ando em Paris, penso: “Onde pode encontrar-se Deus, senão no coração de alguns, em algumas casas, em conventos, ou nesses pequenos grupos de oração que são como ilhotas num oceano imenso de paganismo e materialismo?”

A 7 de Setembro de 1988 começou uma nova fase desta terceira etapa. Myrna regressou a Damasco a 6. Nos Estados Unidos ela sofreu muito. Sofreu muito sem dizer nada. Mas em Damasco, mesmo contra vontade, contou-nos muitas coisas para nos explicar o fundo da mensagem de 7 de Setembro. Nesse dia o Senhor disse-lhe:
*Minha filha, disse-te que ultrapassasses todas as dificuldades.
E acredita que conheceste poucas.*
Quer dizer: prepara-te.
Ele está sempre a educá-la, a prepará-la.

E é então que Ele pronuncia uma palavra que pode parecer uma afronta:
Diz aos Meus filhos que é a eles que Eu peço a unidade e que não a quero daqueles que fazem teatro, simulando trabalhar pela unidade.
Esta frase pareceu-nos tão forte que o Padre Malouli e eu pensamos: “Talvez Myrna tenha ouvido mal”. Então reli a frase, pedindo a Myrna que escutasse bem para nos dizer se não se teria enganado. Quando lhe reli a frase diante de toda a gente, ela disse-me: “Foi exactamente isso que ouvi”. No dia

seguinte fui levar esta mensagem ao Patriarca siríaco-ortodoxo. Depois de a ler exclamou: “Padre, o Senhor conhece-nos. Somos mesmo nós”. Mostrei-a pouco tempo depois a um outro bispo, Mons. Georges Hafoury. Quando a leu disse-me: “Padre, o Senhor conhece-nos. É realmente essa a verdade”.

Na sequência desta mensagem, Jesus disse de novo a Myrna: *Vai e anuncia. Vai e anuncia.*

Ela acabava de chegar.

Tinha chegado na véspera, 6 de Setembro, à noite.

E a 7 Ele disse-lhe: *Vai e anuncia.*

Dir-se-ia que Ele a quer nos caminhos.

E onde tu estiveres, Eu estou contigo.

Portanto não temas nada, *Eu estou contigo.*

Jesus quer Myrna em permanente missão.

E não é esse o estado normal de todo o cristão?

Alguns dias depois Myrna foi ao Líbano, para onde tinha sido convidada. E no Líbano produziu-se, entre outras manifestações, uma coisa extraordinária. Ela assistiu à missa do domingo 10 de Outubro de 1988 na igreja de S. Jorge, da aldeia de Maad. Depois da missa voltou a esta igreja onde há um crucifixo em gesso de que gosta muito. Ajoelhou-se e não se apercebeu de mais nada. As pessoas procuraram Myrna. Foram à igreja e encontraram-na junto do crucifixo. E, das pernas do crucifixo o óleo escorria sobre a cabeça de Myrna que estava exactamente debaixo dos pés de Jesus. O óleo escorria até ao chão.

Filmaram tudo, durante uma meia hora. Depois, ao sair do êxtase, Myrna disse-lhes: “Vi luz e ouvi a voz de Jesus dizendo:

Minha filha Maria, porque tens medo se Eu estou contigo?

Sempre esta afirmação: *Eu estou contigo.*

Deves dizer em voz alta a palavra de verdade sobre Aquele que te criou para que a Minha força brilhe em ti.

E Eu te darei das Minhas chagas para esqueceres os sofrimentos que te causam os homens.

Não escolhas o teu caminho porque fui Eu que to tracei”.

Esta mensagem é simultaneamente tão profunda e bela que ficamos

boquiabertos. Myrna tem sempre medo de tudo o que lhe acontece, apesar de tudo o que viu. O homem continua homem. Myrna sofre com o que as pessoas dizem dela. Até ao presente ela continua a sofrer atrozmente. O Senhor está com Myrna e ela sabe-o. Apesar disso, dá-se conta de que é muito limitada.

Myrna não gosta de falar. Quando tem por perto o marido ou os padres e alguém lhe faz uma pergunta, responde: “Perguntem ao Nicolas, perguntem ao Padre, eu não sei nada”. Habitualmente Myrna age como se todo o fenómeno de Soufanieh lhe não dissesse respeito, como se ela não tivesse nenhum papel. Mas quando é forçada a falar, quando está só – e já vi isso registado em vídeo – então ela é de cortar a respiração. Ela própria diz, quando se ouve, ao ver o vídeo: “Como pude eu falar desta maneira?” Não é ela quem fala.

É por isso que o Senhor lhe diz:

Deves proclamar alto a palavra de verdade sobre Aquele que te criou, para que a Minha força brilhe em ti.

Isto leva-nos ao essencial do Cristianismo:

Deus compraz-Se nos pequenos que O aceitam

E é através destes pequenos que Ele manifesta toda a Sua grandeza e todo o Seu poder.

Começou no Antigo Testamento.

No Novo, para nós é sobretudo a Virgem que é a serva, a pequenina, que se considera escrava. Ela que é, ao mesmo tempo, a Mãe de Deus.

Myrna faz esta experiência dos seus limites, da sua fraqueza, do seu medo.

O Senhor diz-lhe: “Não te preocupes, fala”.

Ele obriga-a a falar.

Depois o Senhor lança este paradoxo:

Não escolhas o teu caminho porque fui Eu quem to traçou.

Sabemos quanto Deus respeita a liberdade humana.

Como conciliar esta liberdade com a Sua escolha?

Só Ele sabe conciliá-las.

Nós não vemos isso com clareza.

E creio que cada um de nós, por mais pequena que seja a nossa experiência com o Senhor, quando olha um pouco para trás, não tem apenas a impressão mas a evidência de que o Senhor, através de tal ou tal período, nos levava pela mão. De que Ele nos conduzia pela mão.

Enquanto que nós pensávamos agir por nós próprios, por nossa iniciativa, pela luz da nossa inteligência.

Não menosprezo as possibilidades do homem.

Não, não.

Não quero menosprezar todas as capacidades extraordinárias do homem. Mas quero reconhecer que o homem, por muito que faça, continua muito limitado.

E só o Senhor o conhece.

Só Ele conhece o homem!

O que me reporta à primeira frase da Virgem, na primeira mensagem, a 18 de Dezembro de 1982:

Vós conheceis todas as coisas e não conheceis nada. O vosso conhecimento é um conhecimento imperfeito.

E por muito que conheçamos, creio que o que conhecemos menos é a nós próprios.

E com maioria de razão o outro.

Mas pensamos conhecê-lo.

Por isso é sempre melhor suspender o julgamento e tentar viver no amor. É quase impossível, eu sei-o bem!

Quantas vezes peço a Deus: “Senhor, faz que eu cesse de julgar os outros. Faz que unicamente os ame”. Por termos sempre de enfrentar muitas pessoas e coisas, até mesmo na Igreja, frequentemente caímos no julgamento, mesmo sem disso nos apercebermos.

Fugimos, pedindo ao Senhor que nos ponha no estado de amor, unicamente amor, e apesar dessa vontade voltamos, sem disso nos darmos conta, a um estado de julgamento.

Só para saber se estamos ou não no caminho certo, se o que fazemos ou dizemos é ou não agradável ao Senhor, se isso serve ou não o Senhor.

Colocamo-nos em estado de julgamento de nós próprios e dos outros, mesmo sem o querer.

E o Senhor diz-nos aqui:

Não escolhas o teu caminho porque fui Eu que to tracei.

Êxtases

Quarto período

Mensagem de Cristo a 26 de Novembro de 1988

«Meus filhos,
Tudo o que fazeis, é feito por Meu amor?
Não digais: que faço? Porque isso é obra Minha.
Deveis jejuar e orar, porque na oração encontráis-vos face à
Minha (*Realidade?*) (*Verdade?*) e suportais todos os golpes.
Rezai pelos que esqueceram a promessa que Me fizeram,
pois eles dirão: porque não senti a Tua presença Senhor,
apesar de Tu estares comigo?
Tudo quanto quero é que vós estejais todos em Mim como Eu
estou em cada um de vós.
Quanto a ti, Minha filha, vou deixar-te: Não temas se tens de
esperar para ouvir a Minha voz, mas sê forte e que a tua língua
seja uma espada que fale em Meu nome. E tem a certeza de que
Eu estou contigo e com todos vós».

Mensagem da Virgem a 18 de Agosto de 1989 (Los Angeles)

«Não temas, Minha filha. Tudo isto acontece para que o nome de
Deus seja glorificado. Rejubila, porque Deus permitiu-te que viesses
a Mim para que te diga: não te inquietes com o que dizem de ti. Diz
a todos que multipliquem as preces porque têm necessidade da oração
para agradar ao Pai. Que a bênção de Deus desça sobre ti e sobre
todos os que colaboraram contigo por amor a Ele».

Mensagem da Virgem no Domingo 26 de Novembro de 1989, 7º aniversário do fenómeno

«Meus filhos, Jesus disse a Pedro: Tu és a pedra e sobre ela edificarei

a Minha Igreja. Agora Eu digo-vos: Vós sois o coração no qual Jesus edificará a Sua unicidade. Quero que consagreis as vossas preces pela paz, a partir de agora até à comemoração da Ressurreição».

Mensagem de Cristo, Sábado Santo 14 de Abril de 1990

«Meus filhos, Vós ensinareis às gerações a palavra de unidade, de amor e de fé. Eu estou convosco. Mas tu, Minha filha, tu não voltarás a ouvir a Minha voz até que a Festa (*da Páscoa*) seja unificada».

Mensagem da Virgem, Quarta-feira 15 de Agosto de 1990 (Bélgica)

«Meus filhos, rezai pela paz, e sobretudo no Oriente, porque todos vós sois irmãos de Cristo».

Mensagem da Virgem na noite de 26 de Novembro de 1990, 8º aniversário

«Não temas, Minha filha, se te digo que Me vês pela última vez até que a Festa (*da Páscoa*) seja unificada. Diz aos Meus filhos: Querem ver e lembrar os sofrimentos do Meu Filho em ti, ou não?

Se não lhes custa que tu sofras duas vezes, Eu sou uma Mãe e custa-Me ver o Meu Filho sofrer muitas vezes.

Fica em paz, fica em paz Minha filha. Vem para que Ele te dê a paz, a fim de que tu possas anunciá-la aos homens.

Quanto ao óleo continuará a manifestar-se nas tuas mãos para glória do Meu Filho Jesus, quando Ele quiser e onde quer que tu vás. Na realidade, Nós estamos contigo e com todos os que desejarem que a Festa (*da Páscoa*) seja Una».

Os êxtases
Quarto período
Sábado 26 de Novembro de 1988-
Segunda-feira 26 de Novembro de 1990

Aqui começa o que chamei a quarta etapa das mensagens dos êxtases. Com efeito pouco depois, a 26 de Novembro de 1988, Jesus disse a Myrna: *Que a tua boca seja uma espada que fale em Meu nome.*

Uma espada.

É a linguagem dos profetas no Antigo Testamento.

E Myrna que responde o menos possível. Quando se lhe censura alguma coisa ela não responde, cala-se. E eis que o Senhor lhe diz:

Que a tua língua seja uma espada que fale em Meu nome.

Depois o Senhor aumenta as Suas exigências para a unidade.

A oração, o amor, a unidade.

O Senhor concretizou em dois pedidos esta unidade. Um que depende unicamente de Deus, o outro que manifestamente depende dos homens.

Vejamos primeiro o que depende só de Deus.

Em 26 de Novembro de 1989, Myrna viu a Virgem no decurso de um êxtase e a Virgem deu-lhe uma mensagem extraordinária. Disse-lhe:

Jesus disse a Pedro: “Tu és a pedra e sobre ela edificarei a Minha Igreja.”
E Eu agora digo-vos: “vós sois o coração no qual Jesus Construirá a Sua unicidade”.

Que complementaridade no conteúdo desta mensagem! O início do cristianismo repousava em Pedro. Agora é o arranque de um novo cristianismo, sempre na fidelidade ao Senhor, mas em que a pedra é também o coração dos homens.

E Eu digo-vos: “Vós sois o coração, no qual Jesus construirá a Sua unicidade”.

É sempre Jesus quem constrói a obra, não somos nós.

Jesus construiu a Igreja sobre Pedro.

Agora a Virgem diz-nos que Ele vai construir a Sua unicidade no nosso coração.

A estrutura e o conteúdo desta mensagem deixam-me sonhador. Primeiro é o estilo do “Sermão da montanha”... Nesse “sermão” Jesus *atribuía* uma dimensão impensável aos Seus contemporâneos e auditores, quanto ao plano divino da salvação. Parece-me que Maria aqui, por esta mensagem, atribui uma dimensão impensável aos nossos contemporâneos, quanto à vontade divina do retorno da Igreja à sua Unidade inicial.

Por outro lado a expressão surpreendente é unicidade, a única que pode traduzir a palavra árabe “Wahdanya”. Unicidade é mais do que unidade é bastante mais profundo. Diria que é da ordem da essência. Jesus é ÚNICO. O coração dos Seus fiéis deve ser à Sua imagem, Único. A unidade tolera, ou até postula, uma diversidade nas instituições, nas expressões de fé e de vida. Mas ao nível dos corações só pode haver unicidade de fé e de amor. Perante o Único Jesus Cristo, há o Único Coração dos que O amam.

Uma tal perfeição é, humanamente falando, impossível. Mas quem disse que seria obra dos homens? É Jesus quem constrói. Maria recorda-nos isso. Ele “construirá a Sua unicidade”. Não é altura de atentarmos nisso? A iniciativa parte d’Ele, a obra também será d’Ele.

Nós somos instrumentos.

Cristo pede-nos que procuremos estar o mais possível disponíveis, pela oração, para que Ele faça em nós a Sua obra.

Retomemos o pedido de Jesus e de Maria que, a nível da unidade, depende dos homens. A Virgem e Jesus, nas duas mensagens seguintes, parecem reduzir ao mínimo a Sua exigência no plano da unidade.

No Sábado Santo 14 de Abril de 1990, depois de ter dito:

Meus filhos, vós ensinareis às gerações a palavra de unidade, de amor e de paz.

Jesus diz a Myrna:

Eu estou convosco.

Mas tu, Minha filha, não voltarás a ouvir a Minha voz até que a Festa seja unificada.

Jesus reclama a unidade há oito anos.

Agora dá a impressão de que Ele apenas reclama a unidade da Festa, quer dizer, da Páscoa.

“Vós não Me destes a unidade, dai-Me ao menos a unidade da Festa...”

Ao menos.

Porque a verdadeira unidade, a unidade profunda, não é obra vossa”.

Mas a unidade da festa pode sê-la, porque até já foi realizada num ou noutro lugar, no Próximo Oriente.

E pouco depois, a 26 de Novembro de 1990, diz a Myrna exactamente isto:

Não temas, Minha filha, se te digo que é a última vez que Me vês até que a Festa seja unificada.

Dir-se-ia que o Senhor pediu, pediu, pediu.

Finalmente, vendo que não respondíamos, disse:

“Bem, fazei-Me ao menos a caridade; a esmola, da Festa unificada, que é a Festa da Páscoa”.

Mas o Senhor não ficou por aqui.

De novo, pela boca da Virgem fez compreender a Myrna que está sempre com ela e com todos os que querem unificar a Sua Igreja e a Sua Festa.

Deixar-lhe-á um sinal, o do óleo nas mãos:

Quanto ao óleo continuará a manifestar-se nas tuas mãos, para a glorificação do Meu Filho Jesus, quando Ele quiser e onde quer que tu estejas.

Portanto está sempre presente o sinal,
mas unicamente para a glorificação do Senhor!

E voltamos ao ponto de partida:

Lembrai-vos de Deus porque Deus está convosco.

Se na realidade Ele está, a vida deve mudar.

Vejamos mais detalhes desta quarta etapa.

A 26 de Novembro de 1988 Myrna estava em Damasco e, como já vos disse, muitas pessoas se interrogavam acerca do que fazer pela união das Igrejas.

Alguns diziam mesmo que lhes parecia ter Soufanieh dividido mais que unido. Era essa a vontade do Senhor? Aceitaria Ele uma divisão suplementar a todas as divisões existentes?

Por mais que disséssemos àqueles que estavam verdadeiramente inquietos por pensarem que era mais uma divisão na Igreja, por mais que lhes disséssemos que Soufanieh estava no início e que o que o Senhor projecta ultrapassa de muito longe o que nós vemos só na ponta do nariz, essas pessoas pressionavam-nos para que pensássemos se não seria conveniente

fazer alguma coisa.

A mensagem de 26 de Novembro de 1988 veio pôr os pontos nos is, lembrando-nos duas coisas essenciais: o Senhor está connosco, e Ele quer que estejamos n'Ele como Ele está em nós.

São frases Suas.

Mas que isto, sobretudo no que concerne à realização da unidade da Igreja, não depende de nós, que nós somos incapazes.

Diria que é uma maneira polida de Jesus nos dizer: “A vossa história passada é de tal modo sombria, humanamente falando, que vós sois absolutamente incapazes de vos libertardes dela.

Deixai que seja Eu a agir.

Só vos peço que jejuem e rezem.

O resto é trabalho Meu”.

E na mensagem há duas frases extremamente importantes.

Na primeira, o Senhor diz:

Tudo quanto quero é que estejam todos reunidos em Mim como Eu estou em cada um de vós.

Que estejam todos em mim como Eu estou em cada um de vós.

E na segunda o Senhor diz a Myrna:

Asseguro-te que Eu estou contigo e com todos vós.

Diz-lhe também outras coisas:

Não tenhas medo se o Meu silêncio se prolongar, etc...

Mas, no plano da Igreja, o essencial é isto:

O Senhor está connosco.

Ele está mesmo em nós.

Ele quer que estejamos n'Ele.

E, sabendo que nós somos incapazes de estar n'Ele, que nem mesmo sabemos que estamos n'Ele se Ele não no-lo diz

– e quantas vezes, por causa de situações pessoais ou de grupo, por mil e uma razões, nos sentimos verdadeiramente separados do Senhor, e cremos que estamos muito longe d'Ele –

sabendo isto, Ele reafirma:

Eu estou em vós.

É um amor incompreensível para o homem.

Mesmo que Lhe diga: “Senhor, vai-Te embora!

Eu não Te quero.

Quero fazer coisas que são contra Ti”.

Ele responde-me: “Façam o que fizerem Eu estou *em* vós”.

Façam o que fizerem Eu estou *em* vós.

Não apenas *convosco*!

É a frase em que resumiu a Sua mensagem:

Tudo o que Eu quero, tudo quanto Eu quero.

Ele não disse outra coisa. Disse:

tudo o que Eu quero é que vós estejais todos em Mim como Eu estou em cada um de vós.

Isto enche o coração de alegria e confiança por sabermos que

o Senhor nos afirma que está em nós,

apesar de todas as nossas misérias, quer pessoais quer comunitárias.

E que isso é tudo quanto Ele quer.

O que encontra Ele de belo em nós para aí se instalar?

Ele é a beleza infinita.

O que poderá encontrar em nós? É segredo Seu.

É segredo d’Ele.

Que mistério!

Por isso parece dizer-nos: “Vós não compreendeis.

Vós não sabeis que fazer.

Fazei, pelo menos, o que podeis e já vos indiquei: *jejuar e rezar.*

Não vos peço mais”.

E isto foi para nós uma grande lição.

Depois a Virgem reaparece a Myrna, após uma interrupção de quatro anos e quatro dias. E reaparece para lhe dizer, numa linguagem muito simples, que também Ela está connosco, que Myrna não tem de que ter medo, que trabalhe pois tudo o que se faz é para glorificação do Senhor, que deve viver na alegria e na paz e convidar toda a gente a rezar.

E todos aqueles que colaboram com Myrna beneficiam também desta paz que o Senhor lhe dá.

É muito simples, mas é extraordinariamente belo.

Notai que a primeira frase da mensagem dada por Maria em Los Angeles, a 18 de Agosto de 1989, começa exactamente pela primeira frase da primeira

mensagem dada no primeiro êxtase, em 28 de Outubro de 1983.

Nesse dia, a Virgem tinha dito a Myrna:

Não tenhas medo. Tudo isto acontece para que o nome de Deus seja glorificado.

E a 18 de Agosto de 1989, a Virgem volta a dizer-lhe o mesmo:

Não tenhas medo, Minha filha. Tudo isto acontece para que o nome de Deus seja glorificado.

Dir-se-ia que a Virgem está a fechar o circuito.

Finalmente, o círculo é o Senhor que o traça e é o Senhor que o executa.

Mas Ele diz-nos:

“Meus filhos, tentai colaborar e deixai que Eu faça”.

Ao mesmo tempo é um convite a Myrna para que se alegre.

Alegrar-se com o quê?

Com o facto de o Senhor lhe ter permitido vir até Maria.

Portanto ela já tinha sido cativada.

Há aqui um mistério real, que no fundo é o mistério de toda a relação geral entre o Criador e a criatura e o mistério de toda a relação privilegiada entre o Criador e uma criatura “escolhida”...

Jesus já tinha dito a Myrna, durante o êxtase de 26 de Novembro de 1987:

Vai à terra onde a corrupção se generalizou...

E Maria veio dizer-lhe, no êxtase de 18 de Agosto de 1989:

Rejubila porque Deus permitiu-te que viesses a Mim.

“Onde” e “como” são mistérios, até para Myrna que vive os seus encontros únicos.

Quanto a nós, testemunhas, apenas vemos os sinais exteriores e passageiros!

A Virgem diz também a Myrna, para sua própria elucidação: “Não te inquietes com o que se diz de ti, mas conserva sempre a paz”.

Deus sabe o que Myrna sofreu com acusações, maledicência, calúnias, que vinham de todos os lados, e ainda continuam a vir.

Mais ainda, a Virgem diz-lhe:

Fica em paz

Porque as criaturas olham para Mim através de ti.

Que palavra surpreendente!

É uma maneira de dizer a Myrna que se tornou ícone da Virgem. É uma

frase que li num livro do Padre Laurentin, a propósito de Soufanieh, onde ele se interroga se Myrna não seria ela própria ícone da Virgem, uma vez que exsuda óleo.

E porque não?

Porque não?

A Virgem diz “Sim”:

A criatura olha-Me através de ti.

Depois Ela encarrega Myrna de uma nova missão:

Diz a todos que multipliquem a oração.

Vejam, de novo a oração.

Um convite à oração:

Porque tendes necessidade de oração para agradar ao Pai.

A Virgem é tão delicada, mas ao mesmo tempo está tão inquieta que, de tempos, nos faz sentir que o bom Deus não está satisfeito, que alguma coisa está mal, e que só a oração, a oração transformante das nossas vidas, Lhe pode agradar. Portanto é preciso meter mãos à obra.

Então Ela diz a Myrna isto, que é tão consolador:

A bênção de Deus desce sobre ti e sobre todos os que colaboraram contigo por Seu amor.

Por Seu amor.

Não por eles mesmos, mas por Seu amor.

Vedes então que é uma responsabilidade espiritual extraordinária, pela qual a virgem lembra a Myrna que tudo o que se faz deve fazer-se para glorificar Deus.

Então, se de facto estamos ao serviço do Senhor, não devemos importar-nos com o que dizem os outros, devemos viver na alegria,

devemos estar em paz,

porque, se estamos ao serviço do Senhor, queiramos ou não, tornamo-nos ícone do Senhor.

As pessoas olham o Senhor através de nós.

Podemos não ser belos, mas através desta imagem que lhes damos eles vêem o Senhor.

E é verdade.

Diz-se que o Padre representa Jesus Cristo.

Mas todo o cristão representa também Jesus Cristo.

Para nós que vivemos num mundo muçulmano,
de maioria muçulmana,
para os muçulmanos,
somos nós quem reflecte a imagem do Senhor.

Para eles, Jesus é belo se nós tivermos uma certa beleza que os atraia.
Beleza moral e do coração, do espírito.

Mas se não temos com que lhes mostrar essa beleza, apesar de conhecerem
Jesus através do Corão como tendo sido uma figura muito bela, julgando-
O através de nós,
Jesus estará desfigurado.

A segunda mensagem da quarta etapa, foi portanto dada em Los Angeles.
A terceira é a que a Virgem deu a Myrna a 26 de Novembro de 1989.
Parece-me ser das mais importantes. Já falei dela mas abordo-a de novo
por causa de um ponto particular.

A Virgem diz:

Meus filhos, Jesus disse a Pedro: “Tu és a pedra e sobre ela edificarei a Minha Igreja”.

E agora Eu digo-vos: “Vós sois o coração no qual Jesus edificará a Sua unicidade”.

É um primeiro bloco.

Depois há uma segunda frase que constitui um outro ponto.

Aqui parece-me que a Virgem retoma as duas pontas desta meada do Reino.
Na origem, Jesus construiu a Sua Igreja sobre Pedro.

Agora Jesus constrói a Sua Igreja nos nossos corações.

E reparem neste jogo: *Jesus disse... E Eu digo...*

Nós sabemos que a Virgem se reconhece criatura, que Ela se sabe serva.
Mas certamente o Senhor Lhe permitiu que empregasse aqui estas palavras
e usasse esta espécie de tom magistral, para nos lembrar uma coisa que
infelizmente esquecemos:

Vós sois o coração.

A Igreja não é a pedra.

Vós sois o coração no qual Jesus edificará a Sua unicidade.

Vedes?

Eu tive uma grande alegria quando vi este paralelismo:

Jesus disse a Pedro / Eu digo-vos agora.

Este *agora* é um novo começo, mas um começo que será unicamente obra d'Aquele que é o Princípio e o Fim.

Nenhuma oposição, antes uma complementaridade evidente.

A Igreja é obra de Deus.

E, se a Virgem nos diz:

Jesus construirá a Sua unicidade,

é porque nos quer dizer que a unicidade, que é bem mais que a unidade, é obra de Jesus.

Reparem como isto se completa. Fecha-se o círculo.

Jesus construiu a Sua Igreja.

A Igreja é obra de Deus.

Jesus construirá a Sua unicidade no vosso coração.

Portanto a unidade será obra de Jesus, e não obra nossa.

É como se alguém me dissesse: “Traz essas pedras e deixa-as. Sou eu que vou construir”.

Bom, eu trago as pedras.

E deixo construir o que quiser, quando quiser e como quiser.

Aliás parece-me que isto se insere na realidade mais concreta. Lendo o que se diz sobre a unidade da Igreja; vendo as diligências, tão numerosas, que se efectuam desde há anos à procura de uma fusão que sirva de porta de saída; ouvindo todas as orações que se organizam aqui e além, sem fazer avançar uma polegada os fieis em oração com os seus pastores à cabeça; observando tudo isto creio poder concluir, sem pretensão alguma, que ninguém vê uma solução concreta para o escândalo da desunião da Igreja.

Mas o Senhor lhe porá um fim!

Construirei aí o Meu Reino e a Minha Paz.

Vós sois o coração no qual Jesus construirá a Sua unicidade.

Ninguém vê o que o Senhor vê, nem o que Ele fará.

Recentemente li em “A Igreja dos Árabes”, um livro maravilhoso do Padre Jean Corbon, que se tentou, que se cometeram erros, que se experimentaram iniciativas mas, no fim de contas, é o Senhor que o fará. É exactamente o que dizia o Padre Couturier, o pioneiro de ecumenismo: “Ele o fará da maneira que quiser, quando Ele quiser”.

Portanto, aqui a Virgem lembra-nos que, se a Igreja é obra de Deus, a unidade da Igreja é também obra de Jesus.

Em seguida a Virgem passa a outro assunto: Insiste de novo na oração, empregando um termo que Ela nunca tinha usado:

Quero que consagreis as vossas preces pela paz.

Como quem diz:

“Não rezeis por mais nada além da paz”.

E fixa uma data:

Desde agora até à comemoração da Ressurreição.

Interrogamo-nos: “O que se vai passar?”

Efectivamente pouco depois os acontecimentos do Líbano onde os cristãos se entregaram a uma guerra entre si, tão triste, deram-nos a explicação.

A Virgem lembra-nos o dever de rezar pela paz.

A paz também é sobretudo obra de Deus!

A Virgem sabe que a oração é o único meio de que dispomos, pela graça do Senhor, para fazer pressão sobre o Senhor. Em Medjugorje Ela já tinha dito uma coisa que pode parecer-nos perturbadora e que o próprio Jesus disse antes, mas de uma outra maneira. Em Medjugorje a Virgem sublinhou que a oração é capaz de deter as catástrofes naturais. Que também é capaz de parar as guerras. Quando Jesus disse: “Rezai para que isso não aconteça num sábado, nem no Inverno” (Mt 24, 20), Ele sabia que a oração é capaz até de fazer mudar a vontade do Senhor. É Ele que assim o quer.

Mas espera que ajoelhemos e Lho imploremos.

Insensivelmente progredimos nesta quarta etapa. Chegamos ao cume, que é a mensagem do Sábado Santo, 14 de Abril de 1990. Nesse dia, o Senhor, em duas pequenas frases deu-nos de novo duas perspectivas extraordinárias.

Primeiro:

Vós ensinareis às gerações a palavra de unidade, de amor e de fé.

Eu estou convosco.

Reparem.

Vós ensinareis.

Se Lhe digo:

“Senhor! Eu?”

Ele responderá: *Eu estou contigo*.

“Portanto, não recues”.

Sabemos como Moisés, o grande Moisés, tentou esquivar-se.

Sabemos como todos os que foram chamados pelo senhor, no decurso da sua vida, tentaram esquivar-se.

E sabemos, por experiência própria, que frequentemente Lhe dizemos: “Senhor, sou inteiramente vosso”, e um minuto depôs somos capazes de nos esquivar.

Mas o Senhor diz a cada um de nós: *Eu estou contigo*.

“Não tens desculpas”.

E nós arranjamos uma infinidade de desculpas!

Por isso Ele diz:

Vós ensinareis!

“Não sois vós, sou Eu..

A palavra de amor, de unidade e de fé, não sois vós que a realizais, mas ide!

Eu preciso de vós”.

Deus precisa dos homens.

“Eu preciso de vós”.

Foi Deus que assim o quis.

Então a primeira perspectiva desta mensagem é: *Vós ensinareis*.

Aqui, o Senhor afirma a sua missão. Ele no-la confirma de novo.

Quando fala a Myrna, Ele fala a todos nós. Aliás, nesta mensagem Ele não disse: “Minha filha, diz-lhes”, mas: *Meus filhos, vós ensinareis*.

A segunda é a unidade. Como se fará?

E aí vemos como Jesus começa a manifestar um pouco o Seu descontentamento.

Serve-se de Myrna como bode expiatório, para nos lembrar as nossas faltas:

Tu não ouvirás a Minha voz até que a Festa seja unificada.

Mas, que fez a pobre para ser punida desta maneira? Se não se conseguiu unificar a Festa, a culpa não foi de Myrna.

Todos nós somos responsáveis.

Myrna também é responsável porque somos todos solidários.

Tanto na graça como no pecado.

Mas é preciso que haja alguém que sirva de intermediário para lembrar aos outros, diante de Deus, que algo está mal.

O Senhor, depois de durante oito anos reclamar a unidade da Igreja, aceitou dizer-nos: “Bem, se sois incapazes de Me facilitar a unificação da Igreja, pelo menos unificai a Festa”.

Unificai a Festa.

Tanto mais que há uns anos, um comunicado oficial dos três patriarcas de Damasco, declarava que a diferença de datas da festa da Páscoa, não é de modo algum uma questão teológica, mas simplesmente uma questão de calendário.

O que levou as pessoas a dizerem:

“Porque esperamos se é apenas uma questão de calendário?” Se fosse uma questão de teologia diríamos: “Bem, há dificuldades.” Mas, um calendário! Voltam-se as páginas. Nada mais fácil!

Portanto dois aspectos fundamentais, no fundo duas missões:

Vós ensinareis.

E: “Quero a unidade da festa da Páscoa”.

A Páscoa é o próprio fundamento do Cristianismo.

É necessário que aos olhos de todos, a Páscoa lembre a unidade da Igreja. Ora nós fomos e somos incapazes de responder às exigências destas duas missões.

Entre estas duas perspectivas, a grande certeza: *Eu estou convosco.*

Eu estou convosco.

O esplendor desta afirmação faz-me reflectir.

A frase que Jesus repete sem cessar no decurso destas mensagens:

Eu estou convosco, Eu estou convosco...

recorda-me a frase de Jesus no Evangelho:

“Eu estarei convosco até ao fim dos tempos” (Mt 28, 20).

Infelizmente, a nível quotidiano, habituamo-nos de tal modo a uma espécie de vida burocrática na Igreja, uma espécie de planificação de tudo, que cremos poder planificar mesmo o Espírito do Senhor, a presença do Senhor. E até acreditamos que, quando no Evangelho Jesus diz: “Eu estou convosco”,

Ele de facto nos diz: “Adeus! Até um destes dias! Até à vista!”

Mas não.

Ele disse: “Eu estou convosco”.

E é aí que eu, padre, me interrogo sobre o número de vezes que o Senhor tentou, como em Soufanieh ou algures, bater à minha porta ou à de outros para nos dizer:

Eu estou convosco.

E quantas vezes nós fechamos os olhos, os ouvidos ou o coração, para não vermos que é Ele?

Só o saberemos no céu.

A não ser que as nossas inumeráveis infidelidades e as nossas tentativas repetidas de calar o Senhor, nos valham a privação da alegria e do conhecimento do céu...

Esta frase parece-me, portanto, o apogeu da quarta fase das mensagens. Este apogeu tem, nas duas mensagens seguintes, três tipos de expressões que eu qualifico, a primeira de teológica, a segunda de ecuménica e a terceira de iconográfica.

Vejo a expressão teológica bem condensada na mensagem que Maria dá a Myrna em Braaschaatt, Bélgica, na noite de 15 de Agosto de 1990, na igreja do Sagrado Coração.

Jesus permitiu então que a Virgem nos dissesse, através de Myrna, que rezássemos pela paz, numa altura em que o mundo inteiro estava de respiração suspensa, de medo e angústia.

Eis as palavras da Virgem:

Meus filhos, rezai pela paz, e sobretudo no Oriente, porque sois todos irmãos em Cristo.

Todos irmãos em Cristo.

Não foi o que disse S. Paulo há dois mil anos? “Nem grego nem judeu, nem homem nem mulher, nem escravo nem livre; sois todos irmãos em Cristo Jesus, que morreu por vós” (cf. Ga 3, 28).

Que revolução se faria no mundo se estas palavras fossem tomadas à letra!

Retomando esta mesma frase de S. Paulo, a Virgem destrói literalmente todas as barreiras que foram criadas, através da história, entre o Oriente e o Ocidente, entre o Norte e o Sul, e que atingiram o ponto culminante

naquilo a que, por eufemismo hipócrita se chamou crise, a Guerra do Golfo. A Virgem vem recordar-nos que quer sejamos negros ou brancos, ocidentais ou orientais, árabes, muçulmanos ou judeus, nós somos todos “irmãos em Cristo”. Irmãos de facto ou irmãos em potência, mas todos irmãos, essencialmente. Todos resgatados pelo sangue único do Cristo único.

A segunda expressão, a que chamei ecuménica, encontro-a na última mensagem de Maria a Myrna, no oitavo aniversário, a 26 de Novembro de 1990.

Na primeira parte dessa mensagem a Virgem expressa a Sua dor e a dor de Seu Filho, por não se ter realizado a unidade da Igreja nem no mínimo estrito que é a unificação da Festa da Páscoa. Para nós, no Oriente, que vivemos no meio de uma maioria muçulmana, isto é de extrema importância. Esta divergência das datas de celebração daquela a que nós chamamos “a Grande Festa” é causa de sofrimento para Maria e para Seu Filho. Ela di-lo claramente:

Se não lhes custa que tu sofras duas vezes, a Mim que sou uma Mãe custa-Me ver o Meu Filho sofrer muitas vezes.

O sofrimento de Jesus é também o sofrimento de Maria.

Ao pé da Cruz estava Maria.

Ora, a Cruz continua cravada no corpo de Jesus e portanto no coração de Maria, enquanto os cristãos continuarem divididos.

Tanto mais que esta divisão “aniquila” a Sua Redenção aos olhos dos não cristãos, que não podem ver Jesus a não ser através dos Seus fiéis. A unidade da Igreja é condição essencial da evangelização.

Portanto a Virgem sofre com os Seus filhos, e lamenta-Se. Os sinais multiplicam-se a uma cadência assombrosa desde há mais de oito anos.

Multiplicam-se e diversificam-se.

Não tenho conhecimento de isto já ter acontecido, na história da Igreja do Oriente.

Não nos admiramos de ouvir Maria queixar-Se da incredulidade de alguns e da letargia de outros. Por isso Ela anuncia a suspensão das visões, dos êxtases e provavelmente das mensagens, até que a *Festa seja unificada*. Só ficará o sinal do óleo nas mãos de Myrna *para glorificação do Seu Filho Jesus*. O retorno dos sinais está manifestamente ligado à unificação da Festa da Páscoa.

Será necessário lembrar que nos anos em que Católicos e Ortodoxos festejavam a Páscoa em conjunto, os estigmas abriam-se no corpo de Myrna, produzia-se um êxtase acompanhado de uma mensagem, e o óleo escorria, na madrugada de Páscoa?

Na última mensagem, de 26 de Novembro de 1990, ficamos com a impressão, se assim nos podemos exprimir, de que Jesus e Maria estão cansados, um pouco desencorajados. Senão, o que explicaria esta frase que Jesus disse a Myrna no Sábado Santo de 1990:

Tu não voltarás a ouvir a Minha voz até que a Páscoa seja unificada?

E o que explicaria que Maria começasse assim a Sua mensagem de 26 de Novembro:

Não temas, Minha filha, se te digo que é a última vez que Me vês até que a Festa seja unificada?

Não é evidente que Jesus e Maria sofrem com esta injustificável divisão? E que só esperam de nós o que está nas nossas mãos, a unificação da Festa da Páscoa, para um desencadear de sinais em Soufanieh, talvez até mais deslumbrante?

Verdadeiramente, desejamos que isso aconteça rapidamente. Porque, se apesar de tantos sinais o Senhor não é escutado, a que recorrerá Ele para nos acordar? Os meios não Lhe faltam.

Nós rezamos.

De todo o coração, antes que seja tarde de mais.

Rezamos pedindo ao Senhor que abra os corações de todos, a começar pelos mais responsáveis.

Rezamos para que o clero, e sobretudo os responsáveis, caminhem ao ritmo dos leigos.

Sim, que eles caminhem ao ritmo dos leigos.

De facto deveria ser o contrário:

normalmente o pastor vai à frente do rebanho.

Infelizmente agora os leigos ultrapassam largamente o clero, neste capítulo Os leigos de todas as comunidades cristãs.

Parece que os responsáveis eclesiásticos querem pesar as coisas numa balança muito diferente, que infelizmente não me parece que concorde nem com o desejo dos fiéis, nem com o desejo do Senhor, nem com a realidade ambiente.

Que Jesus e Maria acelerem este projecto de unificação da Festa, para que

nos seja possível ver novamente a Sua generosidade derramada sobre todos os Seus filhos, sem distinção, a partir de Damasco e muito além...

Ocupo-me agora da terceira expressão, a que chamei iconográfica. Encontro-a mais que evidente na segunda parte desta mensagem de Maria dada a 26 de Novembro de 1990.

Maria diz isto a Myrna:

Diz aos Meus filhos: “Querem ver, sim ou não, as chagas do Meu Filho em ti?”

Quanto ao óleo continuará a manifestar-se nas tuas mãos para a glorificação do Meu Filho Jesus, quando Ele quiser e onde tu fores.

As chagas de Myrna são imagem das chagas de Jesus.

O óleo continuará a escorrer das mãos de Myrna, como escorreu e escorre de vez em quando do Ícone milagroso ou das suas reproduções, em vários lugares.

Como não concluir que Myrna é ícone do Senhor, pela vontade de Jesus e pela expressão de Sua Mãe?

Myrna é ícone vivo, como deveria ser todo o homem criado à imagem de Deus.

Ícone vivo, por um privilégio de que não tem mérito.

Todo o mérito vem da escolha do Senhor, escolha misteriosa de cujo privilégio se tem de pagar o preço.

Myrna paga o preço tornando-se vítima escolhida para reparar um pouco a grande e colectiva falta da divisão dos cristãos. Será privada da visão do Senhor e de Maria, pelo menos até à unificação da Festa.

Para ela é, como diz a Virgem, um duplo sofrimento.

Vítima de expiação, mas que deve ficar em paz para prosseguir a missão de evangelização que lhe incumbe.

Maria diz-lhe:

Fica em paz, fica em paz Minha filha.

E não apenas: *Fica em paz.*

Mas:

Vem para que Ele te dê a paz, afim de que tu possas difundir-la entre os homens.

Maria consagra manifestamente Myrna na missão de evangelização que lhe confiou.

Missão de evangelização confiada a uma jovem que não sabe nada e não se envergonha de o dizer.

Ícone de Jesus e ícone de Maria, assim a quis Jesus e assim a quis Maria. Eles dizem-lho.

Que, com isto, Myrna não se torne um monstro de orgulho, é a prova evidente e suplementar do poder da graça divina, que se serve dos humildes e dos nadas para *construir o Seu Reino e a Sua Paz*.

É assim a lógica de Deus.

Temos de reconhecer que está nos antípodas da lógica do mundo!

Segunda parte

A IRRADIAÇÃO DE SOUFANIEH

Permanência do fenómeno de Soufanieh

A 26 de Novembro de 1990, oitavo aniversário do início do fenómeno, cessaram os sinais físicos tangíveis: exsudação de óleo do Ícone miraculoso, estigmas, êxtases. Nesse dia a Virgem apareceu a Myrna, num êxtase, e disse-lhe:

Não temas, Minha filha, se te digo que Me vês pela última vez até que a Festa seja unificada.

A Festa é a Páscoa.

Diz aos Meus filhos: Querem ver e relembrar as Chagas do Meu Filho em ti, ou não?

Se não lhes custa que tu sofras duas vezes, Eu sou uma Mãe e custa-Me ver o Meu Filho sofrer muitas vezes.

Fica em paz, fica em paz Minha filha. Vem para que Ele te dê a paz a fim de que tu possas anunciá-lo aos homens.

Quanto ao óleo, continuará a manifestar-se nas tuas mãos para a glorificação do Meu Filho Jesus, quando Ele quiser e onde tu estiveres.

Porque Nós estamos contigo e com todos os que desejarem que a Festa seja una.

Numa mensagem precedente, no Sábado Santo de 1990, Jesus falara com Myrna e ela ao sair do êxtase chorava. Jesus tinha-lhe dito estas duas frases: *Meus filhos, vós ensinareis às gerações a palavra de unidade, de amor e de fé.*

Eu estou convosco mas tu, Minha filha, não voltarás a ouvir a Minha voz até que a Festa seja unificada.

Portanto Jesus tinha anunciado a Myrna que haveria uma interrupção das Suas mensagens, que ela não O ouviria mais em êxtase. Nós raciocinamos que mesmo que Jesus deixasse de aparecer, talvez a Virgem continuasse. E dissemos isso a toda a gente.

De facto a Virgem apareceu a Myrna mais duas vezes. Primeiro em 15 de Agosto de 1990, na Bélgica, onde esteve a convite do Padre Franz Van der Voort entre 9 de Agosto e 2 de Setembro. Na noite de 15 de Agosto, depois da celebração da liturgia divina, Myrna teve um êxtase quando rezava.

com o Padre Van der Voort junto do altar-mor.

Neste êxtase viu Jesus, que não falou mas abençoou a multidão, e também Maria que lhe disse esta frase:

Meus filhos, rezai pela paz, sobretudo no Oriente, porque sois todos irmãos em Cristo.

Depois em 26 de Novembro de 1990, oitavo aniversário, a Virgem deu-lhe a mensagem que atrás citei. Portanto nesta segunda mensagem depois da de Seu Filho dada no Sábado Santo desse ano, também a Virgem disse a Myrna que A não veria mais enquanto a Páscoa não fosse unificada.

Efectivamente, depois deixou de haver abertura das Chagas, êxtases, e até derramamento de óleo do Ícone de Soufanieh.

Mas a exsudação de óleo das mãos de Myrna repetiu-se, que eu saiba mais de uma quinzena de vezes, e pelo menos nove delas em presença dos irmãos Jaccard.³ Estes deram por escrito os seus testemunhos. E uma vez eu assisti à exsudação de óleo de uma fotografia de Nossa Senhora de Soufanieh tirada em França pelos irmãos Jaccard. Tinham-na dado a Myrna na primeira visita que fizeram a Soufanieh. Quando voltaram pela segunda vez a Damasco, em Abril de 1990, rezávamos diante do ícone e Myrna tinha nas mãos a foto, e no fim da oração vimos os rostos de Jesus e de Maria inundados de óleo.

Portanto a manifestação de óleo mantém-se. Um amigo contava-me recentemente que, tendo ido a Damasco com um grupo de libaneses viu, quando rezavam, as mãos de Myrna inundarem-se de óleo. Este facto tangível continua a manifestar-se, neste aspecto parcial.

Diríamos que é o sinal que o Senhor continua a utilizar para nos dar um piscar de olhos, um sinal da Sua presença: “Eu estou aqui, no meio de vós”.

E este sinal deixa estupefactos todos os cientistas.

³ Os Padres Raymond e Pierre Jaccard, da diocese de Besançon, exercem apostolado junto das populações mais pobres do mundo. Primeiro ao serviço dos leprosos, foram progressivamente levados a apoiar numerosas acções em favor de divorciados, deficientes, drogados, etc... O “Festival da Esperança” que se realiza anualmente em Besançon desde há vinte anos e dá a palavra aos mais desfavorecidos, foi criado por eles.

A importância da oração

Para além deste facto perceptível há um outro mais importante: a oração.

A oração é o aspecto primeiro e último de Soufanieh.

Fora da oração nada existe.

Entre Deus e o homem é a oração o grande, diria até o único, contacto.

Que deve prolongar-se em amor, em serviço.

E se o Senhor nos deu tantos sinais, foi com certeza essencialmente para nos convidar à oração.

Em árabe, a palavra “oração” vem de uma raiz que significa “ligar” ou “reatar”.

“Assilah”, a relação, “assallat”, a oração.

“Assallat”, em árabe, é a oração, constituindo a relação com Deus.

É a relação do homem com Deus.

E se esta relação não existe, tudo o resto desaba.

Tudo. Nada mais se mantém.

Deus fica numa margem e o homem noutra.

Se o Senhor quis dar-nos tantos sinais, foi para nos ajudar a refazer esta ligação da oração que talvez estivesse a afrouxar.

Refazer esta relação, para nos reconduzir docemente para Ele.

O grande acontecimento de Soufanieh foi sempre a oração. As pessoas responderam com uma reacção espontânea e maciça de oração. Desde o primeiro minuto até agora.

Como é natural a precipitação maciça das pessoas, no início do fenómeno, tomou agora uma dimensão mais reduzida, mais modesta.

Mas mantém-se a continuidade desta presença da multidão em Soufanieh ao longo de todo o dia, gente que vem de Damasco, da Síria, um pouco de todo o lado. Nos períodos desérticos, como entre Novembro de 1985 e Novembro de 1986 em que não houve absolutamente nada, nenhuma manifestação, houve o essencial, a oração.

Agora aparentemente não há nada, excepto algumas manifestações de óleo nas mãos de Myrna. Mas há o essencial, a oração. Para nós é o acontecimento mais importante. E este acontecimento provocou uma corrente espiritual entre os cristãos de todos os quadrantes, não apenas em Damasco, mas um pouco por toda a Síria sobretudo em Alep.

Em Alep assistimos ao prolongamento, por assim dizer físico, do fenómeno

de Soufanieh, a partir de 24 de Janeiro de 1988. Uma pequena reprodução de Nossa Senhora de Soufanieh exsudou óleo numa casa arménia em que o marido é ortodoxo e a mulher católica. Ela também se chama Maria. Em seguida houve em Alep exsudação de óleo de outras imagens, entre as quais uma reprodução de Nossa Senhora de Soufanieh numa segunda casa arménia das mais modestas, e depois em numerosas outras casas.

Nas duas primeiras casas em que o óleo escorreu, em Alep, a oração organizou-se regularmente, e sempre conduzida por padres. Estas duas casas são casas arménias ortodoxas. Infelizmente só os padres católicos vão dirigir a oração. O bispo ortodoxo arménio foi visitar a primeira casa. Viu, rezou, e depois disse: “É uma bênção para vós”, e não voltou a pôr lá os pés. Mas desencadeou-se um movimento de oração que se estendeu a outras casas de Alep.

De tal modo que, a partir destes acontecimentos e de outras manifestações que seria muito longo expor, mas que evoco de passagem, assiste-se a uma verdadeira corrente de renovamento espiritual de que seria difícil falar se não se tivesse vivido. É preciso ir lá e senti-lo. Em Alep assiste-se a um reforço real da oração, verdadeiramente impressionante.

A tal ponto que provocou a abertura de várias igrejas, para horas de oração suplementares. De momento trata-se de igrejas católicas, de todas as comunidades. Para horas de oração todos os dias. A horas diferentes em diferentes igrejas. Para que cada um que quer rezar encontre sempre a igreja que lhe convém, à hora que lhe convém. É preciso ir a Alep para ver este crescimento da espiritualidade.

Não é um simples aumento de presenças na igreja. É um crescimento de espiritualidade para muitas pessoas que eu conheço e que são apenas um pequeno número numa multidão de outras pessoas. Há sobretudo inúmeras famílias que, na verdade, vivem um impressionante renovamento espiritual. Diria que é este o grande acontecimento. Falo da Síria, mas terei ocasião de contar o que também pude ver por todo o lado, por exemplo em França, desta corrente de oração que partiu de Soufanieh e que continua a alimentar-se de Soufanieh, graças à pequena imagem de Nossa Senhora de Soufanieh.

É portanto este o fenómeno primordial de Soufanieh: a oração.

O retorno do homem a Deus, através da oração,
para O louvar e Lhe agradecer,
para Lhe pedir perdão e viver do Seu Sopro na terra,
enquanto espera reencontrá-Lo no face a face eterno.

Familiaridade com Deus

Em Soufanieh começou-se logo a rezar com muita simplicidade, numa grande familiaridade com Deus. Depois a oração organizou-se, mas no princípio ficávamos diante do ícone e cada um improvisava. Permanecíamos assim horas e horas, dia e noite.

Cito-vos um caso. Na sexta-feira 10 de Dezembro de 1982, às seis e meia da manhã, Nicolas telefonou-me: “Padre, o óleo escorre da imagem”. Dois minutos depois eu estava na casa da Virgem. Pareciam lágrimas a escorrer da imagem.

Como Nicolas na ocasião ainda não tinha telefone, às sete horas fui a casa dos vizinhos e telefonei a várias pessoas de diferentes comunidades, que têm uma certa influência tanto social como religiosa, para que viessem observar e dessem testemunho aos outros.

Às oito horas chegaram juntos dois amigos, Georges Maarraoui e Edouard Hilal, a quem tinha telefonado. São dois homens casados de cerca de quarenta e quatro anos. Ambos têm uma bela voz. Um é greco-católico, o outro greco-ortodoxo. Ficaram das oito da manhã à uma da tarde, a rezar e cantar em frente da imagem. E as pessoas entravam e saíam na mais perfeita calma. De tal modo que anotei no meu diário: “O dia de hoje recordou-me a visita que fiz recentemente com o coral a Lourdes”. O ambiente era o mesmo.

Quando Edouard e Georges saíram do quarto, como tinha estado sempre perto do ícone, segui-os e perguntei-lhes: “Que horas são?” Edouard, olhando o relógio exclamou: “Não é possível! Uma hora da tarde? Não é possível! Passei cinco horas, com Georges, a cantar em frente da Virgem? Como pode ser? Eu que nunca saio de casa sem tomar o pequeno-almoço!” Logo que receberam o meu telefonema vieram a correr e, sem se aperceberem do tempo que passou ficaram cinco horas a rezar e a cantar junto do ícone!

Quantas vezes vi as pessoas chegarem com os seus doentes e lançando-se aos pés da Virgem, falarem-lhe de coração aberto. Asseguro-vos que me

vêm as lágrimas aos olhos quando penso nisso. É impressionante. Quantas vezes víamos pessoas que improvisavam e cantavam sós, assim, com toda a simplicidade.

Nas primeiras semanas era assim o tempo todo. Depois, lenta, lentamente, foi preciso organizar as coisas. Introduzimos o terço e, entre as dezenas, alguns cânticos, algumas orações espontâneas. Quantas vezes eu improvisei orações!

Interrogávamo-nos como nos saíam do coração. Eu não sei.

O irmão mais velho de Nicolas, Awad, era um homem quase analfabeto, simples servente de pedreiro, que gostava da bebida, fumava muito e para quem a vida se resumia em trabalhar para poder sustentar a família. A sua vida mudou completamente. Começou a compor cânticos à Virgem, num árabe bastante defeituoso. Tentava fazer a música ou inspirava-se em algum canto popular. Saiu-se tão bem que compôs, tanto quanto sei, uns vinte, entre os quais um hino que agora cantamos todos os dias em Soufanieh e que se difundiu um pouco por todo o mundo. Fiz a tradução para francês para ser cantado pela multidão no Festival da Esperança em Besançon, em Setembro de 1991. Este hino é um cântico que toca o coração. O irmão de Nicolas é um dos que foram muito espontâneos com o Senhor.

Mesmo agora, apesar da organização que conseguimos dar à oração, continua a haver sempre lugar para o improviso. Quantas vezes, de súbito, se ouviu alguém falar à Virgem em voz alta! Há realmente uma familiaridade com a presença divina.

Foi esta a impressão com que ficou o decano da Faculdade de Teologia de Munster, Padre 'Adel Khoury, de origem libanesa. Disse-me: "Em Soufanieh temos a impressão de estar com Deus. A Virgem está lá. E quando ouço rezar sinto que esta gente fala com a Virgem que está presente. Não se dirigem a alguém longínquo. Simplesmente Ela está ali."

Estou certo de que será esta familiaridade que nos salvará.

Esta relação familiar com Deus, por Maria, é o que realmente nos salvará. Apesar de tudo, Deus está muito próximo de nós.

A maternidade de Maria

Em Soufanieh, a Virgem lembra-nos com insistência a Sua Maternidade. Fê-lo de maneira muito forte através de uma palavra dirigida a Myrna durante um dos primeiros êxtases, na sexta-feira 4 de Novembro de 1983.

No momento deste êxtase, os pais de Myrna choraram. De súbito vêem Myrna abrir os olhos, apontar a mãe com o dedo, e chamando-a pelo nome próprio dizer-lhe: *Sou filha d'Ela antes de ser vossa!* Depois recaiu em êxtase.

Quando saiu do êxtase, o Padre Malouli que estava presente perguntou-lhe.

“o que se passou?” Ao que ela respondeu: “Vi a Virgem e Ela mandou-me dizer aos meus pais que sou Sua filha antes de ser deles”. O Padre Malouli insistiu: “E que fizeste?” Obteve esta resposta: “Não sei”.

Ela obedeceu sem o saber!

Por esta frase que Myrna disse aos pais por ordem da Virgem, podemos lembrar que todos somos filhos de Maria, antes de o sermos de nossos pais.

Porque afinal, na própria essência do nosso ser nós somos filhos de Deus. E regressaremos a Deus.

Ele fez de nós deuses, queiramos ou não.

Tenhamos ou não consciência disso, somos efectivamente, como diz S. João, os filhos de Deus.

A Virgem veio recordá-lo.

Bastava o facto de, ao longo das mensagens, nos dizer: *Meus filhos. Meus filhos.*

Repetir sempre: *Meus filhos...*

Noutra vez, como uma mamã, ela chama-nos a reunirmos todos à volta de Jesus.

Pelas mensagens a Virgem lembrou-nos que vinha para nos reunir aos pés de Jesus, e para refazer a unidade da Igreja. Disse isso na aparição de 24 de Março de 1983, quando disse entre outras coisas:

Fundai uma Igreja.

Eu não disse: “construí uma igreja”.
A Igreja que Jesus adoptou é uma Igreja Una, porque Jesus é Um.
A Igreja é o Reino dos Céus sobre a terra. Quem a dividiu pecou.
Quem se regozija com a sua divisão pecou.
Jesus edificou-a: era pequenina.
E quando cresceu dividiu-se.
Quem a dividiu não tem em si o amor.
Congregai.
Digo-vos: “Rezai, rezai, rezai”.
Como são belos os Meus filhos, de joelhos, implorando!
Não tenhais medo: Eu estou convosco.
Não vos disperseis como o fazem os grandes.
Vós ensinareis às gerações a palavra de unidade, de amor e de fé.

Vede a presença de Maria no meio dos Seus filhos.
Ela reagrupa-os.
Ela convida-os a orar.
Ela confia-lhes o cuidado de congregar todos os Seus filhos.
Ela faz deles missionários!

Serva do Senhor

Maria não age em Seu próprio nome,
mas no de Aquele que Ela serve.

É por isso que Ela começa esta mensagem de 24 de Março de 1983, dizendo:
Meus filhos, a Minha missão terminou.

A Minha missão.

Quer dizer que, em Soufanieh, a Virgem Se considerou como serva do Senhor.

E é também por isso que, logo depois desta frase:

Meus filhos, a Minha missão terminou,

Ela acrescentou.

Naquela noite o anjo disse-Me: “Tu és bendita entre as mulheres”,
e Eu apenas pude responder: “Eis a serva do Senhor”.

A Virgem deu-nos, em Soufanieh, uma extraordinária lição de serviço.
Ela é toda bela.

Ela é a Rainha dos Céus e do Mundo.

E apesar disso, Ela sabe que é a serva de Deus.

Veio a Soufanieh preparar o caminho do Senhor.

Um pouco como Lho preparou na Palestina.

E quando o Senhor chegou, apagou-se.

Foi assim que aconteceu também em Soufanieh.

Apercebemo-nos disso alguns anos depois.

Uma das últimas mensagens da Virgem em Soufanieh, na realidade a última que a Virgem deu antes de deixar de aparecer durante quatro anos e quatro dias, foi a de 15 de Agosto de 1985, ou melhor da véspera 14, durante a oração da noite.

A Virgem disse esta frase:

Meus filhos, boa festa!

A Minha festa

é quando vos vejo reunidos.

A vossa oração é a Minha festa.

A vossa fé é a Minha festa.

A união dos vossos corações é a Minha festa.

É uma mamã que apela à união dos filhos, pedindo que Lhe dêem a alegria de se reunir.

Ver os filhos todos reunidos é, sempre e em toda a parte, a alegria das mães.

Por maioria de razão, aqueles que pertencem a Jesus.

Depois disto a Virgem desapareceu.

Durante quatro anos e quatro dias.

Significa muito.

Ao princípio não nos demos conta, mas depois tomamos consciência de duas coisas muito importantes.

Primeiro, que também aqui Maria continua a ser serva.

Segundo, que Ela preparou o terreno, tanto para os cristãos como para os muçulmanos, para a vinda de Jesus a Soufanieh.

Para os muçulmanos Jesus representa algo de muito grande.

No Corão, Jesus é alguém muito grande.

Mas não pode ser Deus.

Não podia ser crucificado.

Para os muçulmanos isso não é possível.

Portanto não há Redenção.

Se quando começou o fenómeno se tivesse falado de aparições de Jesus, provavelmente não teria sido aceite.

Bem entendido, depois podem sempre supor-se muitas coisas.

Mas, tanto quanto conhecemos o ambiente, se Soufanieh tivesse começado por uma manifestação imediata de Jesus, as reacções teriam sido nitidamente diferentes.

Mas a Virgem, que tem um lugar de destaque para os muçulmanos e para todos os cristãos no Oriente, quer sejam ou não praticantes e mesmo para os não crentes – temos não crentes, poucos, mas temos alguns – a Virgem é especial.

Instintivamente, todos os que estão em dificuldade dizem: “Ya Adra. Ó Virgem!”

Não se diz: “Ó Virgem Maria!”

Só há uma Virgem, é a Virgem Maria!

A Virgem Maria tem as portas abertas, os corações abertos, tanto nos

muçulmanos como nos cristãos.

Portanto, quando o fenómeno se desencadeou a partir desta pequena e humilde imagem da Virgem e de Jesus, as pessoas acolheram-no com entusiasmo. Também houve os que não aceitaram e se mostraram críticos. Mas para a grande maioria era a Virgem que estava ali, por isso estavam abertos. E quando depois Jesus sucedeu a Maria, nas mensagens extraordinárias que deu a Myrna no decurso dos êxtases, o terreno estava preparado e as pessoas prontas a acolhê-Lo.

Foram distribuídos milhares, dezenas de milhares de desdobráveis com as mensagens. As pessoas pediam-nos e liam-nos, e para muitos tornaram-se mesmo o livro da mesa de cabeceira e de meditação.

A Virgem também nos deu com isto uma lição de serviço. Apesar de ser a Rainha de tudo,

Ela continua serva diante de Deus e de Seu Filho.

E uma das frases mais extraordinárias que Ela pronunciou durante a quinta aparição, na noite de 24 de Março, é esta:

Meus filhos, a Minha missão terminou.

Naquela noite o anjo disse-Me: “Tu és bendita entre as mulheres” e Eu apenas pude responder: “Eis a serva do Senhor”.

Depois Ela continuou:

Estou contente.

Eu não tenho o mérito de vos dizer: “Os vossos pecados estão perdoados”.

Mas o Meu Deus disse-o

A Virgem é uma serva.

Mediadora

Por ser a Mãe de Jesus, a Virgem é a grande mediadora. Entre as preces dirigidas à Virgem pela Igreja bizantina há uma em particular que se canta todos os dias, antes da Epístola e do Evangelho, e na qual se diz a Maria: “Ó Tu, Socorro dos Cristãos, que nunca decepcionaste...” É o reconhecimento de que Ela é toda poderosa junto de Seu Filho Jesus. Por isso, numa das mensagens mais perturbadoras que Ela deu, no segundo êxtase, a 4 de Novembro de 1983, disse em árabe dialectal uma palavra comovente. Comovente de força e de ternura, ao mesmo tempo.

Nesse dia, depois de dizer a Myrna:

Desce e vai dizer-lhes que tu és Minha filha antes de ser filha deles, a Virgem acrescentou:

O Meu coração consumiu-se com o Meu Filho único.

Não vai deixar-se consumir por todos os Meus filhos.

A tradução pode dar uma ideia errada. Dá a impressão que nesta frase, a Virgem diz: “Lavo daí as Minhas mãos”. Mas no árabe dialectal que Maria aqui utiliza, significa nitidamente: “Se fui impotente para salvar da morte o Meu Filho e se o Meu coração se consumiu com o Seu sofrimento, agora vou fazer o impossível para vos salvar”.

É exactamente o contrário do que uma tradução literal podia deixar supor.

O Meu coração consumiu-se com o Meu Filho único.

Pobrezinha, Ela estava ao pé da cruz, absolutamente impotente.

Mas depois de coroada Rainha dos Céus e da terra, estando no céu após a Sua Assunção,

Ela tem todo o poder.

Não é Ela a “Omnipotência suplicante”, como Lhe chamou um santo?

E Ela quer fazer o impossível para salvar os Seus filhos.

Portanto não vai deixar que os Seus filhos se percam.

Se percam pelas suas faltas ou pelas faltas dos outros.

Ela vai fazer o impossível.

É aí que verdadeiramente vemos a maternidade divina.

E a maternidade de Maria para com todos os Seus filhos, os homens.

Depois, a 14 de Agosto de 1987, Jesus deu-nos uma mensagem que confirma realmente esta onipotência de Maria sobre o coração de Deus. Uma frase que diz muito sobre o lugar da Virgem no coração da Trindade: *Minha filha, é Ela a Minha Mãe, da qual Eu nasci.*

Quem A honra, honra-Me.

Quem A renega, renega-Me.

E quem Lhe pede obtém, porque Ela é a Minha Mãe.

Quando o Padre Malouli nos comunicou esta mensagem estava perturbado. Teve dificuldade de dizer até ao fim esta pequena mensagem de poucas palavras.

Quem Lhe pede obtém, porque Ela é a Minha Mãe.

Fica-se com a impressão de que Jesus baralha toda a teologia que procura precisar se na verdade a Virgem é simplesmente mediadora ou se é Ela que dá...

Jesus disse: “Mas Ela dá!

Ela é Minha Mãe, não posso recusar-Lhe nada”.

Portanto em Soufanieh a Virgem recordou-nos, assim como Jesus, que Ela é Toda Poderosa.

Continuando embora criatura que conhece os Seus limites.

Mas que também conhece o Seu poder de Mãe sobre o Seu Filho.

E o Seu Filho é a segunda pessoa da Trindade.

Portanto a Virgem conhece o Seu poder sobre a própria Trindade.

Por isso, na mensagem que deu a Myrna a 18 de Agosto de 1989 durante a sua segunda viagem aos Estados Unidos, a Virgem lançou este apelo a todos os fiéis:

Diz aos Meus Filhos que multipliquem as orações, porque têm necessidade da oração para abrandar Deus Pai.

É o que a Virgem diz também em Medjugorje ou em Kibeho, e que já tinha dito em La Salette. O braço do Pai é pesado e começa a abater-se. É tempo de rezar. Senão, o que explicaria esta multiplicação de manifestações divinas, hoje, no mundo?

Um bispo greco-católico do Próximo Oriente, Mons. Elias Zoghbi, teve a coragem de escrever, há dois anos, um longo artigo numa revista libanesa

de língua francesa, “A revista do Líbano”. Deu ao artigo o título: “Mundo, onde vais?” Dado que são tão numerosas as aparições actuais da Virgem no mundo, ele pensa que, se Deus intervém desta maneira evidente um pouco por todo o lado, é porque qualquer coisa não vai bem. É que o Senhor sabe para onde vamos e provavelmente vamos para uma espécie de autodestruição planetária.

E que Deus nos ama tanto que não quer a nossa ruína e procura dizer-nos: “Alto! Parai! Reflecti, pensai, rezai!”

A santidade do matrimónio

O facto de o Senhor ter escolhido um casal para suscitar o fenómeno de Soufanieh é, quanto a mim, extraordinariamente oportuno. No momento em que, por todo o mundo, se desagrega a família que é o núcleo central essencial de toda a sociedade, no momento em que a família se desintegra, o Senhor vem pôr a Sua mão sobre um casal.

Este facto provocou uma reacção de interrogação, tanto em Myrna como em Nicolas e também em muitas outras pessoas no seu meio, em Damasco, e em muitos outros lugares. Myrna chegou a pensar em deixar Nicolas e recolher a um convento. Pediu a minha opinião e disse-lhe:

“Myrna, se o Senhor tivesse querido escolher uma jovem ou uma mulher celibatária, não lhe teriam faltado jovens ou religiosas.

Se escolheu uma mulher casada, e sobretudo uma jovem casada, é porque tem coisas a dizer-nos sobre o casamento.

O casamento é sagrado.

Por que motivo deverias pensar em retirar-te?”

Mas a ideia tinha abalado profundamente Myrna.

Nicolas teve a mesma reacção. A ponto de, mais tarde, em fins de Novembro de 1986, Nicolas confessar ao Padre Darrigaud⁴: No início dos acontecimentos, durante três meses não ousava sequer pensar em Myrna como minha mulher. Sentia-me em pecado, só de pensar nisso. E, apesar de tudo o que me disseram, de tudo o que os padres me disseram, só muito lentamente pude assumir o facto de que Myrna, embora escolhida pelo Senhor, e porque escolhida pelo Senhor, é, num grau superior, minha mulher”.

Muitas pessoas diziam: “Se realmente Myrna é objecto de uma escolha divina, não pode continuar a sua vida conjugal, nem mesmo a sua vida mundana.”

⁴ Grande repórter da Antenne 2

Supondo que a pobre tem uma vida mundana! Vive mais reclusa que muitas religiosas no convento.

Mas as pessoas diziam: “Deve retirar-se para um convento”. Ainda agora, infelizmente, há pessoa que têm um olhar muito obtuso tanto sobre a escolha de Deus como sobre a vida conjugal e o sacramento do matrimónio. Continuam a criticar: “Não, não é correcto. Myrna devia retirar-se”.

Jesus respondeu a isto.

A resposta veio de Jesus e da Virgem.

A Virgem deu-a durante o êxtase de 25 de Novembro de 1983.

Disse a Myrna:

Eu não vim separar

A tua vida conjugal deve continuar como é.

E depois, em 7 de Setembro de 1984, acrescentou:

Vive a tua vida

Mas que a vida não te impeça de continuar a rezar.

Em 26 de Novembro de 1987 Jesus foi muito explícito.

Muito explícito.

Durante uma longa mensagem que deu nessa noite, disse entre outras coisas:

Persevera na tua vida de esposa, de mãe e de irmã.

É um programa completo:

Esposa, mãe e irmã!...

Myrna esteve vários anos sem ter filhos.

A 1 de Maio de 1985, depois de uma mensagem de apelo ‘à unidade, a Virgem segurou a mão de Myrna na Sua mão.

Myrna descreve a Virgem de olhos baixos e rosto muito triste, pedindo.

Meus filhinhos, uni-vos.

O Meu coração está ferido.

Não deixeis que o Meu coração se divida por causa das vossas divisões.

Depois acrescentou:

Minha filha, dar-te-ei um presente pelas tuas canseiras.

Pouco tempo depois Myrna engravidou.

Em 15 de Outubro de 1986 nasceu a sua pequena Myriam.

Exactamente quarenta dias após, teve o êxtase de 26 de Novembro de 1986.

À luz dos acontecimentos de Soufanieh, podemos dizer que uma das mensagens da Virgem é lembrar a santidade do matrimônio e a necessidade da sua santificação. O que é muito importante num momento em que, no Ocidente o casamento se desagrega há muito e, no Oriente assistimos à sua dissolução cada vez com mais frequência.

Nicolas

Nicolas é realmente espantoso.

Um pouco como S. José.

Dizemos-lho frequentemente

e ele responde com humildade: “O que sou eu?”

É preciso vê-lo e tê-lo conhecido antes.

Eu não o conhecia. Mas no início do fenómeno víamo-lo sempre muito bem arranjado, preocupado com a sua aparência. E depois, lentamente, este homem foi moldado pela Virgem e por Jesus e pouco a pouco entrou numa espécie de familiaridade com Deus, numa espécie de despojamento, de desnudamento de si próprio frente a Deus.

A tal ponto que agora sente-se a sua presença, mas uma presença completamente apagada.

Silencioso, muito atento, preocupado em salvar primado de Deus e da oração.

Não permitindo nenhuma infracção à atmosfera de oração, mas não procurando nunca evidenciar-se.

Nunca.

Quando vê a menor infracção, quer por palavras, quer por uma maneira mais ou menos ambígua de aproveitar da oração em Soufanieh, põe tudo imediatamente na ordem.

Na maior discrição.

Cito alguns exemplos ou algumas respostas de Nicolas, que o caracterizam melhor que um discurso. Eis a reacção de alguém que conviveu com Nicolas e era seu amigo íntimo. É um homem da idade de Nicolas, cerca de cinquenta anos, e que na juventude habitava em Soufanieh. Chama-se Georges Barsa e emigrou para os Estados Unidos, onde vive pelo menos há onze anos.

Visitei-o em Nova York em 1984 e convidou-me para jantar. Éramos várias pessoas, entre as quais alguns muçulmanos. Depois da refeição, perguntou-me: “Padre, pode dizer-me o que se passa em Soufanieh? É o meu bairro:” Conteí-lhe o que se passa. Passado um bocado perguntou-me. “Como se

chama o marido de Myrna?” Respondi: “Nicolas Nazzour”. Garanto-vos que se uma serpente o tivesse picado, não teria dado tamanho salto: “Não é possível! Nicolas, eu conheço-o! Era eu que organizava com ele as nossas noites de estroina!”

Olhei-o e disse-lhe:

“Georges, esqueces que o Senhor por vezes Se compraz em fazer sair pérolas do lodo...

Esqueces S. Paulo.

E Maria Madalena, quem era ela?

Os apóstolos quem eram?

E quem era S. Agostinho?

Pensa na história da Igreja!

Nicolas não é diferente destas pessoas.

Não somos nós que nos santificamos.

Deus arranca-nos da nossa lama e, se correspondermos à Sua graça, podemos tornar-nos santos.

Pois bem, eis Nicolas!”

Nicolas mudou surpreendentemente! Eis algumas das suas reacções.

No início do fenómeno, um alto responsável dos serviços secretos veio a Soufanieh. Chamou Nicolas de parte por um momento e acabou por lhe dizer: “Nicolas, lamento-vos. Isto começou agora e já não sois senhores da vossa casa. O que acontecerá dentro de alguns anos? Tendes de fechar a porta”.

Ele deu esta resposta:

“Não fui eu que abri esta porta.

Quem a abriu a fechará.”

Segunda reacção. Veio também o ministro da Defesa, o general Mustapha Tlass, e viu o óleo a correr. Depois voltou com o Estado-Maior da armada síria, para rezar em Soufanieh. Chamando Nicolas de parte disse-lhe: “Creio que a vossa casa vai tornar-se local de peregrinação. Nem pensem em continuar aqui. O governo põe à vossa disposição um apartamento, cuja localização podeis escolher, para ficardes à vontade”. Nicolas respondeu: “O que Deus abençoou, não o trocarei por nada no mundo.”

A 16 de Abril de 1984, Quinta-feira Santa, segunda abertura dos estigmas,

a ferida do lado de Myrna media exactamente 10,2cm. Era tão profunda que um dos médicos disse a Nicolas que era necessário suturar.

A resposta dele foi imediata:

“Doutor, esta ferida será fechada por Quem a abriu.”

Na mesma noite a ferida fechou.

Nessa noite.

Em Novembro de 1987 estive em França. Regressei a Damasco a 22 de Novembro e, antes de ir a casa de meus pais, passei em Soufanieh. Tinham feito arranjos no pátio e no terraço, por causa do quinto aniversário.

Nicolas conduziu-me ao terraço onde a Virgem aparecia a Myrna e constatei que o tinham pavimentado deixando a descoberto o lugar onde o óleo tinha escorrido das mãos de Myrna e onde esta dizia que esteve a Virgem. Nesse lugar puseram um pedestal e, sobre ele, uma bela estátua da Virgem. Nicolas disse-me: “Enquanto reparamos o pátio, era aqui que rezávamos todos os dias.” Perguntei-lhe se havia muita gente. “Por vezes setenta pessoas, pouco mais ou menos”. Exclamei: “Sois loucos! A casa é velha e com o betão que pusestes, mais o ladrilho, o pedestal e a estátua, correis o risco de abater com setenta pessoas!”

Olhou-me e disse:

“Padre, não pense nisso!

Não são os muros que suportam a Virgem,
é a Virgem que nos suporta a todos!”

Uma tal resposta diz muito sobre a evolução deste homem. Asseguro-vos que me senti muito pequeno diante dele quando me fez esta reflexão.

Numa outra vez eu estava em Soufanieh a explicar os acontecimentos a um grupo de peregrinos. Uma mulher voltou-se para Nicolas e disse: “Feliz és tu Nicolas. É por seres bom que o Senhor te dá esta graça!”

Ele respondeu:

“Desengane-se, minha senhora.

É para eu me tornar bom!”

Uma vez Nicolas entregou-me um envelope onde estava escrito: Padre Elias Zahlaoui, Presbítero de Soufanieh, Damasco, Síria. Ri-me: “Vejam bem! Presbítero de Soufanieh! Portanto esta casa pertence-me!”

Nicolas respondeu:

“Padre, desde quando ela me pertence? Nunca me pertenceu.”

E no entanto esta casa é de Nicolas e da sua família.

Através destas anedotas e destas respostas podeis ver o perfil de Nicolas. Ele continua a viver em toda a simplicidade.

Mas o último rasgo que vos queria relatar remonta a um ano e meio. Um dia eu estava no meu escritório e Nicolas apareceu sem prevenir. Ficou um bocado a conversar e durante a conversa disse muito simplesmente estas palavras: “Padre, torna-se-me evidente que o Senhor me quer desnudar completamente. Ele quer atirar-me a Seus pés, completamente nu, numa pobre esteira: de tudo o que empreendi, desde o início do fenómeno até agora, nada resultou. Tenho a certeza que o Senhor quer despir-me totalmente, para que me torne prisioneiro só d’Ele. E eu estou pronto.”

Pois bem, quando se ouve uma tal reflexão, dita em tom tão simples, sem a mínima afectação, vive-se realmente uma presença divina através da evolução deste homem, que se chama Nicolas!

Uma página do Evangelho

Soufanieh para mim, e creio que para muitos outros, foi literalmente páginas de Evangelho vivido.

Atentai por exemplo não só na transformação de Nicolas e Myrna, mas na disponibilidade para o Senhor de toda a família e de tantas outras pessoas. Nos primeiros quarenta e cinco dias dos acontecimentos havia, além de Myrna e Nicolas, vinte e sete pessoas em total disponibilidade.

Vinte e sete pessoas em “estado de alerta”, em disponibilidade total, em serviço permanente para acolher as pessoas, sobretudo os doentes, e para rezar com eles.

O pai e a mãe, os irmãos e irmãs de Myrna. A mãe de Nicolas, uma velhinha enrugada, com um metro e meio de altura e apenas 35 kg e que só diz: “Eu estou à disposição de Maria”. Passa os dias e as noites a limpar a casa, sem um queixume, para que a casa esteja limpa para os visitantes de Maria. E ainda os seus irmãos e irmãs, respectivos maridos, esposas e filhos e a vizinhança...

Contei-os: nos primeiros quarenta e cinco dias, exactamente vinte e sete pessoas constantemente disponíveis, em oração e em serviço, para tudo e para todos.

Mas, como no Evangelho, também há pessoas que procuram um pouco aproveitar deste fenómeno. Pessoas que pretendiam ter visões, graças, um monte de coisas, e que procuravam chamar a atenção e conquistar a estima dos outros. Houve quem tentasse aproveitar este fenómeno para se evidenciar.

É como no Evangelho. Quando se vê como os próprios apóstolos procuraram explorar Jesus e até, como S. Pedro, desviá-Lo da Sua missão a ponto de Jesus dizer: “Afasta-te de Mim, Satanáas!” (Mt 16, 23), tudo isto se explica.

Não nos admiramos.

Creiam, só Myrna e Nicolas, com os seus parentes mais próximos, se apagavam completamente.

Apagados e desorientados, sem saber o que fazer, procurando orar mas por vezes não sabendo como, e por isso deixando-se levar por uma espécie

de espontaneidade natural.

Há portanto o apelo e a resposta. E a resposta pode ser muito variada. Mas em geral, em Soufanieh houve uma disponibilidade, uma alegria e um apagamento total diante de Deus, na oração.

Sem Mim, nada podeis

Há uma coisa que gostaria de sublinhar aqui. É uma simples conclusão tirada de tantas mudanças sobrevindas em Soufanieh, ou graças a Soufanieh.

Em Soufanieh vive-se uma familiaridade com Deus que pode dizer-se tangível.

Mas a nossa impotência para qualquer mudança de espírito é total. Só Deus pode operar a mudança espiritual, mesmo a mais pequena. Por mais esforços que façamos.

Não quero dizer que o homem é absolutamente impotente, que Deus faz tudo só.

Mas efectivamente, quanto mais me observo, quanto mais observo as pessoas que rezam em Soufanieh, e que mudaram a partir de Soufanieh,

mais me dou conta da profundidade da palavra de Jesus que me chocava quando andava no seminário maior e que me repugnou durante anos: “Sem Mim vós nada podeis fazer!” (Jo 15, 5).

Pois bem, em Soufanieh experimentei a verdade, a verdade profunda, simultaneamente tão humana e divina, desta palavra:

“Sem Mim, vós nada podeis fazer!”

Há dias em que, nem deveria dizê-lo, me sinto verdadeiramente desesperado.

O Senhor é capaz de nos mudar.

Senhor, porque não me mudas?

É então que compreendo o que diz S. Paulo:

“N’Ele, n’Aquele que me fortalece, eu posso tudo”. (Fl 4, 13).

Estas duas frases completam-se uma à outra:

“Sem Mim, nada podeis fazer!”

“Posso tudo n’Aquele que me fortalece!”

Basta dizer-Lhe:

“Senhor entra, invade-me!”

Mas há tantos obstáculos e tanta opacidade em nós!

E afinal entre os dois o coração balança. Gostaríamos tanto de poder dizer-Lhe:

“Senhor, toma-me, desfaz-me e refaz-me!” Infelizmente, há tantos condicionalismos em nós que fazem com que o que Lhe entregamos em palavras, efectivamente o retomamos na realidade concreta...

Contra a tentação materialista

Há uma coisa que devemos ter sempre presente: no nosso país Deus está presente em todo o lado. Quando se pergunta: “Como vai?”, responde-se: “Al-Hamdoulillah”. Quer dizer: “Graças a Deus!” Deus anda em todos os lábios. A tal ponto que um estrangeiro que passa, pensa: são gente muito religiosa.

Efectivamente, nós os árabes somos no fundo muito religiosos. Mas estamos submetidos a um condicionamento evolutivo do interior e a um condicionamento da sociedade de consumo que acabou, por assim dizer, por consumir o próprio Deus na nossa sociedade. Deus continua à superfície de muitas coisas. Mas corre-se o risco de Ele ser “devorado” por esta sociedade de consumo que agora nos devora.

Por outro lado, saindo de um período de letargia em todos os domínios e aspirando a uma evolução digna de um certo nível humano, quer-se acreditar que só a ciência pode libertar-nos deste subdesenvolvimento de que sofremos centenas de anos. Foi por isso que erigimos a ciência, e pela ciência também durante certo tempo o marxismo, em deus que iria libertar-nos de todo o nosso atraso.

Daí resultou o entusiasmo das pessoas, sobretudo dos jovens, pela ciência e especialmente pela que nos vem do Ocidente. E também pela filosofia que nos vem do Ocidente, pelo ateísmo que nos vem do Ocidente.

A tal ponto que, vendo na nossa região as religiões continuarem a devorar-se entre si, a dilacerar-se, por reacção as pessoas têm uma tendência natural para dizer: acabe-se com estas religiões que só causam discórdias e por vezes até guerras civis.

Podeis assim constatar que se procura afastar Deus e abraçar os valores estritamente humanos, sobretudo a ciência e a filosofia. Juntai-lhe o poder e o dinheiro e tereis o que entre nós se crê ser TUDO. A ciência, a filosofia, quer dizer uma certa visão do mundo, o poder, e o dinheiro. De que mais necessitamos? Era e continua a ser a nossa tentação actual.

E eis que esta pequena gota de óleo abriu fissuras em toda esta estrutura que estávamos a arquitectar: uma estrutura fechada, do humano que se fecha sobre si próprio.

A gotinha de óleo veio dizer:

“Onde ides?

Por quem vos tomais?

Porque esqueceis Deus?

Ele está convosco.

Ele ama-vos”.

A título de exemplo vivido, cito-vos a reacção de um jovem muçulmano. É um jovem artista que frequentou a Escola de Belas Artes, em Damasco. Um jovem muito dotado para as artes, tanto para a pintura como para a escultura ou a música. Uma bela manhã telefonou-me. Tremia. Disse-lhe: “vem ter comigo”.

Apareceu, muito pálido. “O que tens?” Respondeu: “Passei a noite em claro; estou exausto, Padre”. Perguntei: “Porquê?”

Conhecia-o, pelo menos há um ano. Um rapaz de uma dedicação, uma disponibilidade e até humildade notáveis, apesar de todos os seus dons. Nunca me tinha dito que era marxista. Vinha com frequência ajudar-me na paróquia, sobretudo nas pinturas do teatro, na cave da igreja. Tinha-me feito, gratuitamente, um imenso painel que cobria toda a parte de trás do teatro. E no dia em que lhe quis oferecer qualquer coisa, ele chorou dizendo: “Padre, fiz isto por amor a si, não por dinheiro.”

Enquanto pintava ouvia com frequência as pessoas falarem do óleo de Soufanieh. Finalmente pediu a uma delas: “Leva-me a Soufanieh.”

Foi, pegou numa imagem de Nossa Senhora de Soufanieh, e pôs-se a observar as pessoas durante a oração. Tinha a imagem na mão. De repente, viu o óleo a exsudar da imagem que ele segurava na mão.

Sentiu como que uma cacetada na cabeça.

Guardou a imagem, esgueirou-se e voltou para casa indo instalar-se no sótão.

Passou toda a noite em reflexão. Tinha a cabeça “cheia”, como me disse, pelo marxismo. Tinha lido centenas de livros sobre o marxismo. Para ele o mundo estava fechado.

Esta gota abriu uma pequena brecha nesse mundo fechado. Perguntei. “Que fizeste depois?” Respondeu: “Padre, lavei-me, depois li o Corão e rezei”. Ele leu o piscar de olho de Maria. “Desde quando não lias o Corão e não rezavas?” “Nunca tinha lido o Corão, como crente, e nunca tinha rezado. Foi a primeira vez”.

Reparem que esta reacção diz muito.

Diz mesmo muito.

Há verdadeiramente um apelo de Deus através desta gota de óleo.

Apelo que também é feito pelos estigmas, os êxtases, e o fenómeno da oração.

Eis também a reacção de um jovem padre de Damasco, o Padre Boulos Fadel.

Deus sabe que o clero de Damasco foi hostil ao fenómeno durante vários anos. Uma boa parte de entre eles é ainda hostil, estupidamente porque à priori. Durante um certo tempo reparei num jovem padre que vinha regularmente rezar em Soufanieh. O fenómeno tinha começado há três anos e meio. Um dia, no fim da oração, chamei-o de parte e perguntei: “O que te traz a Soufanieh?” Respondeu: “Padre, muito simplesmente, reflectindo no facto de as pessoas rezarem em Soufanieh há três anos e meio, pensei: estas pessoas não são todas estúpidas. Certamente viram alguma coisa. Então quis rezar com elas.” Disse-lhe: “És feliz! Continua.”

Mais tarde ele foi testemunha de muitas coisas e está agora muito ligado ao fenómeno. Até já lhe disse que terá certamente um grande trabalho para fazer em Soufanieh. De facto o Padre Malouli é idoso⁵. Eu próprio, apesar da aparência sólida, já me sinto a ir abaixo. Por isso lhe disse: “Prepara-te Paul para receber o facho. Terás certamente uma grande missão em Soufanieh”.

De facto quando no último verão o Padre Franz Van der Voort convidou Myrna e Nicolas a deslocarem-se à Bélgica, o Padre Malouli preferiu ficar em Damasco. Eu estava ocupado com uma série de campos de férias para jovens. Só o Padre Paul estava disponível. Acompanhou-os e começou assim a sair de Damasco, a dar assistência a Myrna. A sua reacção inicial a Soufanieh foi muito sã e o Senhor recompensou-o.

Entretanto alguns continuam ainda a recusar qualquer diálogo sobre Soufanieh. Os leigos mantêm-se educados e reservados mas, mesmo se são contra, são capazes de ouvir. Infelizmente há padres que, até ao presente,

⁵ O Padre Malouli faleceu em Janeiro de 2000.

recusam ouvir falar de Soufanieh. Entre eles há três padres que eu próprio desafiei. Três padres diferentes: dois greco-católicos e um jesuíta.

Desafiei-os dizendo-lhes: “Venham, ao menos! Vejam o que se passa. Não têm o direito de recusar à priori, e muito menos de dizer às pessoas que se trata de uma comédia ou de um embuste. Não têm esse direito. Um dia o Senhor vos pedirá contas. O que Lhe dirão quando estiverem perante Ele e vos perguntar – foram estas as palavras que eu usei – : “Bati às portas de Damasco e vós, que estáveis encarregados de difundir a Boa Nova, que fizestes?” Será que respondereis: “Os meus superiores estavam barricados na sua torre de marfim? Esperava que eles me dissessem o que fazer?” Mas se os nossos superiores continuarem a barricar-se na sua torre de marfim, quem lhes levará as informações necessárias para que saibam o que se passa, se não fordes vós, se não for eu?”

Infelizmente, até agora, há ainda quem não queira ver.

As diversas reacções

A população da Síria é, na maioria, muçulmana. O governo é também na maioria muçulmano. E na altura em que começaram os acontecimentos de Soufanieh havia um choque violento, e mesmo sangrento, entre o governo e os integralistas muçulmanos que se intitulam os irmãos muçulmanos. A situação era difícil.

No entanto, o governo sírio teve a inteligência, diria até o senso religioso, de enviar uma delegação composta por um médico e quatro oficiais dos serviços secretos. Dois apresentaram-se como tal e os outros dois infiltraram-se na multidão. Cumpriram o seu dever. Era preciso saber o que se passava.

Fizeram o inquérito diante de toda a gente. E no fim resumiu-se na palavra do médico que disse aos oficiais: “Deus é grande!” Antes de partirem, cada um deles pegou num pedaço de algodão embebido em óleo e colocado num saquito de plástico.

A partir daí o governo teve uma atitude muito respeitosa em relação a Soufanieh. Nunca nos incomodaram. Nunca. Muito pelo contrário.

Os responsáveis da polícia geral de Damasco vieram a Soufanieh em 16 de Dezembro de 1982. Com o maior respeito. Quiseram ver e ouvir directamente o que se passa e disseram: “Se alguma vez tiverem necessidade de alguma coisa para manter a ordem, dêem-nos um sinal e estaremos prontos.” De facto vinham multidões imensas.

Mas nunca precisamos deles. O mesmo respeito continua a manter-se, tanto da parte do governo como da daqueles que vêm informar-se ou rezar. O Ministro da Defesa veio várias vezes, uma delas na noite de Natal de 1982. Nessa noite, diante dos seus olhos, dos de sua mulher e dos de um antigo Primeiro Ministro, Mahmoud Ayoubi, o óleo escorreu da imagem de Soufanieh que uns instantes antes estava seca.

Mais tarde, o ministro da Defesa fez-me por duas vezes uma declaração, primeiro no seu gabinete e depois em sua casa diante de um dos bispos da Síria, Mons. Boulos Bourkhoche: “Padre, no dia em que escrever as suas memórias sobre Soufanieh, não se esqueça de dizer que eu sou testemunha.” Disse esta frase batendo no peito. Para um árabe, bater no peito quando se diz alguma coisa é tomar Deus e o seu coração por testemunha do que se diz.

Portanto, até ao presente e seguramente assim continuará, a posição do governo foi das mais respeitadas.

A autoridade eclesiástica, como é normal, foi muito prudente. Em certos momentos até demasiado. Depois, com a continuação, as coisas evoluíram muito. O Patriarca ortodoxo fez um comunicado oficial em 31 de Dezembro de 1982 reconhecendo nos acontecimentos de Soufanieh uma “visão não ordinária”, como lhe chamou. Contrariamente a toda a tradição teológica oriental, sobretudo ortodoxa, o comunicado classificava de ícone santo a pequena imagem em papel. Proclamava também duas coisas importantes: a necessidade de uma comissão de inquérito, teológica e médica, e a transferência do “Ícone Santo” para a igreja ortodoxa da Santa Cruz, que se encontra a 500 metros da Casa da Virgem em Soufanieh.

Fez-se a transferência. Foi grandiosa. Infelizmente, quarenta e três dias depois a imagem foi entregue na casa, na maior discricção. E depois a Igreja Greco-ortodoxa, a que pertence a casa porque Nicolas é greco-ortodoxo e Myrna greco-católica, tomou uma atitude negativa.

Mas as outras Igrejas, assim como o Núncio apostólico em Damasco, lentamente tomaram conhecimento do que se passava. A Nunciatura seguiu o fenómeno com regularidade e sei que em Roma se ocupam seriamente dele. Outros bispos ligaram-se ao fenómeno sem o esperarem. Foi o caso de Mons. Boulous Bourkhoche. Por seu lado Mons. Georges Hafoury, bispo sírio-católico que ironicamente recusava o fenómeno, rendeu-se-lhe no dia do mês de Outubro de 1986 em que viu em casa de seu irmão, em Beirute, o óleo escorrer em abundância de uma imagem de Nossa Senhora de Soufanieh. Veio a Soufanieh testemunhá-lo em 15 de Dezembro de 1986. Nesse dia, por duas vezes lhe vieram as lágrimas aos olhos. Filmaram-no em vídeo e deixou que o fizessem nessas condições.

Foi aliás ele quem primeiro deu a conhecer Soufanieh ao mundo inteiro, publicando na revista ocidental “Stella Maris”, de Friburgo, Suíça, o primeiro artigo escrito sobre Soufanieh. Artigo escrito por ele, bispo sírio-católico da Síria.

Depois outros bispos se seguiram. Digno de especial atenção é o Patriarca sírio-ortodoxo, Sua Santidade Zakka, que procurou a partir de Agosto de 1987 compreender o que se passa. Deu-se ao trabalho de estudar todo o dossier, de visionar as vídeo-cassetes, de me ouvir em longa conversa frente

a frente no seu escritório, para tomar conhecimento exacto dos factos. Até hoje continua a seguir o fenómeno e em 28 de Maio de 1990 aceitou gravar em filme vídeo o seu testemunho em que reconhece oficialmente Soufanieh. Fê-lo em termos impressionantes, tanto de simplicidade e verdade como de profundidade.

Disse várias vezes a inúmeras pessoas, entre as quais algumas que atacavam o fenómeno na frente dele: “Meus filhos, ide rezar a Soufanieh; a mão de Deus trabalha em Soufanieh”.

Teve a coragem de o dizer.

Ultimamente publicou na revista do seu Patriarcado um longo apanhado do meu livro para, a partir dele, dizer às pessoas que também adoptava Soufanieh.

Para o povo, a princípio foi o choque. Uma imagem a exsudar óleo! As pessoas afluíram em massa à casa onde isso se passava. Entre eles, como à volta de Jesus, havia os crentes e os incrédulos, os que ironizavam, os que se achavam muito inteligentes, os que criam não poder comprometer-se por causa da sua situação social, económica, política, etc... E houve também fidelidades enternecedoras e conversões pouco banais, pelo menos em comparação com as que conheci.

Mas o choque provocou acima de tudo, maciçamente, a oração. Para mim é isso que conta. Tudo o resto me parece insignificante. A crítica, a ironia, sempre as houve, como a incredulidade e a recusa de muitos, sobretudo entre os ricos de Damasco. Mesmo entre o clero, apesar dos anos que dura este fenómeno, há quem se obstine cegamente em recusar à priori. Encontram uma explicação pretensamente psicológica ou fisiológica ou até física.

Pretextaram que Myrna tomaria pílulas a que chamam oleógenas, que fariam que o seu corpo segregasse óleo.

E as imagens um pouco por todo o lado na Síria, Líbano, França, América, segregam óleo? E a última conhecida em Mossoul, no Iraque, desde Janeiro de 1991? Como fazem todas estas imagens para segregar óleo?

Outros imputam este fenómeno a uma intervenção diabólica. Dificilmente se imagina que alguém, no pleno uso da razão, ouse dizer ao fim de todos estes anos em que o fenómeno levou a uma vida de oração tão intensa e tão vasta, que se trata de um fenómeno diabólico. E no entanto por vezes

os que assim falam são, infelizmente, pessoas colocadas em altos postos eclesiásticos.

Em contrapartida a reacção do povo foi sobretudo a oração. Depois do choque inicial que provocou a afluência maciça a Soufanieh, aos poucos o movimento encontrou uma dimensão mais natural, mais plausível e mais modesta. Creio que isso é providencial.

Enquanto em Damasco e na Síria o fenómeno tomava uma dimensão mais modesta, lentamente, as ondas de Soufanieh alargaram-se para fora.

A tal ponto que alguns sírios dizem: “Falaram-nos de Soufanieh nos Estados Unidos e aqui, em Damasco, nem lá fomos rezar.”

Há alguns meses encontrei um casal amigo em que o marido é médico, e pediram-me: “Padre, fale-nos de Soufanieh”. À minha pergunta: “Como é possível que só agora se lembrem de me fazer esse pedido?” a mulher respondeu: “A irmã do meu marido veio do Canadá para nos visitar. No aeroporto, logo que desceu do avião, disse-nos que queria que a levássemos a Soufanieh. Para nós foi um choque: como é que ela, vinda do Canadá, reclamava uma visita a Soufanieh e nós, em Damasco, nunca lá tínhamos ido!” E pediu-me: “Padre, fale-nos do que se passa.”

Marcamos encontro e fui visitá-los. Nessa noite estavam lá cinco médicos, entre os quais essa senhora vinda do Canadá, e mais uma trintena de pessoas. Passamos todo o serão a falar de Soufanieh e expus-lhes os acontecimentos. Passado um bocado o dono da casa, também médico, disse-me: “Padre, até agora eu nem pensava nisso. Mas, a partir deste momento, não posso continuar indiferente. Soufanieh provoca-me.”

Acontece a muitos.

Portanto, a nível da população houve, como costumamos dizer com o Padre Malouli, uma espécie de experiência evangélica. Um choque, uma reacção de oração, e depois um certo recuo de um bom número. Em seguida, lentamente, de maneira muito simples, o fenómeno penetra.

Penetra discretamente.

Deus é discreto.

O sinal do óleo

Para o Próximo Oriente o óleo tem um simbolismo muito rico. A oliveira e a vinha são plantas vitais. A oliveira é a árvore da paz. E é a árvore que produz a azeitona, que dá o azeite, o óleo.

O óleo é símbolo da luz.

É símbolo de alimento.

É símbolo de força: unta-se o corpo dos lutadores.

É símbolo de cura. Na parábola do Bom Samaritano foi lançado óleo nas feridas do homem deixado como morto à beira do caminho.

O óleo, no Antigo Testamento, é símbolo da unção real e messiânica.

Enfim, para nós cristãos ele é símbolo do Espírito Santo.

Ora, em Soufanieh é notável a permanência do fenómeno do óleo. No mês de Novembro de 1990, a Virgem preveniu Myrna que os êxtases cessariam até que a Festa da Páscoa fosse unificada. Mas disse-lhe que o óleo continuaria a manifestar-se nas suas mãos.

Dá a impressão que a Virgem nos recorda aqui que o grande ícone de Deus é o homem.

O grande ícone de Deus é o homem.

A imagem de Soufanieh representa a Virgem e Jesus.

Para nós nada mais nela existe que Jesus e Maria.

Mas a imagem é um pedaço de papel.

Ora o óleo exsuda também de um corpo humano.

Então temos a impressão de reencontrar a verdade do homem que, desde a origem, foi chamado ícone de Deus (cf Gn 1, 26).

Parece que o Senhor, através de Myrna e de outras pessoas sobre quem o óleo se manifesta, quer voltar a dizer-nos que o homem é o ícone de Deus.

É algo tão belo!

É algo que nos recorda a importância do homem aos olhos de Deus e a prioridade do homem no pensamento de Deus.

Isso obriga-nos a reflectir.

É bom que disso tomemos consciência, através desta manifestação que não cessa e se propaga.

À partida ninguém imaginava que o fenómeno de Soufanieh pudesse durar tanto tempo. Já vai fazer vinte e um anos. Esta tenacidade do Senhor levamos a reflectir. Aliás observa-se uma permanência idêntica noutras manifestações que se produziram na mesma época. Com efeito, a partir dos anos 1980 houve-as em Medjugorje na Jugoslávia, em Kibeho no Ruanda, em San Nicolas na Argentina, e em vários outros locais. Todos são também fenómenos duráveis.

Dir-se-ia que, perante a opacidade do mundo actual, perante a sua recusa maciça de uma dimensão espiritual, o Senhor se faz intensamente presente. Mais que nunca Ele se faz tenaz, enviando sinais físicos tangíveis que ninguém pode negar.

Em Damasco Ele envia o sinal do óleo, do óleo que exsuda de uma pequena e humilde imagem. É interessante como obriga a reflectir.

O mistério da graça

Há uma coisa que é realmente mistério. Quando se vêem sinais com esta amplitude, esta continuidade, esta constância, como se pode ficar indiferente ou até mesmo hostil?

Como se pode nem procurar saber o que se passa, sobretudo se se é responsável, a um certo nível, pela fé das pessoas?

É um verdadeiro mistério.

Com isto eu senti pessoalmente o sofrimento de Jesus quando, no Evangelho, realizou sinais, não para fazer prodígios, mas para procurar abrir os olhos tanto dos simples como dos altos responsáveis.

Assim compreendi porque Jesus, nos últimos tempos da Sua vida na terra, gritou em cólera, mas uma cólera que jorrou dum amor imenso: “Infelizes! Infelizes! Infelizes!”

Ele fez o impossível.

E ficamos assombrados quando vemos como os grandes sacerdotes quiseram matar não só Jesus mas também Lázaro, para fazer desaparecer esse sinal imenso que é Lázaro ressuscitado.

Também Lázaro.

É realmente um mistério.

Quando no seminário nos cursos de teologia nos diziam que a fé é uma graça e que por vezes a recusamos, eu insurgia-me porque tinha a impressão que então o homem não contava. Mas em Soufanieh dei-me conta de que, apesar de todo o respeito que Deus tem pela liberdade humana, o mundo da graça e da fé estão na mão d’Ele.

É Ele que dá.

Mesmo a fé, é Ele que a dá.

É verdade que se o homem procura a aproximação e se der um passo, Deus dá mil.

Mas também aqui é preciso que Deus dê alguma coisa.

É por isso que, no fim de contas, os que tiveram a graça de conhecer Soufanieh, de viver Soufanieh, não contam nada, a começar por mim.

Não contamos nada.

Quer dizer que não temos nenhum mérito.

Nenhum mérito.

Se o Senhor entendeu que eu aí fosse mergulhado foi apesar de mim, contrariamente ao meu temperamento, às minhas inclinações, à minha formação, contrariamente aos meus compromissos a nível da Igreja e do país.

Verdadeiramente não tenho nenhum mérito. Chega a haver dias em que tenho vontade de me afastar disto.

Os acontecimentos de Soufanieh e a minha vida de padre

Se me perguntarem o que mudou na minha vida de padre com os acontecimentos de Soufanieh, responderei: muitas coisas e muito poucas coisas.

Primeiro, vivi a experiência de que toda a iniciativa vem sempre de Deus. Toda a iniciativa.

Por temperamento sou muito empreendedor, muito independente, muito voluntarioso.

Em Soufanieh vi que Deus, apesar do meu temperamento, me “apanhou”. Fiz tudo para compreender o mais possível.

Talvez para me esquivar, talvez para dissecar o fenómeno, ou talvez simplesmente para o compreender.

Talvez também para fugir a uma oposição que se generalizava no país.

Mas senti realmente, por diversas vezes, que o Senhor me “apanhara”.

E quanto mais avançava, mais, considerando o meu passado, eu via que o Senhor me prendera desde há muito.

Lentamente, compreendi a frase de S. Paulo: “Ele escolheu-me desde o seio de minha mãe” (Ga 1, 15).

Portanto sem nenhum mérito meu.

E quando penso na minha vida passada, no que minha mãe me contou sobre toda a minha infância, depois na minha vida no bairro, nas diferentes etapas da minha vida, francamente só posso agradecer ao Senhor, porque me seguiu, como dizemos em árabe, pelas mechas dos cabelos.

Ele segurou-me com a força dos Seus braços.

Um dos meus directores espirituais, o Padre Paul Ternant, de Jerusalém, teve aliás uma intuição. Um dia disse-me: “Elias, tenho a certeza de que o Senhor te segura pelos teus cabelos. Ele não te deixa cair.”

Deus sabe, e eu também sei, quantas vezes teria podido desaparecer, perder-me. Tenho até a impressão de que fui e ainda agora de certo modo sou para várias pessoas, mesmo altos responsáveis eclesíasticos, um obstáculo a Soufanieh.

Porque estou contra a corrente da Igreja, não só de Damasco mas de toda

a minha comunidade do Próximo Oriente. Não é um mérito meu. Tive uma espécie de intuição. O Senhor contou muito para isso, provavelmente para tudo, e pensei poder comprometer-me com essa intuição, que resumi na imagem da minha ordenação sacerdotal.

Essa imagem representava Cristo a descer da cruz, para arrancar à sua miséria o homem completamente escravizado. Uma belíssima imagem desenhada a tinta da China pelo meu antigo director de consciência do Seminário Menor, um Padre Branco, o Padre Jacques Bodet. Pedi-lha para fazer dela a minha imagem de ordenação. E acrescentei-lhe três frases que para mim resumem tudo.

Na face em que está reproduzida a imagem escrevi: “No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 1; 14). Isto significava a minha vontade de encarnação do padre árabe, no mundo árabe.

Para a outra face escolhi duas frases. Primeiro esta: «O Senhor disse: “Ninguém pode servir a dois senhores. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6, 24 – Lc 16, 13)». Portanto uma vontade de independência e de liberdade em relação ao dinheiro. Porque sei bem que se há um mal que mina e minou a Igreja, é de facto o dinheiro.

A segunda frase: «O Senhor disse a Paulo: “Não tenhas medo e fala, não te cales, Eu estou contigo” (At 18, 6)». Escolhi desde o início ser verdadeiro. Com toda a minha miséria, com todas as misérias que sobrevieram à minha vida e de que não podia adivinhar nem a extensão nem a profundidade, com tudo isso pensei: “Tenho de procurar ser um padre verdadeiro. Um padre incarnado no mundo árabe, livre em relação ao dinheiro e verdadeiro.” Isto colocou-me em oposição, por vezes directa, com a minha comunidade.

Até que ponto os acontecimentos de Soufanieh me mudaram?

Ancoraram-me nesta orientação. Mais que nunca. E tendo-me agarrado ainda mais a ela, libertaram-me, permitiram-me não dar importância a quase tudo. É evidente que tenho as minhas fraquezas pessoais. E algumas vezes protesto com Jesus por não me ter livrado delas. Como S. Paulo, todos temos um espinho na nossa carne.

Além disso Soufanieh foi para mim como um mergulho em Deus. Já como uma espécie de mergulho na eternidade.

Mas um mergulho que me levava também a ver a realidade em toda a sua

miséria e a confrontar-me com esta interrogação dolorosa e misteriosa: “Senhor, se amas tanto o homem, porque permites que tenha tanta miséria?” Uma interrogação com que se defronta qualquer homem e até mesmo um garoto.

Uma interrogação que faço sempre.

Procuro responder através da minha miséria e da minha pequenez. A oração tomou um lugar infelizmente não muito mas um pouco maior na minha vida. Talvez, de algum modo, uma oração de respiração.

No passado tinha fome de oração. Mas não respondia. Deixava-me devorar pelo trabalho. Faço questão de estar ao serviço dos jovens. E quando se está ao serviço deles tem-se o suficiente para viver dias de 48 horas!

Mas Soufanieh fez-me perceber, desde o início, a inabilidade dos nossos esforços humanos para o serviço de Deus e a necessidade de orar. A tal ponto que, no início do fenómeno, em 30 de Dezembro de 1982, disse ao meu bispo: “Monsenhor, sinto que devo deixar tudo e ir simplesmente para uma gruta e rezar. Só Deus é capaz de fazer alguma coisa”. Recordo ter-lhe dito: “Tenho a impressão de que o que nós fazemos em cem anos, o faz o Senhor em um minuto!” Respondeu: “Padre Elias, no dia em que o Senhor quiser que faça isso Ele lhe dará um sinal, mas de momento precisamos de si”.

Procurei rezar mais. Pelo menos por uma espécie de respiração, um sopro de oração que procuro viver, de noite, de dia, quando estou com os jovens, quando estou na igreja, um pouco ao jeito do peregrino russo porque, por agora, nem sempre consigo ter os tempos fortes de oração de que sinto necessidade.

Em contrapartida, como já disse Soufanieh realmente libertou-me. Porque, durante anos, o fenómeno de Soufanieh me pôs em real confronto com a Igreja e com a sociedade que, na nossa terra, apesar de um materialismo prático é muito tributária da Igreja. Diria que, na nossa construção psicológica, as pessoas são piramidais. Dependem do vértice da pirâmide social e, se quem está no vértice não der um sinal a massa mexe muito pouco.

Durante muito tempo e apesar da afluência das pessoas, em Soufanieh esbarramos com uma espécie de recusa, na qual sentíamos a hostilidade. Não era raro que eu tivesse a sensação de conflito com toda a cidade de

Damasco. Porque o número de pessoas que vinham a Soufanieh, em relação aos cristãos e aos cidadãos, era muito pequeno, quase nada. Houve longos momentos em que senti uma hostilidade ambiente, e era penoso. Fizeram-me mesmo acusações muito ofensivas, que um dos patriarcas me atirou à cara, embora de forma camuflada.

A tal ponto que, quando em 21 de Fevereiro de 1983 fui intimado a não voltar a Soufanieh recebi a ordem com um sentimento de alívio. Fiquei dez meses afastado de Soufanieh, respirando um pouco e pensando: “Enfim! Que me deixem em paz!”

Mas finalmente quando me dei conta de que alguns padres aproveitaram a minha ausência de Soufanieh para pretender que até eu já tinha descoberto que era uma fraude, decidi: “Eu volto; mais vale obedecer a Deus que aos homens. Se o meu bispo me perguntar porque voltei, saberei responder-lhe o que devo.” No primeiro de Maio de 1991, dia da minha partida para França a fim de publicar uma edição em francês, fui entregar-lhe o meu livro publicado em árabe, com o relato dos acontecimentos.

Quando lho entreguei disse-me: “Esperava-te”. Portanto ele sabia, embora desde 1984 não me tivesse feito nenhuma pergunta sobre Soufanieh. E continuo a ir a Soufanieh, como se de nada se tratasse.

A unidade da Igreja

As mensagens de Soufanieh suscitaram uma outra mudança muito profunda. A partir delas a população tomou consciência de que não temos o direito de continuar divididos.

Não temos esse direito.

O pecado da divisão deve acabar.

Tornou-se aliás corrente ouvir as pessoas dizerem que já estão saturadas. A que propósito estamos divididos e nos mantemos divididos? Há algo de verdadeiramente teológico ou é só história antiga?

Infelizmente, no clero parece que alguns ainda querem agarrar-se ao que crêem ser privilégios. Apesar de algumas exceções e tanto quanto posso julgar, tanto quanto posso constatar entre os meus numerosos conhecimentos em Damasco e noutras regiões, no seu conjunto os leigos ultrapassaram largamente o clero numa comunhão com o Cristo uno. Muito largamente.

Agora o nosso desejo, aquilo para que trabalhamos, é precisamente esse mínimo pedido por Jesus e Maria, a unificação da Festa da Páscoa.

Para nós, a unificação da Festa da Páscoa é muito simbólica.

Sem Páscoa o cristianismo não existiria.

S. Paulo disse-o (cf 1Co 15, 17).

Como admitir então que a Páscoa, ponto de partida de todo o cristianismo, seja agora o símbolo da divisão dos cristãos?

E isto num mundo em que a maioria é não cristã.

Como podemos admiti-lo?

Tanto mais que sabemos que na base desta diferença de datas, não está nenhuma questão de teologia.

Está uma questão de calendário.

Mas, nesta questão de calendário há toda uma história antiga de conflitos entre Oriente e Ocidente, de privilégios a manter, de prestígio a salvar, etc.

Não temos o direito de o fazer.

Há alguns anos, no decurso de uma homilia, lancei a ideia da necessidade

da unificação da festa da Páscoa. Três jovens raparigas vieram procurar-me depois da missa para me dizer: “Padre, não queremos ficar só nas palavras. Queremos algo concreto”. E não eram da minha comunidade mas ortodoxas: greco-ortodoxas e sírio-ortodoxas.

Redigi com elas algumas linhas que resumiam o nosso desejo de unificação da festa da Páscoa, e que propunham que os católicos adoptassem o calendário ortodoxo. Era preciso depois recolher o maior número possível de assinaturas.

Mas, antes de tomar qualquer atitude, quis mostrar o texto ao meu bispo. Quando o fiz, expondo-lhe o entusiasmo popular que este desejo de unidade da Festa suscitava, o bispo teve esta resposta triste, que diz muito sobre a mentalidade de uma certa hierarquia e de uma certa parte do clero: “Não nos inclinaremos perante eles”.

Quer dizer, nós católicos não nos inclinaremos diante dos ortodoxos.

Olhei-o nos olhos e retorqui:

“Mas monsenhor,
quando o Senhor desceu à terra
não Se inclinou para o homem?”

Não respondeu.

Depois disse-me: “está bem”.

E então imprimimos esse pequeno texto e pedimos que assinasse quem o aceitasse. Em duas semanas arranjamos dez mil assinaturas. Mas o processo parou porque uma certa parte da hierarquia o bloqueou.

Agora temos a impressão, mesmo quase a evidência, de que a hierarquia já não pode bloquear.

Há pouco tempo soube que, no Líbano, houve uma primeira decisão para chegar à unificação da Páscoa. No Egipto e na Jordânia foi unificada: os católicos celebram a Páscoa no mesmo dia que os ortodoxos, que são a maioria.

Se o meu irmão não quer vir ter comigo, eu vou ao encontro dele.

E se eu perder o meu orgulho,
sou eu que ganho.

E acima de tudo ganho o amor do meu irmão.

Pelo menos damos aos muçulmanos um testemunho de unidade.

Pelo menos isso.

Não é a unidade toda mas é um sinal e é uma conquista.

Na Jordânia e no Egípto, os cristãos conseguiram-na desde há vinte e dois anos. Porque não a realizar na Síria, no Líbano e no Iraque? Porquê? Nós esperamos que aconteça em breve. Ainda há alguns obstáculos mas temos esperança que serão ultrapassados.

Assim, graças a Soufanieh, houve na população esta grande mudança que é o actual desejo de unidade.

Desejo de unidade que se concretiza já na procura, diria quase reclamação, da unificação da festa da Páscoa.

Mas para além desse desejo de unificação da festa da Páscoa, há uma vontade de unidade da Igreja.

Acabemos com a divisão.

Uma Igreja dividida não pode testemunhar.

Só que, humanamente, ninguém vê como sair destas divisões. Assim houve encontros entre Sua Santidade o Papa João Paulo II e o Patriarca Zakka, Patriarca dos sírio-ortodoxos. Em 1984, eles afirmaram num comunicado oficial que a teologia das duas Igrejas era una. Portanto, se não há cisma, se não há heresia, se é a mesma teologia, o que esperamos para unificar? Como se fará a unificação? Pela dissolução da pequena Igreja e sua absorção pela grande Igreja? Pelo respeito dessa mesma Igreja, mas com relações mais estreitas com a Santa Sé? E como vão também fazer as outras Igrejas? Abstraindo das Igrejas ortodoxas, os católicos, os greco-católicos, os sírio-católicos, os maronitas, os arménio-católicos, os caldeus, vão pensar em dissolver-se como tais para se fundir numa Igreja que agruparia todas as Igrejas do Próximo Oriente?

Como se fará a unidade?

Ninguém consegue vê-lo!

É por isso que, em Soufanieh, o Senhor promete reconstruir Ele próprio a Igreja.

Ele vê.

Ele sabe.

Procuremos simplesmente fazer o que Ele nos pede: rezar, servir em humildade.

E procurar verdadeiramente estar com Ele, como Ele nos quer.

Não como nos imaginamos, não como a história nos moldou.

Mas como Ele nos quer.

E por nós, então, Ele construirá a Sua Igreja una.

Uma Igreja que viverá de amor,
que poderá trabalhar pela paz
e que até será, como Ele diz nas mensagens, *o Seu Reino e a Sua paz*.
É isso a Sua Igreja.

A Igreja é o Reino dos Céus sobre a terra.

Ela será o Seu Reino e a Sua paz.

E então Ele,

por esta Igreja que será o seu Reino e a Sua paz,

Ele realizará a Sua unicidade,

que nós não compreendemos.

O importante é que primeiro realize cada um a sua própria unidade com o Senhor, sendo o mais dócil possível à Sua graça.

E, para além desta unidade da Igreja que representa o Reino e a paz e o amor do Senhor, a Igreja poderá trabalhar na realização desta fraternidade universal em Jesus Cristo, que a Virgem nos recordou:

Vós sois todos irmãos em Cristo.

Terá a Igreja, como no tempo de Santo Agostinho, a coragem de se desembaraçar de tudo o que a impede de ser totalmente ela própria, autenticamente ela mesma, e de ir ao encontro dos seus filhos ainda não cristãos?

Nesse momento o Senhor faria nela milagres extraordinários.

Ou seria criando condições de amizade, de oração, que preparariam o terreno para a aproximação dos não cristãos ao cristianismo? Eu não sei.

O facto é que o Senhor nos promete uma unidade que realizará pela Sua mão, por Sua iniciativa, *a Sua paz e o Seu Reino*, e portanto a fraternidade universal.

Os cristãos da Síria

Na Síria os cristãos são cidadãos de parte inteira. Porque são do país. Nós cristãos, somos originários do país. Nós somos árabes na Síria muito antes da chegada do Islão em 636. Antes do Islão o cristianismo expandia-se por toda a Síria que, lembrai os Actos dos Apóstolos, foi um dos berços do cristianismo. Antioquia era uma das cidades mais esplendorosas do cristianismo apostólico.

Ora, nessa época, havia já na Síria entre a população autóctone, tribos realmente árabes, os Gassanitas, os Manadira, os Tagaliba e outros. E, por reacção contra os bizantinos que os oprimiam, que lhes impunham taxas insuportáveis, e que os perseguiram por causa de diferentes teologias, estas tribos árabes cristãs acolheram os muçulmanos como irmãos.

Entretanto o cristianismo continuou maioritariamente presente na Síria, até aos Séculos XIV e XV. Infelizmente sobre a terrível pressão do regime turco, lentamente, imensas massas do cristianismo da Síria esboroaram-se e passaram ao Islão.

Actualmente, na Síria que conta cerca de 13 milhões de habitantes, os cristãos são 12 a 15 %, repartidos no mínimo por onze comunidades católicas e ortodoxas, com uma maioria de ortodoxas, mais as comunidades protestantes, mais, infelizmente, muitas seitas de que uma das mais activas é a das testemunhas de Jeová que se encontra um pouco por todo o lado. Todos estes cristãos da Síria sabem que são árabes. Árabes e Sírios a 100%. Mas há o complexo de minoria. Sob o regime turco este complexo marcou muito, o que provocou em certos pensadores cristãos do Líbano e da Síria uma reflexão real e profunda para procurar encontrar uma saída. Assim nasceu a ideia do nacionalismo árabe. O nacionalismo árabe é produto dos pensadores cristãos da Síria e Líbano, que procuravam não continuar em minoria.

Graças a isso na Síria os cristãos estão presentes em todo o lado. Podem ocupar todos os cargos, excepto o de Presidente da República. E se compararmos a sua presença real com o seu número, concluímos que esta presença ultrapassa de longe o número.

Portanto não há problemas para os cristãos frente aos muçulmanos.

Simplemente nós estamos hipotecados por uma história muito antiga. E também pelas relações entre Oriente e Ocidente.

Com efeito, desde o fim do século III as relações entre o Oriente e o Ocidente cristãos tinham tomado uma dimensão de relação entre potências. Os dois pólos, Roma e Constantinopla, faziam-se mutuamente concorrência. E, no Oriente, Constantinopla procurou dominar totalmente o império do Oriente, esmagando com os impostos e a dominação eclesiástica povos inteiros que, para rejeitar o seu jugo, acabariam por criar Igrejas à parte, a coberto da teologia.

Foram precisos séculos para se descobrir que os conflitos teológicos escondiam simplesmente um conflito de ordem étnica e política. Mas os resultados aí estão, as Igrejas separadas, procurando sobreviver.

As relações entre Oriente e Ocidente cristãos estavam portanto já alteradas muito antes da chegada do Islão. Maomé morreu em 632. Em 636 os exércitos muçulmanos estavam na Síria e um pouco por todo o Próximo Oriente. E, em parte por causa das dissensões entre cristãos, o Islão, que constituía uma ameaça de ordem religiosa mas também de ordem política, social e cultural, expandiu-se muito rapidamente em todo o Próximo Oriente e transbordou sobre o Ocidente.

Mais tarde, as cruzadas, sentidas como uma vontade de expansão do Ocidente, alteraram ainda mais as relações entre Oriente e Ocidente e provocaram um traumatismo de ordem histórica cujas sequelas ainda não desapareceram.

A chegada do império turco, que se instalou em Constantinopla em 1453 fazendo pesar também a sua ameaça sobre o Ocidente, consumou a separação entre a Igreja do Oriente e a Igreja do Ocidente, separação que se acelerava e aprofundava desde há séculos.

Os cristãos do Oriente, vendo-se completamente separados dos do Ocidente, dobraram-se sobre si próprios. Infelizmente a sua história, tão marcada por suspeição e hostilidades, não os tinha preparado para se unirem entre si e cada Igreja procurou unicamente conservar-se e sobreviver.

Isso até à chegada de missionários latinos à Síria, ao Líbano e ao conjunto do Próximo Oriente. Estes missionários criaram um núcleo cristão que, na época, poderia parecer que constituía um núcleo de unidade com Roma, uma ponte entre Roma e a ortodoxia oriental. Mas isso fez-se por uma

espécie de mastigação no interior das Igrejas ortodoxas locais. E, por fim levou à criação de diferentes Igrejas orientais ligadas a Roma, o que acabou de dividir esta Igreja oriental ortodoxa por si mesma já tão dividida.

Destas comunidades greco-ortodoxas, sírio-ortodoxas, etc., destacaram-se comunidades greco-católicas, sírio-católicas, arménio-católicas... Ainda hoje sentimos as repercussões. E ainda hoje, apesar de uma linguagem ecuménica que pode ser muito sincera, a maior parte dos ortodoxos do Próximo Oriente escondem um medo real a tudo o que é católico: “Os católicos, no passado, arrancaram-nos uma parte dos nossos filhos. O que estarão a tramar agora?...”

É por isso que, mesmo agora, no interior da Igreja Oriental, as relações entre católicos e ortodoxos estão deformadas à partida. Por mais que se dêem provas de amor, de abnegação, de verdadeira vontade de unidade, há sempre, no fundo, uma dúvida que corrói essas relações.

Enfim, houve a colonização. O Ocidente poderoso colonizou pela força o Oriente. Depois, antes de o deixar, dividiu-o em pequenos estados mais ou menos artificiais, criando assim focos de ulteriores conflitos. Isso concretizou-se no conflito israelo-árabe, na Palestina, que hoje domina toda a cena do Próximo Oriente. Depois, ultimamente, no conflito do Golfo, revelador da vontade do Ocidente de partilhar o Oriente, de o enfraquecer e de o dominar, para aproveitar os seus recursos e o impedir de se constituir em potência autónoma.

Portanto, as relações entre Oriente e Ocidente foram dominadas por uma dialéctica de força, de poder, que nada tinha de cristão. Quando o poderoso impõe ao fraco os seus desejos e as suas vontades e até lhe limita e existência, oculta completamente a perspectiva cristã. Porque considerar-se em termos de poder, é afastar-se do único poder que existe, Deus. Nestas circunstâncias, que imagem podem os cristãos do Ocidente dar ao Oriente que é de maioria muçulmana?

Os cristãos do Oriente, sobretudo os católicos, vistos como conotados com Roma e portanto com o Ocidente, encontram-se mais ou menos como fora do contexto. São cristãos embora sejam árabes e portanto sintam e vivam esta injustiça do Ocidente em relação ao Oriente. Como se pode pretender que abstraiam deste contexto histórico e político? É impossível.

Por outro lado, apanhados neste imenso conflito entre Oriente e Ocidente, os cristãos do Oriente foram os grandes esquecidos. E, sentindo-se de tal modo reduzidos aos seus próprios recursos que cada vez se esboroavam mais, também eles se esqueceram que estavam lá para os outros, quer dizer para os muçulmanos, e não para si mesmos.

Quando Jesus disse: “Ide e ensinai todas as nações” (Mt 28, 19), Ele encarregou todo o cristão de ser fermento onde estiver. Se os cristãos do Oriente sobreviveram até hoje, não foi graças à força, nem graças ao Ocidente, mas seguramente graças a uma vontade divina de os manter para, talvez um dia, através deles ressuscitar a Sua presença em terras do Oriente.

Ora, eles sentiram-se tão pequenos, tão fracos, que esqueceram que é Deus a sua única força. Procuraram um apoio nos outros, em particular com a vinda dos missionários latinos que lhes ofereciam a possibilidade de melhor nível de cultura e de formação e também um certo poder material, e um eventual apoio nas potências ocidentais. Na verdade isso ajudou-os, mas também os fez demarcar da sociedade muçulmana árabe.

É sobretudo verdade para os católicos uniatas que, para mais, esqueceram os irmãos cristãos que continuaram fiéis à sua ortodoxia. Isto criou um desequilíbrio no interior das Igrejas orientais, com os uniatas olhando por vezes com altivez os ortodoxos, esquecendo que estes cristãos são nossos irmãos e que, juntos, nós somos o fermento na massa imensa do Islão, no meio da qual temos de irradiar a presença de Jesus.

Em vez de procurar criar pontes de unidade com as Igrejas ortodoxas, criamos um fosso que foi crescendo. Queríamos agora tapar esse fosso. Mas o que foi dilacerado durante séculos dificilmente será restaurado em alguns anos. As feridas humanas são de cicatrização muito difícil.

Além disso o clima de violência e de angústia que varre o mundo árabe, tem consequências muito nefastas sobre os cristãos, hoje muito reduzidos em número e esperança.

Porque infelizmente, aos olhos dos muçulmanos o Ocidente é cristão. Os muçulmanos não sabem até que ponto o Ocidente está descristianizado. E até que ponto ele constitui um núcleo de descristianização do mundo com a exportação da dita civilização que produziu.

Como padre árabe, se não vir Soufanieh com este olhar global não posso

compreender Soufanieh. Não tento exagerar o seu papel. Não. Eu vejo Soufanieh como uma espécie de pequeno sol que começa a crescer num universo onde se estabeleceram muitas trevas. Soufanieh vem trazer-nos esta luz para nos ajudar a voltarmos a ver-nos na perspectiva de Deus, e não na do mundo, nunca na do mundo. E se, por infelicidade, continuarmos a obstinar-nos em ver tudo segundo a perspectiva do mundo acabaremos, mais cedo ou mais tarde, por perder o mundo e Deus, que aliás já quase perdemos.

No coração do mundo árabe

O facto deste fenómeno se produzir no mundo árabe e num meio de maioria muçulmana, é forte motivo de reflexão.

Produzindo-se num momento em que o mundo árabe é objecto de desdém por parte das grandes potências, tratado injustamente, maltratado da pior maneira por essas grandes potências – e digo isto com toda a honestidade de consciência;

Produzindo-se num momento em que os cristãos, minoritários e divididos entre si, se sentem reduzidos à sua expressão mais simples; num momento em que, não vendo futuro para eles no mundo árabe, muitos são tentados pela emigração e efectivamente a praticam em larga escala;

Que num tal momento o Senhor queira dar-nos um sinal, eu acho que é extraordinário da Sua parte.

Isto recorda-me o presente que um dia um amigo me ofereceu, um dos mais belos que recebi em toda a minha vida.

Este amigo, que tinha quase toda a família nos Estados Unidos, estava muito tentado a partir também. Ele tem dois filhos jovens. Perante o fenómeno de Soufanieh, reflectiu e rezou. Decidiu continuar na Síria. Quando mo anunciou, disse-lhe: “É um dos mais belos presentes que recebi em toda a minha vida.”

Ele justifica assim a sua decisão: “Não tenho o direito de deixar Damasco no momento em que o Senhor veio aqui instalar-Se”.

Achei a reacção dele extraordinária.

E muito rica, muito prometedora.

Eis um homem que realmente compreendeu que, pelos acontecimentos de Soufanieh, o Senhor nos diz:

«Meus filhos, Eu estou aqui.

Eu estou aqui.

Ficai comigo.

Eu estou convosco.

Não é o momento de partir.

Há dois mil anos, Eu disse aos Meus filhos: “Ide anunciar”, agora também vos digo: “Anunciai!”!»

E se, tanto quanto podemos julgar, o Senhor manteve, contra ventos e

marés, a presença de uma minoria cristã no mundo árabe, foi certamente para uma missão.

A missão foi-nos confiada por Ele há dois mil anos.

Infelizmente não a cumprimos.

Agora é bem evidente que o Senhor nos diz:

“Meus filhos, começai a vossa missão.”

Mas antes de começar a cumprir a missão do anúncio aos outros, é preciso que anunciemos a nós mesmos. E aí descobrimos que os cristãos do Próximo Oriente sofrem de uma grande pobreza. Não de uma pobreza espiritual porque, interiormente, são naturalmente muito ricos. Imensamente ricos.

Mas na sua formação religiosa e humana, são muito pobres. Muito, muito pobres. São presa de toda uma história passada, muito pesada de consequências, que se pagam agora; e presa também de um conjunto de condicionamentos, social, intelectual, político, científico, e de uma invasão das ideias e formas de vida exportadas pelo Ocidente que fazem que hoje a juventude, que é o futuro da Igreja, pareça estar a perder completamente o pé, no plano cristão.

Só conseguimos ter influência sobre uma pequena minoria.

Tanto mais que a Igreja no Próximo Oriente está, para quem sabe ver, em estado de desmoronamento, de perda. Não apenas no interior onde a juventude, no seu conjunto, nos escapa entre os dedos, mas também no exterior porque muitas pessoas deixam o país e vão-se embora.

Também isto é sofrimento.

Infelizmente o Ocidente não se dá conta deste facto muito grave, ou então faz por ignorá-lo. O desaparecimento dos cristãos do Próximo Oriente, sobretudo da Palestina, é um facto. Fala-se nisso de tempos a tempos, mas não o suficiente. Finge-se não medir a amplitude da partida dos cristãos, sobretudo da Palestina, sob a opressão de Israel. Uma opressão que toma mil faces, mil aparências, que se faz à vista e com o conhecimento do mundo inteiro, sem que ninguém diga nada. Até a Igreja é demasiado silenciosa perante tais injustiças.

Nesta situação os palestinianos emigram, e os cristãos bastante mais que os muçulmanos. Compreende-se porquê. Os muçulmanos palestinianos sentem-se incluídos na maioria muçulmana que vive em todo o Próximo Oriente. É normal que, apesar de tudo, se sintam fortes. Têm uma população

bastante densa na Palestina e uma esmagadora maioria em todo o Próximo Oriente.

Os cristãos, que infelizmente não contaram o suficiente com o Senhor, que como já disse contaram demasiado com elementos puramente humanos, acabaram por perceber que, humanamente falando, não podiam aguentar-se. E muitos partem, apesar de serem muito apegados à sua terra. É que há limites para a resistência do homem. Há limites para a paciência. Há limites para tudo. Muitos partem contrariados, mas partem.

E os cristãos diminuem a olhos vistos na Palestina.

Há alguns meses encontrei o Patriarca, Mons. Michel Sabbah. Disse-me: “É evidente que os nossos efectivos diminuem, mas nós não perdemos a esperança”. É um homem muito corajoso. É quase o único que tem a coragem de elevar a voz e falar publicamente. Nestas circunstâncias compreende-se que, para um cristão árabe, o futuro é sempre encarado com grande sentimento de inquietude ou até mesmo de opressão. E explica-se que, neste contexto político e social muito complexo, muito duro, muito inquietante, alguns, para não dizer um bom número, tenham decidido partir. Infelizmente muitos já partiram.

Ora, o Senhor em Soufanieh diz-nos:

“Meus filhos, Eu estou Aqui.

Fiquem Comigo”.

Um convite a que nos voltemos para o futuro

A Igreja a que o Senhor se dirige, especialmente a Igreja do Próximo Oriente, a partir da Igreja de Damasco, é uma Igreja que o Senhor quer voltada para o futuro.

Em todas as mensagens Jesus fala do futuro.

É claro que Ele também faz alusão a situações passadas e presentes que Lhe desagradam. Por exemplo quando diz:

Rezai pelos pecadores que perdoam em Meu nome e por aqueles que renegam a Minha Mãe.

Ou então:

Diz aos Meus filhos que é deles que Eu espero a unidade e que não a quero dos que os enganam simulando trabalhar para a unidade.

Ou ainda:

Em quem se volta para Mim, Eu imprimirei a Minha imagem e ai daquele que representa a Minha imagem tendo vendido o Meu sangue.

Estas três frases dizem muito sobre a pena que, não a Igreja mas os homens da Igreja, responsáveis ou fiéis, podem ter causado ao Senhor, tanto no passado como no presente.

Mas, à parte isso, o Senhor não pára de nos convidar a olhar o futuro, a ver o que Ele conta fazer.

Não o que nós podemos fazer, mas o que Ele conta fazer.

E os verbos que Ele emprega, usa-os no futuro. Portanto convida-nos a olhar para o futuro, enquanto as Igrejas do Próximo Oriente, infelizmente, são Igrejas marcadas pelo seu passado.

Solicitadas hoje de mil e uma maneiras para que olhem o futuro, continuam no entanto a agarrar-se ao passado, crendo que largar o passado é perder o presente e o futuro. São Igrejas petrificadas pelo medo.

Um medo que encontra explicações, mas nenhuma justificação, no passado. E com mais razão no presente e no futuro.

É certo que a Igreja vem do passado. Mas não é para o passado. Aliás

Jesus não é o Deus que, vindo do passado, ficou no passado. Jesus é o Deus que vem. O Deus que tem o passado, o presente e o futuro na Sua mão. E o Deus que vem sempre. A Igreja nasceu do Seu lado, sobre a cruz. Mas querer ficar aí e não passar à etapa da Ressurreição e do Pentecostes. Simbolicamente e teologicamente, do golpe da lança, do lado de Jesus, jorrou a Igreja. É verdade.

O extremo do amor que o Senhor nos podia dar foi morrer na Cruz. Não tinha mais nada para nos dar. E na Sua própria morte foi fundada a Igreja. Mas apegar-se a esta perspectiva, sem querer atravessar a morte, é condenar-se a ficar paralisado, sem desembocar na ressurreição e no Pentecostes. Mais cedo ou mais tarde uma tal igreja está condenada.

O Senhor veio para ajudar a Sua Igreja a salvar-se e por ela salvar os homens.

As Igrejas, agarrando-se ao passado, correm o risco de ficar concentradas sobre si próprias e fechadas aos outros. Encerradas sobre elas mesmas: eu sou sírio, eu sou bizantino, eu sou arménio, eu sou maronita. E fecho-me na estrutura da minha Igreja. Agarro-me aos seus hábitos, às suas vestes, às suas liturgias, à sua arquitectura. Até mesmo à língua e aos cânticos. Mesmo que as pessoas nada compreendam da celebração da Santa Missa. Apego-me a tudo isso, criando a ilusão de que assim continuo amarrado ao Senhor.

É certo que é meu dever guardar o que o Senhor me deu através da história. É meu dever respeitar a tradição. Mas fazer como os judeus fizeram com a lei e o shabbat, pô-los em pé de igualdade com Deus e ir mesmo além disso dizendo como certos fariseus que Deus conhece a Lei, é pôr Deus abaixo da Lei. E é uma inconsequência absolutamente desastrosa para a Igreja.

Ninguém o faz conscientemente. Mas fazemo-lo, num inconsciente tanto pessoal como colectivo. O que se volta contra a Igreja e contra o povo no meio do qual o Senhor nos colocou. A Igreja não pode ficar encerrada em si mesma nem fechada aos outros. Ela deve abrir-se. Deve a todo o preço abrir-se, sob pena de morrer.

Uma construção futura, de que se ocupa o Senhor

É muito belo que Jesus empregue, em certas frases das Suas mensagens, a fórmula do futuro, quer confiando aos cristãos uma missão futura, quer ocupando-se Ele mesmo da missão que pede aos cristãos que cumpram.

O Senhor disse por várias vezes, quer directamente, quer por intermédio da Virgem:

Vós ensinareis às gerações...

Vós ensinareis: é o futuro.

Às gerações: não é só daqui a alguns anos.

Às gerações: portanto há um longo futuro.

É um trabalho de fôlego.

E quando o Senhor diz:

Como é belo este lugar.

Construirei nele o Meu Reino e a Minha Paz.

Como é belo este lugar: a casa de Myrna e Nicolas nada tem de belo. E nós, os indivíduos que lá estamos, nada temos de belo.

Mas o Senhor vê na perspectiva da Sua ciência divina.

Este pequeno resto que Ele vê, este pequeno germe, para Ele é muito belo.

Porque será o ponto de partida de uma construção de que Ele próprio se encarrega: *Eu construirei nele...*

“Portanto, qualquer que seja a estima ou menosprezo que tendes por vós mesmos, sou Eu que vou ocupar-Me disso.”

O Senhor parece verdadeiramente empenhado:

O Meu Reino e a Minha Paz.

O Reino de Deus é um reino de Justiça, um reino de Amor.

Onde está a justiça?

Onde está o amor?

E a paz?

O Meu Reino e a Minha Paz.

Onde está a paz?

Cada vez mais longe do Próximo Oriente.

Mais do que nunca.

Por nossa culpa,

por culpa das potências ocidentais,
pela presença de Israel.

A paz, mais do que nunca está longe do Próximo Oriente.

E no entanto é o país a que o Senhor veio e onde anunciou a Sua Paz.

Jesus habitou fisicamente a terra do Próximo Oriente.

Seja-me permitido colocar em paralelo esta nova presença do Senhor que Soufanieh representa.

Porque, perante a tenacidade do Senhor em proclamar:

Como é belo este lugar.

Construirei nele o Meu Reino e a Minha Paz,

e quando se ouve a Virgem dizer-nos:

*Jesus disse a Pedro: “Tu és a pedra e sobre ela edificarei a Minha Igreja”,
e agora Eu digo-vos: “Vós sois o coração no qual Jesus construirá a Sua
unicidade”,*

quando ouço Jesus e Maria falarem assim,

penso que, abstraindo deste pequeno grupo de orantes em Soufanieh ou
algures a partir de Soufanieh,

há certamente aqui a expressão da vontade divina de construir algo de
forte, de durável;

a expressão da vontade divina de não recuar diante dos fenómenos humanos
que tendem a fazer desaparecer a presença cristã no Próximo Oriente.

O Senhor está com o Seu Reino e com a Sua Paz,

e Ele agora vem confirmá-lo.

É claro que o Senhor pode agir só.

Pode fazer tudo só.

Mas a lógica da Encarnação quer que o Senhor conte com os instrumentos
humanos.

Instrumentos que tenham a coragem, a brandura, a inteligência e a
humildade necessárias.

O Senhor conta connosco.

Conta com a comunidade de Soufanieh e com as múltiplas comunidades
que irradiaram a partir de Soufanieh.

É na verdade preciso que o mundo inteiro reze por nós,

reze pelos cristãos do Próximo Oriente, para que nós sejamos de facto esta
pedra sobre a qual o Senhor parece querer, de novo, construir o Seu Reino
e a Sua Paz.

Para que nós sejamos pela nossa brandura, pelo nosso acolhimento, humildade, amor, tenacidade, pela nossa abertura aos irmãos muçulmanos, instrumentos dóceis e eficazes do Senhor.

Para O ajudar a construir um Reino de Paz para todos.

Para todos sem excepção.

E volto a uma promessa feita pelo Senhor a Myrna:

A Minha Paz no teu coração será uma bênção para ti e para todos os que colaboraram contigo.

É uma promessa para o futuro.

No imediato, Jesus parece nada prometer.

No imediato há só que rezar.

Rezar e jejuar.

Mas, mais tarde,

a Minha Paz no teu coração será uma bênção para ti e para todos os que colaboraram contigo.

Esta promessa do Senhor não pode deixar-nos indiferentes.

Ela deve ser para nós a luz que nos ajudará a fazer face a todas as dificuldades possíveis e imagináveis,

a todas as que vemos e às que não conhecemos e nos podem atingir.

O importante é que Ele, o Senhor, esteja contente.

De resto Ele di-lo, pela boca da Virgem:

Diz aos Meus filhos que multipliquem a oração, porque têm necessidade dela para dar prazer a Deus Pai.

Rezai por nós, para que sejamos instrumentos dóceis para podermos fazer alguma coisa.

Para anunciar é necessário que haja pessoas presentes.

É preciso que os cristãos estejam lá,

que os cristãos árabes estejam lá.

Que eles sejam numerosos,

convictos,

que tenham amor, abertura, docilidade e humildade,

para poderem, pela sua vida, anunciar Cristo.

Não necessariamente pela missão tal com era encarada no passado, com o envio de missionários.

Mas pela nossa vida.

Se for convincente podemos preparar o terreno da evangelização.

Depois, o resto o Senhor nos dirá,
e Ele se encarregará de nos abrir caminhos para novas fórmulas de missão
que nos permitirão torná-Lo mais próximo dos nossos irmãos muçulmanos,
mostrá-Lo mais amável,
e talvez ajudá-los a conhecê-Lo.
Efectivamente é um trabalho de fôlego, um trabalho a longo termo.

Todos irmãos em Cristo

A Virgem pediu que rezássemos pela paz.
É evidente que quem ama não pode deixar de rezar pela paz.
Mas, por duas vezes, a Virgem insistiu.

A primeira vez que o fez, muito explicitamente, foi a 26 de Novembro de 1989.

Depois de dizer:

Meus filhos, Jesus disse a Pedro: “Tu és a pedra e sobre ela construirei a Minha Igreja”,

e Eu digo-vos agora: “Vós sois o coração no qual Jesus construirá a Sua unicidade”,

a Virgem acrescentou:

Desejo que consagreis as vossas orações pela paz, desde agora e até à comemoração da Ressurreição.

Era a primeira vez que a Virgem pedia expressamente:

“Quero que consagreis as vossas orações”,

como se dissesse: deixai tudo o resto e rezai pela paz.

Era a primeira vez que Ela pedia isto explicitamente e ficamos a pensar porquê.

Mas pouco tempo depois vimos a guerra no Líbano degenerar em guerra fratricida dos maronitas entre si, como nunca se tinha visto.

Nunca.

Nem no Líbano, nem algures.

Numa segunda vez a Virgem reclamou a oração pela paz, na igreja do Sagrado Coração, em Braaschaat na Bélgica, durante um êxtase que Myrna teve a 15 de Agosto de 1990.

A Virgem disse unicamente esta frase:

Meus filhos, rezai pela paz, e sobretudo no Oriente, porque vós sois todos irmãos em Cristo.

Todos irmãos em Cristo.

Como para dizer aos belgas e aos ocidentais:

“Vós sois irmãos dos vossos irmãos ‘árabes’”.

Myrna estava lá: é uma árabe. Nicolas estava lá, é um árabe. O Padre Paul Fadel é um árabe e estava lá.

Sois todos irmãos em Cristo.

Será que todos os homens são irmãos em Cristo?

Sim, todos os homens são irmãos em Cristo.

S. Paulo disse-o.

Mesmo antes de ser baptizados, somos irmãos porque resgatados pelo sangue de Senhor. Somos, em potência, irmãos de Jesus. Um muçulmano é para mim um irmão em Cristo embora seja muçulmano, porque é chamado, duma ou doutra maneira, a ser resgatado pelo Sangue do Senhor e a entrar na fraternidade e na filiação divina que Jesus nos conquistou.

Assim, compreendamos ou não, queiramos ou não, a Virgem diz-nos:

Vós sois todos irmãos em Cristo.

Portanto parai de vos matar.

Deixai de guerrear,

parai com as injustiças.

Como pode fazer-se a paz se rezo mas ajo contrariamente à paz?

Em consequência, devo orar mas devo também agir para que a paz seja instaurada.

Se estou em conflito com alguém e rezo pela paz devo começar por me reconciliar com essa pessoa.

Se cometi uma injustiça com alguém, é preciso que a corrija.

Para estar em paz com ele,

depois comigo mesmo,

e portanto com o Senhor.

Se a Virgem convida o mundo inteiro a rezar pela paz, e sobretudo no Oriente, é porque há algum sinal de alarme.

E nós sabemos que há.

Nós sabemos que o mundo é injusto.

Nós sabemos que a lógica da força do mundo é uma lógica de violência e não uma lógica de amor.

A lógica de violência não é uma lógica de Deus.

Ora o que agora prevalece é a lógica da violência, da força.

O mais forte engole o mais fraco.

E o pior é que isso
é feito em nome da lei que é suposto regulamentar as relações entre os
homens de modo a que haja relações de igualdade, de justiça e de direito.
O pior é que agora as grandes potências brandem o direito internacional e,
em nome de instâncias internacionais que é suposto protegerem os mais
fracos, brandem o direito internacional para esmagar os pobres.

Porquê?

Em nome de quê?

E quem vai poder dizer a esses povos e a essas potências: “Parem de ir
contra Deus!”

Se a Igreja é incapaz de o fazer, quem poderá dizê-lo?

É triste que o mundo ocidental, que prega tanto a violência, e que a prega
injustamente em nome do direito, passe aos olhos dos nossos irmãos
muçulmanos por ser um mundo cristão. Há tantas coisas a rever!

Compreendo que Jesus ou a Virgem digam a Myrna:

*Diz aos Meus filhos que multipliquem a oração, porque têm necessidade
de oração para agradar a Deus Pai.*

Se não rezarmos como podemos mudar?

E se rezamos mas fazemos um Deus à nossa imagem, isso não tem nada a
ver com Jesus e permitimo-nos em seguida todas as excentricidades, todas
as injustiças em nome da justiça.

Queiramos ou não, a Virgem recorda-nos:

Meus filhos, vós sois todos irmãos em Cristo!

Difusão através do mundo

O fenómeno de Soufanieh expandiu-se.

Em Damasco assistiu-se a uma mudança real a nível da oração das pessoas, do desejo de rezarem em Soufanieh ou em suas casas. Não é raro ver famílias que se habituaram a rezar unidas diante da imagem de Nossa Senhora de Soufanieh.

Também não é raro ver famílias que arranjaram em casa um cantinho especial onde há a cruz e a imagem da Virgem, para rezarem todos juntos à noite. Isso já existia antes, mas não em tão grande número nem com esta simplicidade que floresceu a partir de Soufanieh.

Depois, a corrente de Soufanieh estendeu-se um pouco por todo o lado, mas sobretudo a Alep. A partir de Janeiro de 1988 o óleo fluiu numa primeira casa de Alep, seguida de outra, sempre do ícone de Nossa Senhora de Soufanieh, o que também lá suscitou a oração e deu origem a uma mudança real.

Sabemos que, um pouco por todo o mundo, a imagem de Nossa Senhora de Soufanieh deixou escorrer óleo. Em Beirute provocou durante algum tempo um movimento de oração que não perdurou.

Em Belém, o óleo correu durante um mês, juntando diante do ícone membros de diferentes comunidades, tanto cristãs como muçulmanas, que vinham rezar. Tivemos um testemunho escrito, assinado por dois padres, um greco-católico e o outro greco-ortodoxo, e por um advogado e seu irmão. Consideramos este testemunho como o primeiro documento de unidade da Igreja a partir de Soufanieh, por ter sido assinado por dois padres, um ortodoxo e o outro católico.

Relatava o fenómeno de exsudação de óleo da imagem de Nossa Senhora de Soufanieh em Belém, num estilo que nos lembrou o de S. Paulo e dos primeiros cristãos. Dizia que durante um mês o óleo escorreu e que as pessoas, cristãos e muçulmanos, vinham rezar. Depois a manifestação de Belém cessou.

Agora o fenómeno produz-se no Iraque. Comunicou-mo o antigo vigário

sírio-ortodoxo de Damasco, que é agora bispo de Mossoul, Mons. Isaac Saka, em 8 de Junho de 1991, quando veio a Damasco. Aceitou dar-me um testemunho em papel oficial do Patriarcado sírio-ortodoxo de Damasco, datado de 10 de Junho de 1991. Declara neste testemunho que desde os primeiros dias de Janeiro de 1991, o óleo escorre de uma imagem de Soufanieh numa casa de Mossoul.

Imaginem: a alguns dias da eclosão da guerra do Golfo, o Senhor deu este sinal!... E os Seus filhos, cristãos e muçulmanos, vêm rezar desde então e até agora, numa casa muito pobre.

E mais ainda. O bispo diz que nesta casa há um jovem de 18 anos cujo corpo exsuda óleo de vez em quando. Também apresenta estados que o bispo compara um pouco aos de Myrna. Entretanto o bispo reconhece que apesar de ter ido à casa, por duas ou três vezes, rezar com a multidão, não sabe de momento mais nada. Mas acrescenta: “Quando regressar a Mossoul tentarei obter mais informações que vos comunicarei, para enriquecer o vosso dossier”.

O que prepara o Senhor no Iraque?

Só é certo que Ele abriu uma fonte de óleo que provocou uma resposta de oração.

E isso é o essencial.

O que conta é o teu coração

Em 26 de Novembro de 1987, depois de ter dito a Myrna:

Vai e anuncia ao mundo inteiro e diz sem medo que trabalhem pela unidade,
Jesus acrescentou:

Não se censura ao homem o fruto das suas mãos, mas o fruto do seu coração.

Considero esta frase extraordinária.

E no entanto ela é de uma simplicidade e de uma transparência espantosas. Nós temos demasiada tendência para julgar os outros, e nós próprios, em função da produção material. Tem dinheiro? Declara-se que vale o que tem no bolso ou no Banco. É forte, musculado, luta contra outro homem forte? Se ganha é porque é o melhor. Tem um bom posto de trabalho? É porque tem valor! Trata-se sempre do que temos e não do que somos. E, no entanto, entre o ter e o ser há uma diferença por vezes do nada ao tudo. No mundo, sempre se julgaram os homens pelo que têm e não pelo que são. Mas infelizmente, no mundo actual tem-se a impressão de que cada vez mais esta maneira de julgar toma uma nova amplitude.

Ora, Jesus depois de dizer a Myrna:

Vai e anuncia ao mundo inteiro,
e diz sem medo que trabalhem pela unidade,
continua muito simplesmente:

Não se censura o homem pelo fruto das suas mãos.

Como quem diz:

“Não tenhas medo se não consegues nada.

Podes ser encarregado de uma grande missão,
e, humanamente falando, podes não conseguir,
mas se puseres nela o teu coração,
para Mim é o teu coração que conta.”

É o teu coração que conta.

Assim compreendemos porque o Senhor prefere começar pelos pequeninos, que nada são aos olhos do mundo, que não são nada aos seus próprios

olhos e que se consideram incapazes de tudo.

Um pouco como dizia o Padre Chevrier: “Vós não sabeis nada, não tendes nada, não valeis nada, vinde a Mim!”

Penso também no título que se atribuía à Venerável Maria de Jesus Crucificado. Uma figura extraordinária de religiosa palestina, que morreu em 1878, e cuja vida foi uma sequência de maravilhoso extraordinário. Ela, que era absolutamente analfabeta, tinha êxtases durante os quais dizia poemas em língua francesa que não conhecia. E num francês muito puro, o que se diria uma linguagem de grandes poetas. Mas vivia num desprendimento total. Chamavam-lhe o pequeno nada, ou a pequena árabe.

É sempre o nada que conta para o Senhor, se esse nada se aceita como um nada em face do Tudo que é Deus.

Parece ser o que Jesus quer dizer a Myrna:

“Não temas se aparentemente não atingires nada.

É o teu coração que conta.”

É uma consolação imensa para o crente!

Quantas pessoas labutaram uma vida inteira e, ao fim de dezenas de anos de trabalho, viram a sua obra desmoronar-se!

Foi o caso do Padre Chevrier. Queria fundar uma sociedade de padres que se ocupassem dos pobres, e dos mais pobres entre os pobres, as crianças. Conseguiu, com dificuldade, agrupar à sua volta quatro padres e, pouco antes de morrer, viu os quatro evaporarem-se! Dois deixaram-no completamente, outro estava mais ou menos hesitante, o outro parecia estar a perder a convicção. Assim o Padre Chevrier viu quase toda a sua obra caída por terra e abandonou-se ao Senhor. Só após a sua morte a obra voltou a arrancar.

Isto remete-nos para a frase de Jesus que diz: “Se o grão de trigo não morrer fica só, mas se morrer dá muito fruto” (Jo 12, 24).

Espero que, através de Soufanieh, haja muitos grãos de trigo, muitos grãos árabes convencidos da Encarnação do Senhor, convencidos da sua própria encarnação no meio árabe de maioria muçulmana.

Espero que estes numerosos grãos de trigo amem suficientemente Deus e os irmãos muçulmanos, e todos os irmãos cristãos qualquer que seja a comunidade, igreja ou confissão a que pertençam. Que os amem a todos

com um tal amor que Ele possa transformá-los, a eles e aos outros, para que tenhamos no Próximo Oriente não algumas espigas mas campos de trigo a perder de vista, que verdadeiramente cantem o Senhor, que cantem a paz, a glória e o amor de Jesus.

Uma excepcional irrupção de Deus

Soufanieh é uma irrupção de Deus como nunca se tinha visto no Oriente depois da Encarnação.

Uma irrupção excepcional.

Revedo a história da Igreja, não creio que tenha havido um fenómeno semelhante em toda a história do Oriente. Não creio que tenha havido nenhum fenómeno tão sensível, tão tenaz, tão variado, tão significativo, com os estigmas, os êxtases e as mensagens, como o que nós já testemunhamos e continuamos a testemunhar em Soufanieh.

De qualquer maneira neste fim de século XX, em plena sociedade de maioria muçulmana, em plena sociedade trabalhada pelo cientismo, o ateísmo, a imoralidade, mas também pela necessidade de Deus, que o Senhor se faça tão presente, tão tenaz e sensivelmente presente, é algo de único na Igreja do Oriente!

Em Soufanieh tudo é amor.

Todas as mensagens de Soufanieh são mensagens de amor, mensagens de confiança, de esperança.

A única vez em que o Senhor parece dar-nos um aviso, para além das censuras que nos dirige, é quando nos diz:

“Eu fui crucificado por vosso amor.

*Quero que carregueis e suporteis a vossa cruz por Meu amor,
com paciência, voluntariamente,
e que espereis a Minha vinda.”*

É a única frase, em todas as esplêndidas mensagens de Soufanieh, onde se fala de uma vinda que talvez pudesse constituir uma espécie de ameaça. E mesmo assim, não sei.

Em compensação, as mensagens de Soufanieh apelam a uma partida:

Vai e anuncia, diz ao mundo inteiro...

Logo que Myrna regressou a Damasco: *Vai, anuncia...*

Porque tens medo?

Eu estou contigo.

A Virgem e Jesus repetem treze vezes: *Não tenhais medo!*

Pelo menos uma dezena de vezes a Virgem e Jesus dizem explicitamente:

Nós estamos convosco.

E na última frase da Sua última mensagem, a Virgem afirma:

Porque nós estamos contigo e com quem desejar que a festa da Páscoa seja unificada.

Nós: *Nós estamos contigo.*

Então é inútil discutir.

Ide. Eu estou convosco.

É exactamente esta a missão dada por Jesus aos Apóstolos.

Portanto é uma nova partida do cristianismo na região, mas um novo começo cujo obreiro é o Senhor, não nós.

Parece que Jesus nos diz com delicadeza:

“Meus amigos,

até aqui desfigurastes-Me muito.

Deixai que agora actue Eu.

Vós sois o pequeno resto.

Guardai-vos para o novo arranque.

Se restais é porque certamente fizestes muitos esforços, mas é sobretudo graças a Mim.”

Muitos historiadores consideram milagre haver ainda cristãos no Próximo Oriente. Se de facto a nossa presença é um milagre, o milagre é obra de Deus. Se de facto a nossa presença é um milagre parece, à luz de Soufanieh, que esse milagre prepara outro maior, o milagre de um novo arranque do cristianismo para a criação do que Jesus chamou: *O Meu Reino e a Minha Paz.*

Como a paz só assenta na justiça, esperamos que será também um Reino de Justiça total para o mundo. Em que todos os filhos de Deus viverão como filhos de Deus, na paz e no amor.

Contemplando Soufanieh concluímos que é inútil procurar apoio em alguma coisa ou em alguém. Podemos às vezes contar com a ciência, o dinheiro, o poder, ou os homens, mas até um certo limite.

O único com quem podemos contar sem limites é Jesus.

É Jesus.

E, como Ele nos concedeu a presença de Sua Mãe desta maneira tão forte e tão persistente,

temos o dever de agarrar fortemente a mão da Virgem,
porque com Ela temos a certeza de chegar a Jesus.
Temos a certeza de chegar a Jesus.

É por isso que Jesus nos disse, durante uma das mensagens mais belas e mais ternas:

É Ela a Minha Mãe, de quem Eu nasci.

Quem a honra honra-Me.

Quem a renega renega-Me.

Quem Lhe pede obtém, porque Ela é a Minha Mãe.

Por outras palavras: não procureis Jesus fora de Sua Mãe.

É portanto um apelo sério dirigido à Igreja para que ela se liberte de tudo o que não é Deus.

Um apelo insistente, através das mensagens de Soufanieh.

É um apelo sério do Senhor à Sua Igreja.

E quando digo “Sua Igreja”,
refiro-me a toda a Sua Igreja.

As pequenas Igrejas são Sua Igreja.

Ele quer fundar uma Igreja una.

É o momento por excelência para a Igreja se apoiar unicamente no Senhor, fazendo sua a oração que Jesus ensinou a Myrna, e através de Myrna a todos nós:

Ó bem-amado Jesus concede-me que repouse em Ti.

A Igreja está tão fatigada, tão dilacerada, perdeu tanto sangue, que creio que não poderá reencontrar o seu repouso, a sua força e vitalidade, senão em Jesus.

E só em Jesus.

Se todos os padres, todas as religiosas, todos os bispos, todos os cristãos do Próximo Oriente, com os homens de boa vontade, rezassem a oração ensinada a Myrna por Jesus:

“Bem-amado Jesus concede-me que repouse em Ti sobre todas as coisas”,

acredito que um vento de libertação extraordinária passaria, não apenas no Próximo Oriente mas em todos os corações e conduziria à unidade .

O amor que tenho à Igreja

O amor que eu tenho
à Igreja,
é o que tenho ao próprio Jesus.
A Igreja é minha Mãe.
Sem ela eu não teria conhecido Jesus,
não teria conhecido Maria,
e, por consequência, eu não me teria conhecido.
Eu não me teria conhecido tal como sou aos olhos de Deus.
Foi a minha Mãe que me deu Deus.
Mais ainda no sacerdócio.
Ela deu-me Deus duma maneira muito especial no sacerdócio.
Deu-me Deus duma maneira tão especial
que posso dá-lo agora aos outros.
Senão não me chamariam “Padre”, “Abouna”, o pai de todos.
Estou apanhado numa espécie de triângulo:
a Igreja deu-me Deus,
a Igreja deu-me a Deus,
e a Igreja permite-me dar Deus aos outros.
É um triângulo que se completa
e que se compraz no amor.

Mas o amor não impede a lucidez.
Pelo contrário.
Quando se ama verdadeiramente, deve ser-se lúcido.
Senão é um amor que cega e que acaba por destruir aqueles que se amam.
Mesmo que a Igreja esteja engelhada,
que tenha dois mil anos,
que seja apodada de “velha”,
que me tenha feito sofrer,
continua a ser minha Mãe.
E amo-a porque Deus a ama.
Amo-a porque Deus me ama nela.
Amo-a porque foi ela que me ensinou Deus e me ensinou a amá-Lo.

Sem ela, eu não seria absolutamente nada.
Mas, por vezes, queria-a mais Mãe do que é.
Não só para mim.
Para todos os seus filhos.
Tanto os ricos como os pobres.
Tanto os inteligentes como os débeis.
Tanto os cultos como os incultos.
Queria-a para todos por inteiro.
Nem sempre é assim.
Mas isso não me impede de a amar,
E porque a amo, digo-lho.

Isto faz-me sofrer
e fá-la sofrer,
mas é um sofrimento de amor.
É um amor que pode às vezes atingir um grau de cólera
que me magoa,
que magoa os outros,
mas continua a ser amor.
E não posso iludir-me praticando uma política de lisonja
ou de silêncio,
onde sinto que falta ao amor que devo à minha Mãe,
e portanto ao Senhor.

É uma Mãe que viu arrancarem-lhe os filhos, no decurso da história.
É uma Mãe que, muitas vezes, pagou com o seu sangue para conservar os
filhos ao abrigo de uma diminuição física, ou social, ou espiritual.
É uma Mãe que, por vezes, se deixou comprometer por diferentes causas
de ordem humana e que, em consequência, cometeu o erro de perder uma
parte dos seus filhos.
Continua a ser minha Mãe.
Amo-a
e faço questão de lho dizer.
Para que ela não perca mais uma vez,
apoiando-se em coisas estritamente humanas,
para que ela não perca outros filhos, como perdeu no passado.

E gostaria que ela também mo dissesse,
porque sou seu filho.
Que ela tenha a coragem de mo dizer,
quando vê que eu descarrilo.
Um amor que não se baseia na sinceridade e na honestidade não é amor.
Podemos procurá-lo no mundo,
Mas o mundo é muito imperfeito.
No mundo, não podemos encontrar a honestidade.
Mas se a honestidade se perdesse, onde a encontraríamos
se não pudéssemos encontrá-la na Igreja?
Portanto, como faço questão de dizer a verdade a minha Mãe,
em nome do amor que lhe tenho,
e em nome do amor que tenho ao Senhor,
eu quereria que a minha Mãe também me dissesse a verdade.
Para que, todos juntos, estejamos na verdade.
E na verdade façamos a obra de Deus.

A Igreja é uma Igreja de fidelidade que, através de dois mil anos de
constância, de sofrimento e mesmo de perseguição, conseguiu salvaguardar
este resto sobre o qual o Senhor reedificará, apesar da pequenez, de todas
as fraquezas, de todas as divisões e dilacerações deste pequeno resto.
Este resto sobre o qual o Senhor Se vai apoiar para reconstruir o Seu Reino.
É a Sua promessa.

E, para mim, esta promessa
é um motivo maior de amor
a Jesus e a minha Mãe.

Porque a minha Mãe me concedeu viver a graça de Soufanieh,
que é uma graça de presença do Senhor.
Ela permitiu-me reviver esta nova partida,
e revivê-la em esperança.

Não tenho a certeza de ver realizada a menor parcela.

Mas pude vivê-la em esperança
e espero vê-la, lá de cima, realizada aqui em baixo lentamente,
com os meus outros irmãos em Cristo.

Na minha região, em Damasco, na Síria, no Líbano, na Palestina, no Iraque
e em todo o mundo.

No Próximo Oriente e em seguida no mundo.

É esse resto no qual o Senhor insuflará o Seu Espírito, esse resto a quem Ele voltou a dar a Sua Mãe com uma tal efusão,
uma tal generosidade,
uma tal ternura,
que nos deixa de tal modo surpreendidos
que, querendo dar ao Senhor uma acção de graças adequada,
nos sentimos impotentes, completamente aquém.
Completamente.

Queria que a minha Igreja,
que é minha Mãe,
esteja na verdade e no amor,
a ponto de não tardar muito a descobrir em Soufanieh esta mão estendida
e este coração aberto do Senhor.
Quando Ele mostrou a Santa Margarida Maria Alacoque o Seu coração
dizendo-lhe: “Vede este Coração que tanto amou o mundo”,
a Sua imagem divulgou-se,
um Coração que arde.
Creio que em Soufanieh há mais que a imagem.
O Senhor diz sempre: “Eu amo-vos”.
E está sempre a dar-nos sinais.
Ele apareceu várias vezes à Irmã Margarida Maria Alacoque, mas era uma
única pessoa.
Ela teve a coragem de o dizer e acreditaram nela.
Alguns não, mas lentamente a mensagem foi seguindo o seu caminho.
Agora em Soufanieh o Senhor mostra um tal amor,
uma tal ternura, pressa,
tenacidade,
que parece querer dizê-lo a todos.
Queria que a Igreja,
que é minha Mãe,
não se recusasse a abrir os olhos para ver esta mão estendida
e este Coração aberto do Senhor.
E para ver neste Coração aberto na cruz o Coração do Ressuscitado,
que insufla o Seu Espírito na Sua Igreja,
como o insuflou no tempo dos Apóstolos.
Diria que seria o arranque de uma nova Encarnação do Senhor, se me

é permitido falar assim.

O que me entristece é ver que, nesta Igreja que é minha Mãe,
há homens sempre capazes,
e eu também o sou,
de, cada um a seu nível, fazer abortar a obra de Deus.
Este medo de um poder humano capaz de fazer abortar a obra de Deus
acompanhou-me durante um certo tempo.
No dia em que tive a certeza de que, em Soufanieh, era o Senhor que agia,
conhecendo um pouco a história da Igreja,
sabendo o respeito enorme que Deus tem pelo homem,
senti verdadeiro medo de que a Igreja tome medidas que abafem esta obra
de Deus.
Felizmente o Senhor poupou-nos a essa desgraça.
Evitou esse disparate humano.
Permitiu que as autoridades agissem com uma lentidão que me entristece,
mas não lhes permitiu que agissem com uma agressividade que podia ter
ido ao ponto de abafar a graça.

Continuo a rezar pelos que têm o poder na Igreja.
Para que saibam que acima deles está Jesus.
Para que saibam que acima da sua ciência há o Senhor.
Para que saibam que, acima de todos os seus conhecimentos,
há coisas que a Virgem disse,
que nós ignoramos totalmente mas que o Senhor compreende.
E para que saibam que o plano de Deus não é o que eles concebem,
mas o que o próprio Deus concebe.
E que os servidores de Deus devem ser conformes à ideia que o Senhor
tem deles,
não à que eles têm de si próprios,
ou à ideia que querem ter do Senhor.
Rezo por todos eles.

E queria muito que o Senhor apressasse o dia
em que nos permitisse que
todos os que O serviram em Soufanieh
e todos os que creram servi-Lo combatendo Soufanieh,

pudessem, juntos, agradecer-Lhe,
tanto aqui como lá em cima,
esta irrupção que Ele quis fazer na Sua Igreja,
no mundo árabe,
no mundo actual,
para a ressurreição do Seu amor em nós, em cada homem.
Que o Senhor nos conceda nunca sermos como os fariseus e os notáveis
de Jerusalém.

E perante o espectáculo de um mundo tão tenso,
tão mal repartido, tão aculeado por situações inextrincáveis,
tão submetido ao poder do dinheiro
e a outros poderes mais ou menos ocultos,
perante um mundo assim,
escutando as mensagens de Soufanieh,
vendo o amor do Senhor, tão grande, tão tenaz,
só se pode mergulhar no absoluto e ter confiança.
Ter confiança no Senhor e, como diz a Escritura,
esperar contra toda a esperança.

Mas esperar na alegria, no amor que vem,
que vem ao nosso encontro
e que quer pôr-se a caminho connosco,
para se expandir por todo o mundo, em todos os corações,
e nos fazer uma nova terra.

É o momento de pedirmos ao Senhor que nos envie o Seu Espírito Santo,
para recriar o mundo.

É preciso que todos rezemos por isso.

Que acolhamos esta visita do Senhor a Soufanieh, a Medjugorje, a Kibeho,
um pouco por todo o mundo.

Visita pela qual Ele nos diz que quer refazer um mundo humano,
por iniciativa d'Ele, Deus.

Porque só Ele é capaz de o fazer.

“Senhor, aumentai a nossa fé!” (Lc 17, 5).

Os Apóstolos disseram-no.

Hoje, eu digo-Vo-lo em nome de todos os meus irmãos:

“Eu creio Senhor, mas aumentai a nossa fé!” (cf. Mc 9, 24)

Ámen.

Anexo

Foi em Setembro de 1991 que apareceu nas Edições de François-Xavier de Guibert, em Paris, o livro «Souvenez-vous de Dieu» («Lembraí-vos de Deus»).

Este livro resultou de um monólogo registado em cassetes por Bernardette Dubois, em cinco sessões, em Maio, durante o período em que eu me ocupava em Paris com a tradução do meu livro «Soufanieh: Chronique des Aparitions de Jesus et de Marie à Damas» («Soufanieh: Crónica das Aparições de Jesus e de Maria em Damasco»).

O monólogo registado respondia às numerosas interrogações que o meu editor se fazia, como leitor francês, à medida que ia lendo a minha tradução francesa do livro árabe.

Não escondo que fiquei surpreendido quando M. Bernardette Dubois me transmitiu o desejo premente de M. F.-X. De Guibert de publicar este “monólogo” ao mesmo tempo que a tradução do livro de Soufanieh.

Concordamos dar-lhe por título a primeira frase com que a Virgem começara as Suas mensagens, na segunda aparição a Myrna: **«Lembraí-vos de Deus».**

Não me entusiasmou a publicação deste “livro”. Mas confiei em F.-X. de Guibert, o qual confiou cegamente em Maria assumindo todos os riscos da publicação do volumoso livro «Soufanieh: Crónica das Aparições...»

O que se seguiu confirmou a justeza de visão de F.-X. de Guibert e a sua audácia espiritual. Quantas cartas recebi de França relatando a alegria e o conforto proporcionado a quem mas dirigia, incluindo padres e até psicanalistas!

De novo, e pela enésima vez, eu tinha a demonstração clara das maravilhas que o Senhor opera sem cessar, diria que sem nos apercebermos, servindo-Se de instrumentos tão pouco preparados, para não dizer mesmo tão mal preparados para um tal serviço de evangelização.

E eis que depois Ele me conduziu, por este mesmo livro, de surpresa em surpresa.

Logo que apareceu em francês, um amigo de Damasco, escritor árabe de grande envergadura, Adib Mousleh, entendeu que era lamentável que este texto não fosse acessível aos leitores árabes. Conhecendo a minha impossibilidade material de o traduzir, meteu mãos à obra sem mesmo me avisar, e ofereceu-me a tradução árabe como presente de Natal em 1994, pedindo-me a revisão de algumas frases que considerava arriscadas para os ouvidos árabes e muçulmanos.

Feita a revisão por mim e Antoine Makdissi, Adib Mousleh mandou imprimir o livro à sua custa no Líbano, para ser distribuído gratuitamente como tudo o que diz respeito a Soufanieh no Mundo Árabe. Em 1999 imprimiu-se uma segunda edição.

Nova surpresa em Junho de 1996 quando me encontrava nos Estados Unidos com Myrna, em peregrinação.

Numa igreja greco-católica de S. Francisco rezamos e celebramos o Hino Acatista⁶ e Myrna deu o seu testemunho acompanhado de abundante exsudação de óleo. Alegria, acção de graças. À saída da igreja, um americano de tipo vietnamita e aparentando cerca de cinquenta anos abordou-me em francês e apresentou-me um exemplar em vietnamita do meu livro «Lembrai-vos de Deus». Pediu desculpa por tê-lo feito sem autorização minha e do editor. Conhecendo o entusiasmo de F.-X. de Guibert assegurei-lhe com alegria o reconhecimento de nós os dois. No meu coração só pude agradecer intensamente à Virgem por resolver à Sua maneira, toda surpresa e eficácia, a divulgação da Sua tripla e única mensagem “de fé, de amor e de unidade” através do mundo.

Três anos depois a Virgem esperava-me em Fátima para uma nova surpresa. Durante a viagem com Myrna, a Portugal, em 1999, conheci em Coimbra a dra. Maria Adelaide que, num francês impecável, me falou da sua admiração pelo meu livro «Lembrai-vos de Deus» e do seu desejo de o traduzir para português. Preocupava-a a autorização do editor francês.

⁶ O Hino Acatista, bela composição mariana do rito bizantino, canta o mistério da encarnação do Verbo de Deus, contemplando a Virgem Mãe. (N.T.)

Tranquelizei-a e pedi a F.-X. de Guibert a autorização escrita que foi dada, como sempre, explicitamente gratuita.

Isto foi em 1999, no mês de Janeiro.

Ora, desde a Páscoa de 1990 até à de 2000 Myrna não teve nem êxtases nem estigmas e não recebeu nenhuma mensagem, como lhe tinha dito a Virgem durante o êxtase de 26 de Novembro de 1990. A razão era tão evidente como simples: durante estes dez anos a Páscoa foi festejada em datas diferentes pelos católicos e pelos ortodoxos.

E eis que em 2001 festejaram juntos a Páscoa.

Como era de esperar Myrna teve de novo estigmas, pela 5ª vez, e pela 34ª vez êxtase acompanhado de uma mensagem longa e surpreendente. Quanto ao Ícone Miraculoso, completamente seco desde a noite de Páscoa de 1990, exsudou óleo na noite de Sexta-feira para Sábado Santo de 2001. Tudo isto coroado por um êxtase, o 35º, na noite de 26 de Novembro de 2001, acompanhado de uma mensagem poderosa.

São estas duas e importantes mensagens que me proponho comentar brevemente, em resposta ao desejo perfeitamente legítimo da dra. Maria Adelaide.

Mensagem de Sábado Santo 14 de Abril de 2001—às 14h50

«Meus filhos,

Dei-vos um sinal para Minha glorificação.

Prossegui o vosso caminho e Eu estou convosco, senão fecho-vos as portas do céu.

Mas aqui está uma Mãe que sofre, que reza e Me diz:

“Senhor, Tu és todo Amor”.

E respondo: “Não desesperes, ó Porta do Céu,

porque Eu amo-os e quero que eles Me retribuam este amor como um dom”.

Meus filhos,

aplicai-vos a conhecer-vos tal como sois e a medir o grau da vossa fidelidade na realização da unidade dos corações entre vós.

Muni-vos de paciência e de sabedoria e não tenhais medo se falhardes. Perseverai na esperança.

Tende confiança em Mim porque não abandonarei os que cumprem a Minha vontade.

Quanto a ti, minha filha, sê circumspecta e arma-te com a Minha graça.

Sê paciente, prudente e humilde. Oferece os sofrimentos com alegria.

Porque já te disse: as tuas canseiras não se prolongarão.

Dirige o teu olhar para Mim e encontrarás a paz e o repouso.

Porque sou Eu que te fortaleço.

Sou Eu que te lanço no combate e sou Eu que te tiro dele para te conduzir à alegria do céu.

Aplica-te à oração e que o teu jejum seja acompanhado de meditação e recolhimento; então ouvirás a Minha voz no teu foro íntimo.

Tem confiança em Mim

porque não te abandonarei nem a ti, nem à tua família,

nem a nenhum daqueles que colaboraram contigo em minha honra e unicamente por Mim».

**Mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo a Myrna, em Soufanieh,
a 26 de Novembro de 2001, às 19h02.**

«Como é bela a família cuja divisa é a unidade, o amor e a fé. O seu caminho é o Meu e a Minha Mãe é o seu suporte.

Meus filhos,

Eu próprio Me ofereço a vós.

O acto de adoração, a meditação, a acção de graças
e o acompanhamento espiritual alegram-Me.

Mas só atingem a perfeição pela vossa unidade à volta do altar.

Ofereço-vos o Meu Corpo e o Meu Sangue
como penhor da Minha fidelidade e do Meu amor.

Aceitai de Mim este sacramento com confiança e fé.

Este sacramento consola-vos, dá-vos força e sabedoria
e concede-vos um acréscimo de graça.

Esperam-vos dias difíceis, perturbações no interior da Igreja.

A divisão constitui um perigo para quem não tem a verdadeira paz.

Não vos deixeis abater.

Não façais caso do julgamento dos outros contra vós.

Não vos defendais e não pergunteis o que preparei Eu para vós.

Sou Eu quem se ocupa dos vossos problemas,

porque vós sois obra das Minhas mãos.

Mostrai-Me o vosso amor,

Porque, por amor, Eu caminho a vosso lado

e pelos sacramentos uno-Me a vós.

E não esqueçais que sou Eu a causa da vossa existência na terra
e a razão da vossa felicidade no céu».

Tomadas em conjunto, ressalta aos olhos que estas duas mensagens constituem, pela sua extensão e conteúdo, dois blocos ao mesmo tempo distintos e complementares.

Vinda depois de um silêncio de 11 anos, a primeira Mensagem começa por uma frase que cai como um cutelo sobre a cabeça dos ouvintes presentes e dos ulteriores leitores. E sobretudo porque esta primeira frase vai ao encontro do início de uma mensagem dada no Sábado Santo de 1987, que ficara incompleta e que, depois, parecia suspensa como uma perpétua ameaça, e de que se esperava, com inquietude, a sequência que sabíamos que deveria vir um dia, mas que receávamos!

Desejo e temor!...

De facto, toda esta mensagem constitui um quadro simultaneamente terrível e reconfortante. O quadro de um Deus profundamente decepcionado, mesmo já sem paciência, mas sempre solicitado por uma Mãe Toda Amor, que os Santos qualificaram como “Omnipotência Suplicante”, e a que Jesus dá um nome que não podia ser mais grandioso: “Porta do Céu”. Um Deus que, fiel a si próprio, Se faz, em consequência, toda a ternura e toda a humildade para... convidar, ao mesmo tempo, todos os Seus filhos e Myrna.

É um convite para todos a mais verdade, paciência, sabedoria e esperança, no esforço de unidade dos seus corações, assegurando-lhes a Sua protecção indefectível.

Entretanto Myrna recebe um convite suplementar e muito significativo. Basta reler a parte da mensagem que lhe diz respeito, toda ela limpez e ternura. Esta parte não necessita de comentário.

Mas há uma frase que choca pela densidade da promessa feita, como casualmente, a Myrna e que me parece anunciar um novo e impressionante lugar na evolução espiritual de Myrna.

“Aplica-te à oração e que o teu jejum seja acompanhado de meditação e de recolhimento; então tu ouvirás a Minha voz no teu foro íntimo.”

Não será a promessa de uma nova fase do impacto de Myrna na sua missão de evangelização e no papel que Jesus e Maria lhe atribuíram por várias vezes de ser instrumento de “*educação das Suas gerações*”?

E a mensagem termina com uma promessa que não podia ser mais reconfortante, dirigida a Myrna e a toda a família de Soufanieh em todo o mundo:

O Senhor pede explicitamente a Myrna e a todos os que, diz Ele, *“colaboraram contigo em Minha Honra e unicamente por Mim”*, que se entreguem totalmente a Ele.

Quem lê e relê esta mensagem extraordinária poderá interrogar-se se foi de facto a mesma pessoa que deu esta mensagem!...

Mas foi! Surpreendente Jesus, cujo amor infinito, e infinitamente decepcionado, continua sempre a ajudar-nos a vencer a nossa negra miséria e a mergulhá-la na imensidade incomensurável do Seu Coração Misericordioso!...

Eis agora a Mensagem de 26 de Novembro de 2001.

Na linha de certas mensagens em que, primeiro Maria e depois Jesus, incitavam os fiéis a anunciar às gerações a tripla e única Mensagem de *“Unidade, de Amor e de Fé”*, esta mensagem recorda uma verdade básica que é a da Unidade vital com Jesus e em Jesus, unidade que se faz à volta do Altar, a partir dos sacramentos, sobretudo da Eucaristia.

Porque Ele diz: *“Ofereço-vos o Meu Corpo e o Meu Sangue como penhor da Minha Fidelidade e do Meu Amor”*.

E acrescenta: *“Aceitai de Mim este sacramento com confiança e fé. Este sacramento consola-vos, dá-vos força e sabedoria e concede-vos um acréscimo de graças...”*

Tudo isto poderia parecer normal.

Mas o que se segue e anuncia abertamente *“dias difíceis”* e *“perturbações no interior da Igreja...”* põe os fiéis perante interrogações angustiantes e múltiplas e asserções graves que lhes tornam mais que evidente a necessidade de se estar bem e definitivamente enraizado em Cristo. Senão é a perda da paz, o abandono ao insucesso, o falso medo das críticas e, para terminar, a cegueira sobre o que o Senhor nos preparou, e que deve

permanentemente ser o nosso único objectivo.

Porque, diz Ele simplesmente, mas divinamente: “*vós sois a obra das Minhas Mãos*”. Uma tal declaração é suficiente para tornar os mais hesitantes confiantes e sólidos como rocha. “Dias difíceis”... Onde?... Como?... Por quanto tempo?...

O mundo actual, na sua totalidade, assim como o mundo árabe em particular, não são uma prova evidente, dolorosa e sempre carregada de novas e cada vez maiores ameaças?

“Perturbações no interior da Igreja”...

Não há já bastantes perturbações na Igreja, da base às cúpulas e em todo o corpo espalhado pelo mundo?

O que nos reserva o futuro, e contra o qual o Senhor, na Sua insondável sabedoria procura prevenir-nos, para nos ajudar, pela oração e a preocupação única da Sua Vontade, assim como pela frequência amorosa e confiante dos Sacramentos, sobretudo da Eucaristia, a imunizarmo-nos um pouco para continuarmos testemunhas do Seu Amor, companheiros da Sua presença e viventes na Sua Unidade?

Haverá uma alternativa diferente, num mundo que à evidência parece, nas suas Potências Dominantes decidido a passar sem Deus, e nos inumeráveis rebanhos humanos do Terceiro ou do Quarto Mundo... reduzido à escravidão, no plano humano, económico, cultural, social e mediático, a ponto de bascular sempre num círculo infernal e interminável de genocídios programados e de massacres, destinados a destruir esta vontade de Amor, de Justiça e de Paz que Deus não cessa de proclamar?

Deus, o grande esquecido!

E no entanto, Ele está presente, sempre presente. Mais vivo que nunca, mais amante que nunca, mais Senhor e... mendigo que nunca!

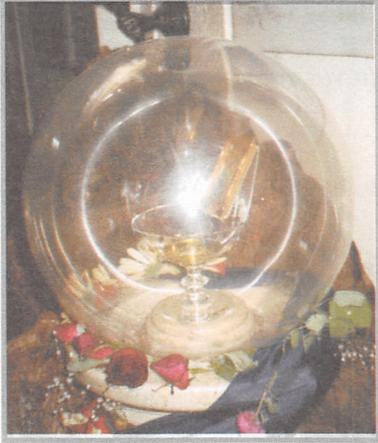
É Ele “o Princípio e o Fim”!

Esta mensagem de 26 de Novembro, dada no coração do Mundo Árabe, em Damasco, neste modesto bairro de Soufanieh, é para Ele o momento crucial e ardente para nos lembrar esta simples e grande verdade:

“E não esqueçais que sou Eu a causa da vossa existência na terra e a razão da vossa felicidade no Céu”!

Se esquecermos isto que resta ao homem, mesmo que venha a ganhar o Universo?

P. Elias Zahlaoui
Damasco, Festa da Assunção
15 de Agosto de 2003



1



2



3



4



5



6



7

1 - Protegido por uma redoma de vidro hermeticamente fechada, o pequeno Ícone exsuda óleo para a taça.

2, 3, 4, 5 - Os estigmas: na cabeça, mãos, pés e lado.

6 - O óleo exsudando das mãos de Myrna.

7 - Como a Virgem aparece a Myrna. Pintura de Leopold (Bélgica) segundo indicações da vidente.

ÍNDICE

Prefácio	5
Prefácio do original francês	7

PRIMEIRA PARTE AS MENSAGENS DA VIRGEM MARIA E DE CRISTO, EM SOUFANIEH

Introdução	10
1 - Segunda aparição, primeira mensagem Sábado 18 de Dezembro de 1982	12
2 - Terceira aparição, segunda mensagem Sábado 8 de Janeiro de 1983	21
3 - Quarta aparição, terceira mensagem Segunda-feira 21 de Fevereiro de 1983	24
4 - Quinta aparição, quarta mensagem Quinta-feira 24 de Março de 1983	30

5	- Os êxtases, primeiro período Sexta-feira 28 de Outubro de 1983 Terça-feira 26 de Novembro de 1985	52
6	- Os êxtases, segundo período Quarta-feira 26 de Novembro de 1986 Sexta-feira 14 de Agosto 1987	67
7	- Os êxtases, uma inflexão Segunda-feira 7 de Setembro de 1987 Quinta-feira 26 de Novembro de 1987	78
8	- Os êxtases, terceiro período Domingo 14 de Agosto de 1988 Segunda-feira 10 de Outubro de 1988	82
9	- Os êxtases, quarto período Sábado 26 de Novembro de 1988 Segunda-feira 26 de Novembro de 1990	89

SEGUNDA PARTE

A IRRADIAÇÃO DE SOUFANIEH

1	- Permanência do fenómeno	109
2	- A importância da oração	111
3	- A familiaridade com Deus	113

4 - A maternidade de Maria	115
5 - Serva do Senhor	117
6 - Mediadora	120
7 - A santidade do matrimónio	123
8 - Nicolas	126
9 - Uma página do Evangelho	130
10 - Sem Mim nada podeis	132
11 - Contra a tentação materialista	134
12 - As diversas reacções	138
13 - O sinal do óleo	142
14 - O mistério da graça	144
15 - Os acontecimentos de Soufanieh e a minha vida de padre	146
16 - A unidade da Igreja	150
17 - Os cristãos da Síria	154
18 - No coração do mundo árabe	159
19 - Um convite a que nos voltemos para o futuro	162

20 - Uma construção futura, de que se ocupa o Senhor	164
21 - Todos irmãos em Cristo	168
22 - Difusão através do mundo	171
23 - O que conta é o teu coração	173
24 - Uma excepcional irrupção de Deus	176
25 - O amor que tenho à Igreja	179

ANEXO

Introdução	185
------------------	-----

Mensagens de 2001:

Mensagem de 14 de Abril de 2001 – Sábado Santo	188
--	-----

Mensagem de 26 de Novembro de 2001	189
--	-----

FOTOGRAFIAS	194
--------------------------	-----

Reservados todos os direitos sendo absolutamente proibido
fotocopiar ou reproduzir parcial ou totalmente,
sem autorização escrita da editora.

1.^a Edição
1 de Novembro de 2003
(Dia de todos os Santos)

Editora e Depositária:

CIDADE DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

Apartado 86 • 2496-908 FÁTIMA

Telf. 249 531 146 • Fax 249 533 435

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Tipografia de Fátima, Lda. • FÁTIMA

Depósito Legal N.º 203093/03

“Meus filhos, lembrai-vos de Deus”.

São estas as primeiras palavras da primeira mensagem dada por Maria a Myrna quando lhe apareceu pela segunda vez, em Soufanieh, entre homens e mulheres que são descendentes de uma das primeiras comunidades cristãs da história, a de Damasco, cidade de Paulo, na Síria.

“Lembraí-vos de Deus”.

Em árabe quer dizer voltai-vos para Deus, reconhecei a Sua grandeza, louvai-O.

Importância da oração – familiaridade com Deus – maternidade universal de Maria – sem a Sua ajuda nada podemos fazer – lutar contra a tentação materialista – indispensável unidade dos cristãos.

Este livro propõe uma leitura completa, comentada, explicada, meditada das mensagens de Soufanieh que Maria dirige ao mundo inteiro através de Myrna.

Dada a uma mãe de família em terra árabe, numa comunidade cristã dividida num mosaico de igrejas, a mensagem de Soufanieh tem uma importância profética capital para a unidade dos cristãos, à qual Maria apela com uma insistência premente e desolada.

Maria anuncia que esta unidade está próxima. Os acontecimentos de leste sobrevivendo depois dão a este apelo, a este anúncio, a esta espera da unidade cristã toda a sua dimensão, a do maior acontecimento deste milénio, que Maria prepara com os homens de boa vontade.